

**VANDA MARINA DOS SANTOS
DA SILVA APOLINÁRIO**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

**Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino
Básico e no Ensino Secundário
Escola Salesiana de Manique**

O Eu | O Espelho;

**Unidade Didática de Retrato aplicada ao 9.º ano de
escolaridade na Disciplina de Educação Visual**

**VANDA MARINA DOS SANTOS
DA SILVA APOLINÁRIO**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

**Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino
Básico e no Ensino Secundário
Escola Salesiana de Manique**

O Eu | O Espelho

Relatório de Estágio apresentado ao IADE-U Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (Domínio 15) realizado sob a orientação científica do Doutor Eduardo Alberto Vieira de Meireles Côrte-Real, Professor Associado e Presidente do Conselho Científico do Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário e, sob coorientação da Professora Ana Maria Ribeiro Simões, Professora de Educação Visual e Coordenadora do Departamento Curricular de Expressões na Escola Salesiana de Manique.

Dedico este trabalho aos meus filhos, à luz da minha vida, Matilde e Lourenço.

Dedico, também, a todos aqueles que acreditam no meu valor, em especial ao meu marido Luís Silva.

Por último, dedico aos Mestres da minha vida, Daniel Apolinário e Maria de Fátima Apolinário.

O júri

Presidente	Doutora Maria de Lourdes Rodrigues de Victória Riobom, Professora Auxiliar do Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário
Arguente	Doutora Susana Margarida Álvares de Carvalho de Andrade Campos, Professora Auxiliar da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa
Arguente	Ana Maria Ribeiro Simões, Professora de Educação Visual e Coordenadora do Departamento Curricular de Expressões na Escola Salesiana de Manique
Orientador	Doutor Eduardo Alberto Vieira de Meireles Côrte-Real, Professor Associado e Presidente do Conselho Científico do Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário

Agradecimentos

A todos aqueles que tornaram possível a realização deste trabalho, a minha mais profunda gratidão.

À Direção da Escola Salesiana de Manique por permitir a realização do estágio pedagógico e consequente concretização deste relatório de estágio, colaborando com todos os elementos necessários à sua execução.

À professora Ana Simões, pelos muitos ensinamentos que me transmitiu, pela amizade que sempre demonstrou, pelo carinho com que sempre me acolheu e pela disponibilidade sempre presente. Aos meus alunos, pela grandiosa viagem e seus olhares desafiadores... e por tudo aquilo que me ensinaram!

A todos os educadores que se inquietam, que procuram, que interrogam o seu saber, em especial, o da Arte.

Às minhas colegas de mestrado Lilian Barros e Teresa Guimarães, por todas as trocas de experiências, de conhecimentos, dúvidas e questões, que me permitiram evoluir como docente e pessoa.

À minha colega Sofia Carvalho, pela boa vontade, na requisitada revisão do presente documento escrito.

Por fim, mas com igual importância, à minha extraordinária família: filhos, que deram as energias necessárias à concretização deste trabalho; marido pela sua presença, apoio, paciência e carinho; e pais, pelo incondicional e eterno apoio determinante na minha vida.

A todos, o meu muito obrigado!

Palavras-chave

Estágio Pedagógico; Educação Visual; Retrato; Autorretrato; Metodologia; Obras de Arte; Ensino-aprendizagem.

Resumo

No âmbito da Unidade Curricular de Tese|Projeto e Relatório de Estágio, realizou-se um trabalho pedagógico centrado no retrato e autorretrato na Escola Salesiana de Manique, mais concretamente no Departamento de Expressões, na disciplina de Educação Visual.

A prática pedagógica abraça a concretização de uma Unidade Didática e inclui trabalho pedagógico de intervenção direta, com alunos do 9.º ano de escolaridade, ao longo do ano letivo 2012|2013.

A Unidade Didática desenvolvida pretendeu abarcar conhecimentos curriculares angariados e adquirir mais experiência profissional, com o objetivo primordial de levar o maior número possível de discentes ao sucesso, quer a nível da formação académica quer a nível da formação integral.

Durante todo o processo, adquiriu-se e construiu-se novos saberes decorrentes da análise da observação, do aprofundar da teoria e da própria vivência que o estágio proporcionou.

Na observação e desenvolvimento das aulas, identificou-se, analisou-se e aplicou-se diferentes metodologias de ensino, numa perspetiva reflexiva, privilegiando o diálogo com as obras de arte. Destacam-se, entre outros, os modelos de ensino centrados no modelo expositivo, no modelo de instrução direta e no método comparativo.

Pelo trabalho desenvolvido, considero que este estágio criou uma oportunidade de desenvolver competências profissionais e refletir sobre o processo ensino-aprendizagem qualitativo, para um futuro desempenho eficiente.

Keywords

Teacher Training; Visual Education; Portrait; Self-portrait; Methodology; Works of Art; Teaching-learning.

Abstract

Under Course Thesis | Design and Training Report held pedagogical work focused on portrait and self-portrait in the Salesian School of Manique, specifically in the Department of Expressions, in the Visual Education discipline.

The pedagogical practice embraces the realization of a Unit Curriculum and pedagogical work includes direct intervention with students 9th grade over the school year 2012 | 2013.

The Unit Curriculum developed plans to address curricular knowledge raised and acquire more experience, with the primary objective to bring the greatest possible number of students to success, both in terms of academic training both within the formation.

Throughout the process adequiriu up and built up new knowledge resulting from the analysis of the observation, the deepening of the theory and the experience itself that provided the stage.

Observation and development of lessons identified, analyzed and applied to different teaching methodologies, a reflective perspective, favoring dialogue with the artworks. Stand out, among others, the models of teaching-centered model exhibition, in the model of direct instruction and the comparative method.

At work I consider that this stage has created an opportunity to develop professional skills and reflect on the teaching-learning process qualitative, efficient performance for a future.

ÍNDICE

Lista de siglas	19
Índice de figuras.....	21
Índice de gráficos	23
Índice de quadros.....	25
Índice de anexos	27

INTRODUÇÃO.....	31
------------------------	-----------

I PARTE – ENQUADRAMENTO DA DISCIPLINA	35
--	-----------

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO GERAL.....	35
1.1. Educação pela arte Arte e educação.....	36
1.2. Ensino artístico.....	39
1.3. O papel do professor e da escola na educação artística	41
1.4. Educação artística em Portugal	45
CAPÍTULO 2 – A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL	48
1.1. Introdução.....	48
1.2. Organização curricular da disciplina de Educação Visual	49
1.2.1. Matriz curricular do 3.ºCiclo.....	52
1.3. Metas curriculares do 3.ºCiclo: Educação Visual	52
1.4. Departamento e grupo disciplinar de Educação Visual.....	54
1.5. Avaliação da disciplina de Educação Visual	55
1.6. Reflexão sobre a disciplina de Educação Visual.....	56
1.7. Normas operativas de Educação Visual.....	60

II PARTE – METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO	61
--	-----------

CAPÍTULO 1 – O ESTÁGIO	61
1.1. Introdução.....	61
1.2. Objetivo geral.....	62
1.3. Objetivos específicos	62
1.4. Procedimentos	63
1.5. Calendarização	64
CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	66
2.1. Introdução.....	66
2.2. O rosto na História da Arte	66
2.3. O conceito de retrato.....	70

2.4. O conceito de autorretrato.....	72
2.5. Conclusão.....	75
III PARTE – METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DA UD03	77
CAPÍTULO 1 – O Eu O Espelho	77
1.1. Introdução.....	77
1.2. Pontos de partida.....	78
1.3. Propósito Objetivo da UD03	79
1.4. Planificação de Educação Visual: 9.º ano de escolaridade - UD03.....	79
1.5. Planos de aula	82
1.6. Desenvolvimento da UD03 (inclui registo fotográfico)	84
1.6.1. Enunciado da UD03.....	99
1.6.2. Conceitos e palavras-chave.....	99
1.6.3. Pesquisa literária e visual.....	103
1.7. Conclusão da UD03	103
1.8. Avaliação da UD03	104
1.8.1. Análise de dados da grelha de registo de avaliação do trabalho I da UD03 ..	106
1.8.2. Análise de dados da grelha de registo de avaliação do trabalho II da UD03 ..	107
1.8.3. Análise de dados da grelha de registo de avaliação do trabalho III da UD03 ..	107
1.8.4. Análise de dados da grelha de registo de avaliação final da UD03	108
1.8.5. Análise de dados da grelha de registo de avaliação da memória descritiva da UD03.....	109
1.8.6. Análise de dados da grelha de registo de autoavaliação da UD03.....	109
1.9. Disseminação dos trabalhos (inclui registo fotográfico)	109
1.10. Livro de turma.....	117
1.11. Reflexão da UD03.....	117
1.12. Caracterização da sala de Educação Visual (inclui registo fotográfico)	121
CAPÍTULO 2 – ATIVIDADE DE COMPLEMENTO CURRICULAR – VISITA DE ESTUDO AO MUSEU DE ELECTRICIDADE: EXPOSIÇÃO “RISO” (inclui registo fotográfico) ...	122
2.1. Introdução.....	122
2.2. Proposta.....	125
2.3. Objetivos	126
2.4. Roteiro.....	126
2.5. Recursos humanos envolvidos.....	127
2.5.1. Alunos.....	127

2.5.2. Professores.....	127
2.6. Recursos necessários	127
2.7. Informações e contatos do Museu de Electricidade	128
2.8. Autorização para os Encarregados de Educação	128
2.9. Análise da visita de estudo (Q3)	128
IV PARTE – RESULTADOS.....	133
CAPÍTULO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS SOBRE A AVALIAÇÃO UD03	
(Q1).....	133
1.1. Introdução.....	133
1.2. Número total de alunos da turma	134
1.3. Número de alunos quanto ao género.....	134
1.4. Unidade didática	134
1.5. Conteúdos da unidade didática	135
1.6. Objetivos da unidade didática	135
1.7. Estratégias metodologias utilizadas na unidade didática.....	135
1.8. Recursos utilizados na unidade didática.....	136
1.9. Técnicas e materiais utilizados na unidade didática.....	136
1.10. Meios de avaliação utilizados na unidade didática	136
1.11. Contribuição para o desenvolvimento de técnicas anteriormente aplicadas na disciplina	137
1.12. Contribuição para a aquisição de conhecimentos.....	137
1.13. Contribuição para o desenvolvimento da interpretação, da criatividade e da imaginação.....	137
1.14. Contribuição para o interesse pela leitura e descodificação de obras de arte	138
1.15. Qualidade estética da unidade didática	138
1.16. Rigor na concretização da unidade didática	138
1.17. Autonomia na realização da unidade didática	139
1.18. Número de horas disponibilizadas na unidade didática.....	139
1.19. Atitudes e valores na realização da unidade didática	139
1.20. Avaliação geral da unidade didática	140
1.21. Observações sugestões.....	140
1.22. Análise de dados	140
CAPÍTULO 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS SOBRE A AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DA PROFESSORA FACE À UD03 (Q2)	
	142

2.1. Introdução.....	142
2.2. Número total de alunos	143
2.3. Número de alunos quanto ao género.....	143
2.4. Introdução da unidade didática	143
2.5. Exposição dos conteúdos da unidade didática	144
2.6. Exposição dos objetivos da unidade didática	144
2.7. Exposição de estratégias metodologias da unidade didática	144
2.8. Exposição de recursos da unidade didática	145
2.9. Exposição de técnicas e materiais da unidade didática	145
2.10. Facultação de documentação complementar na unidade didática	145
2.11. Facultação de meios exemplos na unidade didática	146
2.12. Disponibilização para o esclarecimento de dúvidas questões na unidade didática.....	146
2.13. Acompanhamento no desenvolvimento do processo na unidade didática	146
2.14. Motivação na realização da unidade didática	147
2.15. Criação de um ambiente agradável na realização da unidade didática	147
2.16. Consideração sobre as opiniões sugestões dos alunos na unidade didática ..	147
2.17. Avaliação geral do desempenho da professora na unidade didática.....	148
2.18. Observações sugestões.....	148
2.19. Análise de dados	148
 V PARTE – CONSIDERAÇÕES FINAIS	 151
CAPÍTULO 1 – REFLEXÕES.....	151
1.1. Reflexões sobre a atividade letiva e não letiva desenvolvida	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	155
VÍDEOGRAFIA	161
LEGISLAÇÃO	163

LISTA DE SIGLAS

APEEESM Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Salesiana de Manique

APP Apoio Pedagógico Personalizado

ASE Ação Social Escolar

CA Contrato de Autonomia

CAF Componente de Apoio à Família

CEP Comunidade Educativo-Pastoral

CNA Ciências Naturais

CPCJ Comissão Protetora das Crianças e Jovens

CT Conselho de Turma

DE Departamento de Expressões

DL Decreto-Lei

DN Despacho Normativo

DT Diretor de Turma

EDF Educação Física

EDM Educação Musical

EDT Educação Tecnológica

EDV Educação Visual

EE Encarregado de Educação

EMRC Educação Moral e Religiosa Católica

ESM Escola Salesiana de Manique

FISEC Federação Internacional Desportiva das Escolas Católicas

FNAPEC Federação Nacional das Associações de Pais das Escolas Católicas

FOR Formação

FQ Físico-Química

FRC Francês

GD Grupo Disciplinar

GGF Geografia

HST História

IADU Instituto de Arte, Design e Empresa - Universitário

ING Inglês

ISF Federação Internacional do Desporto Escolar

MAT Matemática

ME Ministério da Educação

MEC Ministério da Educação e Ciência

NAEE Núcleo de Apoio Educativo Especial

NEE Necessidades Educativas Especiais

OEP Orientação Escolar e Profissional

p. página

PA Plano de Acompanhamento

PAA Plano Anual de Atividades

PALOP Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PAPI Planos de Acompanhamento Pedagógico Individual

PCE Projeto Curricular de Escola

PCT Projeto Curricular de Turma

PEE Projeto Educativo de Escola

PEI Programa Educativo Individual

PLNM Português Língua Não Materna

PORT Português

pp. páginas

PR Plano de Recuperação

QVEM Quadro de Valor Excelência e Mérito

RI Regulamento Interno

SASE Serviços de Ação Social Escolar

SPO Serviço de Psicologia e Orientação

TIC Tecnologias de Informação e Comunicação

UC Unidade Curricular

UD Unidade Didática

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Esquema representativo da literacia em artes	50
Figura 2. Desenhos estudos sobre as proporções do rosto de Leonardo da Vinci.....	68
Figura 3. Representação das proporções dos elementos do rosto, Betty Edwards....	70
Figura 4 - 11. Trabalhos realizados pelos alunos – 2.ª Prte Fase 1.....	89
Figura 12 e 13. Trabalhos realizados pelos alunos – 2.ª Prte Fase 2	90
Figura 14 - 19. Trabalhos realizados pelos alunos – 3.ª Prte Fase 3	91
Figura 20 - 23. Trabalhos realizados pelos alunos – 3.ª Prte Fase 3	92
Figura 24 - 31. Trabalhos realizados pelos alunos – 4.ª Prte Fase 3	93
Figura 32 e 33. Trabalhos realizados pelos alunos – 4.ª Prte Fase 3	94
Figura 34. Mapa organizador de conceitos: Visão diacrónica do desenho	100
Figura 35. Mapa organizador de conceitos: Visão sincrónica do desenho	100
Figura 36. Mapa organizador de conceitos: procedimentos-ensaios.....	101
Figura 37. Mapa organizador de conceitos: Estudo da cabeça humana	101
Figura 38. Mapa organizador de conceitos: Procedimentos	102
Figura 39. Mapa organizador de conceitos: Materiais	102
Figura 40 - 44. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.....	110
Figura 45 - 50. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.....	111
Figura 51 - 57. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.....	112
Figura 58 - 63. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.....	113
Figura 64 - 69. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.....	114
Figura 70 - 74. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.....	115
Figura 75 - 78. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.....	116
Figura 79 - 80. Sala de Educação Visual	120
Figura 81. Perspetiva diacrónica com obras de arte construída pelos alunos	124
Figura 82 - 83. Museu de Electricidade	128
Figura 84 - 87. Museu de Electricidade - Exposição: “Riso”	129
Figura 88 - 90. Museu de Electricidade - Exposição: “Riso”	130

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Avaliação final do trabalho I da UD03.....	106
Gráfico 2. Avaliação final do trabalho II da UD03.....	106
Gráfico 3. Avaliação final do trabalho III da UD03.....	107
Gráfico 4. Avaliação final da UD03	107
Gráfico 5. Avaliação da memória descritiva da UD03	108
Gráfico 6. Autoavaliação da UD03	109
Gráfico 7. Número de alunos da turma que responderam a Q1.....	134
Gráfico 8. Número de alunos da turma quanto ao género que responderam a Q1.....	134
Gráfico 9. Número de alunos da turma que responderam à questão 1 de Q1.....	134
Gráfico 10. Número de alunos da turma que responderam à questão 2 de Q1.....	135
Gráfico 11. Número de alunos da turma que responderam à questão 3 de Q1.....	135
Gráfico 12. Número de alunos da turma que responderam à questão 4 de Q1.....	153
Gráfico 13. Número de alunos da turma que responderam à questão 5 de Q1.....	136
Gráfico 14. Número de alunos da turma que responderam à questão 6 de Q1.....	136
Gráfico 15. Número de alunos da turma que responderam à questão 7 de Q1.....	136
Gráfico 16. Número de alunos da turma que responderam à questão 8 de Q1.....	137
Gráfico 17. Número de alunos da turma que responderam à questão 9 de Q1.....	137
Gráfico 18. Número de alunos da turma que responderam à questão 10 de Q1.....	137
Gráfico 19. Número de alunos da turma que responderam à questão 11 de Q1.....	138
Gráfico 20. Número de alunos da turma que responderam à questão 12 de Q1.....	138
Gráfico 21. Número de alunos da turma que responderam à questão 13 de Q1.....	138
Gráfico 22. Número de alunos da turma que responderam à questão 14 de Q1.....	139
Gráfico 23. Número de alunos da turma que responderam à questão 15 de Q1.....	139
Gráfico 24. Número de alunos da turma que responderam à questão 16 de Q1.....	139
Gráfico 25. Número de alunos da turma que responderam à questão 17 de Q1.....	140
Gráfico 26. Número de alunos da turma que responderam a Q2.....	143
Gráfico 27. Número de alunos da turma quanto ao género que responderam a Q2.....	143

Gráfico 28. Número de alunos da turma que responderam à questão 1 de Q2	143
Gráfico 29. Número de alunos da turma que responderam à questão 2 de Q2	144
Gráfico 30. Número de alunos da turma que responderam à questão 3 de Q2	144
Gráfico 31. Número de alunos da turma que responderam à questão 4 de Q2	144
Gráfico 32. Número de alunos da turma que responderam à questão 5 de Q2	145
Gráfico 33. Número de alunos da turma que responderam à questão 6 de Q2	145
Gráfico 34. Número de alunos da turma que responderam à questão 7 de Q2	145
Gráfico 35. Número de alunos da turma que responderam à questão 8 de Q2	146
Gráfico 36. Número de alunos da turma que responderam à questão 9 de Q2	146
Gráfico 37. Número de alunos da turma que responderam à questão 10 de Q2	146
Gráfico 38. Número de alunos da turma que responderam à questão 11 de Q2	147
Gráfico 39. Número de alunos da turma que responderam à questão 12 de Q2	147
Gráfico 40. Número de alunos da turma que responderam à questão 13 de Q2	147
Gráfico 41. Número de alunos da turma que responderam à questão 14 de Q2	148

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Calendarização do projeto – UD03 “O Eu O Espelho”	65
Quadro 2. Planificação de Educação Visual Metas Curriculares, 9.º ano – D9 “O Eu O Espelho”	81
Quadro 3. Metodologia Projetual, baseada em Munari (1998) e Fuentes (2006)	97
Quadro 4. Escala qualitativa e escala quantitativa <i>versus</i> níveis.....	105
Quadro 5. Recursos da sala de Educação Visual.....	121
Quadro 6. Turmas e número total de alunos na visita de estudo ao Museu de Electricidade - Exposição: “Riso”	127
Quadro 7. Professoras acompanhantes na visita de estudo ao Museu de Electricidade - Exposição: “Riso”	127

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1	III
Critérios de avaliação de Educação Visual	
ANEXO 2	IX
Folha de registo de avaliação para os Encarregados de Educação	
ANEXO 3	XIII
Normas operativas da sala de aula de Educação Visual	
ANEXO 4	XVII
Planificação de Educação Visual – 9.º ano de escolaridade	
ANEXO 5	XXIII
Planificação de aula a curto prazo I – II – III	
ANEXO 6	XXIX
Powerpoint “O rosto humano”	
ANEXO 7	XXXIII
Powerpoint “História da arte – Retrato Autorretrato”	
ANEXO 8	XXXIX
Guião de análise de uma obra de arte pictórica – Pop Art	
ANEXO 9	XLIII
Powerpoint “Composição gráfica”	
ANEXO 10	XLVII
Autorretrato escrito: físico e psicológico	
ANEXO 11	LI
Grelha de avaliação da Memória Descritiva	
ANEXO 12	LV
Powerpoint “Enunciado UD03 – O Eu O Espelho”	
ANEXO 13	LIX
Questionário aplicado aos alunos sobre a autoavaliação da UD03 (Q1)	

ANEXO 14	LXIII
Questionário aplicado aos alunos sobre a avaliação do desempenho da professora face à UD03 (Q2)	
ANEXO 15	LXVII
Grelha de avaliação da UD03	
ANEXO 16	LXXI
Cartaz “Exposição - O Eu O Espelho”	
ANEXO 17	LXXV
Questionário aplicado aos alunos sobre a avaliação da visita de estudo (Q3)	
ANEXO 18	LXXIX
Tabela de recolha de dados sobre a avaliação da visita de estudo (Q3)	
ANEXO 19	LXXXIII
Pedido de transporte	
ANEXO 20	LXXXVII
Pedido de autorização aos Encarregados de Educação	
ANEXO 21	XCI
Análise de dados sobre a avaliação da visita de estudo ao Museu de Electricidade (Q3)	
ANEXO 22	XCIX
Tabela de recolha de dados sobre a avaliação final da UD03 (Q1)	
ANEXO 23	CIII
Tabela de recolha de dados sobre a avaliação do desempenho da professora face à UD03 (Q2)	

ANEXOS DIGITAIS ⁽¹⁾

ANEXO DIGITAL 1

Horário da docente

1 - Apensos em suporte informático [DVD].

ANEXO DIGITAL 2

Projeto Educativo de Escola

ANEXO DIGITAL 3

Plano Anual de Atividades da Escola Salesiana de Manique

ANEXO DIGITAL 4

Regulamento Interno da Escola Salesiana de Manique

ANEXO DIGITAL 5

Ficha biográfica dos alunos

ANEXO DIGITAL 6

Caraterização da turma

ANEXO DIGITAL 7

Plano de turma

ANEXO DIGITAL 8

Ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual

ANEXO DIGITAL 9

Metas curriculares de Educação Visual

ANEXO DIGITAL 10

Proportions For Portrait Drawing: The Ultimate Guide Part 1

ANEXO DIGITAL 11

Sketching a Face - Basic Proportions

ANEXO DIGITAL 12

How to Draw Eyes

ANEXO DIGITAL 13

How to Draw Mouths

ANEXO DIGITAL 14

How to Draw Noses

ANEXO DIGITAL 15

Women in Art

ANEXO DIGITAL 16

Pop Art (parte 1/3)

ANEXO DIGITAL 17

Pop Art (parte 2/3)

ANEXO DIGITAL 18

Pop Art (parte 3/3)

INTRODUÇÃO

“O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problemas.”

Jean William Fritz Piaget, *A psicologia da criança*, 1998

O presente Relatório de Estágio, realizado no âmbito do Mestrado em Ensino Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, respeita à atividade docente exercida no ano letivo de 2012|2013, no Grupo 600-Artes Visuais, na Escola Salesiana de Manique (ESM) do concelho de Cascais, distrito de Lisboa.

O estudo a apresentar incide, portanto, sobre a lecionação de uma Unidade Didática (UD) na disciplina de Educação Visual (EDV), a uma turma do 9.º ano de escolaridade. Trata-se de uma disciplina lecionada duas vezes por semana, em três tempos semanais, um de noventa minutos e outro de quarenta e cinco minutos.

O estágio foi efetuado, nomeadamente, durante o 2.º e 3.º períodos, sendo responsável pela sua lecionação.

A prática pedagógica foi norteadada pela professora coorientadora com quem, igualmente, foram mantidas reuniões, com o objetivo de estruturar, preparar e efetuar o balanço das atividades de forma mais coesa e integrada.

A ESM foi, além de uma “escola de estágio”, a “escola de trabalho”, no sentido de permanência, enquanto professora efetiva|titular desde o ano letivo de 2002.

Além da área curricular de EDV, eleita para investigação no Relatório de Estágio foi, ainda, lecionada a área curricular de Formação (FOR) à mesma turma e atribuída a função de Diretora de Turma (DT) perfazendo, deste modo, um total de doze tempos semanais (ver anexo digital 1).

Assim, inserida no sistema social e organizacional da instituição escolar, experienciei toda a mecânica operacional, normativa e constitucional, participando em ações de formação, reuniões de Departamento de Expressões (DE) e de Grupo Disciplinar (GD), Conselhos de Turma (CT) e em todo o tipo de atividades de complemento curricular.

No âmbito do estágio propriamente dito, desde o início do processo, o Diretor Colegial da escola disponibilizou-se para total colaboração e auxílio e, a

coorientadora, além de uma profissional de excelência, revelou-se sempre presente e cooperante, o que muito serviu como agente de segurança e exemplo.

Ao longo da sua elaboração, a estrutura de trabalho foi sofrendo variadas reformulações advindas, em especial, da constante necessidade de aprofundar determinados conteúdos e, ainda, por força de algumas hesitações de carácter organizativo. Deste modo, a estrutura do presente Relatório de Estágio encontra-se dividida em cinco partes e dez capítulos que se relacionam e complementam entre si.

Na parte I, efetuei uma reflexão generalizada sobre a educação artística e o ensino artístico, nomeadamente, a educação pela arte e o papel do professor na educação pela arte. É, também, consumado o enquadramento da disciplina de EDV. Numa primeira abordagem, apresentei o programa de Educação Visual e respetiva organização curricular disposta pelo Ministério da Educação (ME), cujas diretrizes são comuns a todo o 3.º Ciclo do Ensino Básico, o DE e o GD onde se insere a disciplina. Por último, realizei uma sucinta reflexão sobre a área curricular.

Relativamente à parte II, apresentei a metodologia e desenvolvimento do estágio. É dado enfoque apenas ao 9.º ano de escolaridade (ano eleito para estudo no Relatório de Estágio), onde é apresentada a planificação das atividades da disciplina (elaborada no fim do ano letivo transato). Encontra-se, igualmente, inscrita a fundamentação teórica que ostenta a UD desenvolvida. Através de literatura selecionada, defini conceitos e criei relações que dão suporte teórico à UD, esclarecendo as origens da estrutura e representação do rosto e suas manifestações na história da arte.

A parte III compreende o real desenvolvimento da atividade letiva, a UD selecionada para o Relatório de Estágio que, inevitavelmente, sofreu ténues alterações ao estipulado. Especifiquei os conteúdos propostos, bem como as sugestões metodológicas adotadas e o consequente trabalho empírico, os objetivos, os materiais, a calendarização prevista e a avaliação. De seguida, foi referenciada e analisada a atividade de complemento curricular, especificamente, a visita de estudo efetuada ao Museu de Electricidade: Exposição “RISO”.

A parte IV foi direcionada para a avaliação da atividade supracitada, a avaliação da UD incrementada e a avaliação do desempenho da professora através da aplicação de questionários dirigidos aos respectivos alunos da turma.

Na parte V, contemplei as considerações finais, onde refleti sobre o estágio e em particular sobre a UD desenvolvida, razão pela qual tomei determinadas opções pedagógicas e didáticas, na tentativa de justificar a minha prestação enquanto docente desta disciplina artística.

O presente relatório culminou com a elaboração da respetiva bibliografia, referente à investigação e respetivos anexos.

Devido à extensa descrição, encontram-se em anexo digital (DVD) o Projeto Educativo de Escola (PEE) (ver anexo digital 2) com o enquadramento da Instituição de Ensino – ESM, o Plano Anual de Atividades (PAA) (ver anexo digital 3), o Regulamento Interno (RI) (ver anexo digital 4), assim como, a caracterização da turma (ver anexo digital 6) com base na ficha biográfica (ver anexo digital 5) entregue aos alunos no início do ano letivo e respetivo Plano de Turma (ver anexo digital 7).

I PARTE – ENQUADRAMENTO DA DISCIPLINA

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO GERAL

“A educação em arte, introduzida nos primeiros anos da infância, pode muito bem significar a diferença entre um ser humano criativo e flexível e um outro que, apesar de toda a aprendizagem, não será capaz de a aplicar e continuará a ser um indivíduo a quem faltam recursos interiores e tem dificuldades no relacionamento com o seu envolvimento. Porque compreensão, pensamento e sentimento são enfatizados de igual modo em qualquer processo criativo, a arte pode muito bem ser o equilíbrio necessário ao intelecto e às emoções da criança.”

Viktor Lowenfeld, *Creative and mental growth*, 1957

Este capítulo surge da necessidade de salientar a importância da Educação Artística na formação da criança | jovem-aluno.

A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para o desenvolvimento pessoal e identificação cultural. Através das artes, em todas as suas formas, é possível desenvolver a perceção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente e desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a modificar essa mesma realidade.

O conhecimento da arte tem lugar na interseção da informação, decodificação e experimentação.

A partir de estudos, foi possível compreender que, entre outros princípios, a conceção de ensino de arte como conhecimento está baseada no interculturalismo, na interdisciplinaridade e na aprendizagem dos conhecimentos artísticos, a partir da interrelação entre o fazer, o ler e o contextualizar arte.

A História tem revelado que os modelos de educação pela arte são variados, no entanto, refletem permanentemente os valores e o desenvolvimento de uma sociedade. Tem-se provado, também, que através da participação nas artes os alunos mostram-se mais envolvidos, sensíveis, concentrados nos seus objetivos, criativos e responsáveis.

Promover a criatividade e permitir que floresça num espírito de autonomia e diálogo intercultural é uma das melhores formas de manter a vitalidade cultural.

“A metodologia de ensino da arte (...) integra a história da arte, o fazer artístico, e a leitura da obra de arte. Esta leitura envolve análise crítica da materialidade da obra e princípios estéticos ou semiológicos, gestálicos ou iconográficos.” (Ana Mae Barbosa 2007, p.37).

Estudos de investigação realizados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), revelam que a iniciação precoce nos processos artísticos, sempre que adaptados às culturas de cada um, permite:

“(...)cultivar em cada indivíduo o sentido de criatividade e iniciativa, uma imaginação fértil, inteligência emocional e uma «bússola» moral, capacidade de reflexão crítica, sentido de autonomia e liberdade de pensamento e acção. Além disso, a educação na arte e pela arte estimula o desenvolvimento cognitivo e pode tornar aquilo que os educandos aprendem e a forma como aprendem, mais relevante face às necessidades das sociedades modernas em que vivem.” (Comissão Nacional da UNESCO, Roteiro para a educação artística 2006, p. 6).

1.1. EDUCAÇÃO PELA ARTE | ARTE E EDUCAÇÃO

A arte é uma linguagem reconhecida globalmente e foi uma forma de expressão utilizada desde os primórdios da humanidade. Através da arte, é possível observar os vários momentos da história do Homem e analisar o seu processo de evolução ao longo dos tempos até à atualidade.

Segundo Horst Janson (1987, p.6), “Certamente uma das razões pelas quais o homem cria é um impulso irresistível de se curar a si próprio e ao seu meio ambiente, de uma forma ideal.”.

A Humanidade, desde sempre, concebeu formas de arte evidenciadas nas mais diversas vertentes. A criação artística surgiu da necessidade do Homem comunicar e de procurar o “belo” e o sublime.

Segundo Ernst Fischer (2007, p.15), “A arte é quase tão antiga quanto o homem, é uma atividade característica do homem.”.

No seu livro *Education through art* (que constituiu tese de doutoramento, em 1942) Herbert Read, pioneiro do movimento da Educação pela Arte, exerceu uma influência inestimável não só no campo da educação artística como no da educação em geral.

Read “apresenta todo um vasto conjunto de conceitos educacionais e aborda variados problemas da arte e da formação humana, de tal modo que é considerada como uma das obras mais importantes no campo da educação e da arte.”. (Alberto B. Sousa 2003, p.27)

O autor defende que “a arte deve ser a base da educação”, considerando as artes:

“Como o método mais eficaz para se efectuar a educação, propondo o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação como objectivos imediatos de uma intervenção lúdico-expressivo-criativa que envolve o drama, a dança, a música, a plástica, a verbalização e a escrita. A arte e a educação devem complementar-se de modo a facultar à criança várias e/ou novas experiências, possibilitando a descoberta do mundo envolvente e de si mesma. Por conseguinte, vai possibilitar à criança enriquecer os seus conhecimentos e adquirir uma maior sensibilidade perante a realidade perceptível.” (*idem*).

Também, segundo Sousa (2003), para historiadores e filósofos como Platão, a educação é considerada como algo que proporciona ao indivíduo um desenvolvimento moral e contribui, por sua vez, para a elevação espiritual. Jean-Jacques Rousseau defende igualmente uma educação pela via do desenvolvimento espiritual, referindo que:

“A pessoa poderá ou não nascer fundamentalmente boa, mas tornar-se-á fundamentalmente boa através de uma boa educação, de uma educação voltada para a própria pessoa, tentando fazer desabrochar as suas capacidades tendentes para o belo espiritual.” (Sousa 2003, p.42).

Almeida Garrett (1867) defende, ainda, que a educação deve envolver uma formação espiritual, uma formação do corpo e do coração procurando fazer o indivíduo feliz na sociedade em que está inserido, daí afirma que “O fim geral da educação é fazer um membro útil e feliz na sociedade.” (Sousa 2003, p.42).

Viktor Lowenfeld e Lambert Brittain no livro *Arte e a criança: desenvolvimento da capacidade criadora* (1970), falam da arte como modo de educar, como a capacidade de procurar e descobrir respostas, como forma de desenvolver a capacidade criadora, tendo as experiências centrais numa atividade artística.

As razões apontadas, anteriormente, pelos diversos autores justificam a efetuação da arte na educação e a sua importância de ensinar as crianças recorrendo à educação pela arte.

Através da Educação Artística é possível estimular na criança a inteligência, a sensibilidade e a afetividade. O professor não deve condicionar o aluno, deve motivá-lo para a expressão livre, a expressão dos sentimentos, a criatividade e espontaneidade. A Educação Artística deve contribuir para a construção do “eu” na sua plenitude, propiciando a relação entre a criança e o mundo que o envolve, de modo a que este se torne um indivíduo integrado, autónomo, crítico e criativo. Como Sousa (2003, p.25) refere, a educação consiste na:

“(…) preparação de cada criança para o seu lugar na sociedade, não apenas no seu aspecto vocacional mas também espiritual e mental, então não é de informação que ela necessita: é de sabedoria, equilíbrio, auto-realização, gosto-qualidades que apenas podem provir de um exercício unificado dos sentimentos para a actividade de viver.”.

A Educação Artística não deve dissociar-se do papel que a arte tem na sociedade, da capacidade de observar com um olhar crítico o meio envolvente, apoiado numa determinada cultura, para adquirir conhecimentos e desenvolver as capacidades criativas do indivíduo na sua relação com o meio.

Com a educação pela arte, pretende-se levar os alunos a tornarem-se indivíduos mais completos e mais atentos adquirindo, assim, uma sensibilidade perante a realidade envolvente, permitindo que sejam capazes de transformar o seu mundo e reconhecendo a arte como algo mais do que um bem de consumo.

As artes são, simultaneamente, essenciais ao conhecimento humano e são elas próprias uma das suas substanciações. Como são praticadas por todas as sociedades, e são elementos determinantes da Cultura e do desenvolvimento psicossocial do indivíduo, elas devem fazer parte integrante de todos os currículos educativos. São um elemento interno do sistema educativo. Assim, a Educação Artística deve ser integrada como uma das áreas curriculares essenciais da Educação.

A Educação Artística deve adotar, como seus, alguns princípios construtivistas que colocam os alunos como protagonistas ativos da sua aprendizagem, consciente do seu processo de (re)construção (metacognição) necessário ao desenvolvimento crescentemente mais sofisticado do saber artístico nas suas múltiplas dimensões. As práticas de ensino-aprendizagem devem convocar (e problematizar) os interesses, inquietações, problemas e vivências dos alunos (imaginários idiossincráticos e coletivos) evitando a implementação de exercícios descontextualizados e pouco significativos. Estaremos, pois, a valorizar como discurso primaz as vozes das crianças e dos jovens no discurso educativo.

Tem-se verificado que, ao longo dos tempos, a Educação Artística foi desvalorizada por muitos setores da sociedade e, desde então, isso tem levado a que esta tenha passado por constantes mudanças que, muitas vezes, foram desapropriadas e irrefletidas, e que acabaram por criar um certo vazio entre a sociedade e a arte em si.

1.2. ENSINO ARTÍSTICO

Segundo, as disposições legais (Decreto-lei n.º 344/90, de 2 novembro):

“Entende-se por Educação Artística a que se refere, nomeadamente, às seguintes áreas:

- a) Música;
- b) Dança;
- c) Teatro;
- d) Cinema e audiovisual;
- e) Artes plásticas.

São objetivos da Educação Artística:

- a) Estimular e desenvolver as diferentes formas de comunicação e expressão artística, bem como a imaginação criativa, integrando-as de forma a assegurar um desenvolvimento sensorial, motor e afetivo equilibrado;
- b) Promover o conhecimento das diversas linguagens artísticas e proporcionar um conjunto variado de experiências nestas áreas, de modo a estender o âmbito da formação global;
- c) Educar a sensibilidade estética e desenvolver a capacidade crítica;

- d) Fomentar práticas artísticas individuais e de grupo, visando a compreensão das suas linguagens e o estímulo à criatividade, bem como o apoio à ocupação criativa de tempos livres com atividades de natureza artística;
- e) Detetar aptidões específicas em alguma área artística;
- f) Proporcionar formação artística especializada, a nível vocacional e profissional destinada, designadamente, a executantes, criadores e profissionais dos ramos artísticos, por forma a permitir a obtenção de elevado nível técnico, artístico e cultural;
- g) Desenvolver o ensino e a investigação nas áreas das diferentes ciências das artes;
- h) Formar docentes para todos os ramos e graus do ensino artístico, bem como animadores culturais, críticos, gestores e promotores artísticos.” (Ministério da Educação 1990, pp.4522-4523).

Para o desenvolvimento da Educação Artística Vocacional, os jovens podem optar por cursos de Ensino Artístico em Escolas Especializadas Artísticas nas áreas da Dança, da Música e das Artes Visuais.

O Ensino Artístico Especializado visa proporcionar ofertas de formação artística diferenciadas, de nível secundário, que respondam a uma procura social orientada, exclusivamente, para um aprofundamento de determinadas linguagens artísticas independentemente de uma opção profissional. Consequentemente, tem vindo a justificar uma reorganização para reforço da sua identidade.

Assim, e no âmbito da reforma do Ensino Artístico Especializado, foram estabelecidas regras para a criação de cursos artísticos especializados, oferta vocacionada consoante a área artística, para o prosseguimento de estudos de nível superior ou orientados na dupla perspetiva da inserção no mercado de trabalho, com emissão de um certificado de qualificação profissional de nível 3 e do prosseguimento de estudos.

Nos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico, a Educação Artística Vocacional constitui componente significativa de um currículo integrado que inclui formação geral, a realizar na mesma escola ou, em regime articulado, em escolas diferentes.

No Ensino Secundário, a Educação Artística Vocacional constitui componente fundamental do respetivo currículo que inclui, também, formação geral.

No Ensino Superior, compete aos órgãos próprios de cada instituição definir e estruturar os currículos dos cursos de Educação Artística Vocacional.

A escolha das vias da Educação Artística deve obedecer à vontade e às capacidades dos alunos.

As diferentes vias da Educação Artística podem, ainda que enquadradas em diferentes níveis de ensino, ser ministradas num mesmo estabelecimento de ensino, desde que este reúna os requisitos definidos no presente diploma e a rentabilização dos recursos existentes o aconselhe.

1.3. O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Anteriormente, o professor da área artística “(...) limitava-se a desenvolver a destreza manual e visual dos alunos que aprendiam a desenhar formas precisas e a copiar exatamente o que visualizavam.” (Rudolf Arnheim 1993, p.57).

O objetivo pretendido era que os alunos desenhassem a realidade perceptível. Atualmente, este modelo mudou, o professor enaltece o esforço dos alunos, dando-lhes meios e condições para explorarem e desenvolverem as suas capacidades expressivas, estimulando a criatividade.

Segundo Ângelo Ribeiro (2005, p.20), atualmente o professor deve ter as seguintes atitudes e aptidões:

- “- Desenvolver uma atitude investigadora frente aos fenómenos artísticos e educativos: mostrar interesse em conhecer, saber questionar e ser capaz de estimular essa atitude nos alunos;
- Ser capaz de se apropriar e de criar conhecimentos escolares, promovendo o desenvolvimento dessas capacidades nos alunos;
- Compreender os processos de produção, apreciação crítica e contextualização as artes nas suas distintas manifestações;
- Ser portador de uma sensibilidade estética e comunicá-la aos alunos, no que se refere à apreciação e experiência do mundo natural e cultural;
- Ser criativo, imaginativo, utilizando o pensamento visual e metafórico na prática educativa.”.

Nos nossos dias, verifica-se que a expressão e a reflexão prevalece em detrimento da técnica. O professor já não é aquele que apenas debita conhecimentos numa

determinada sala ou espaço, mas aquele que leva os alunos à descoberta de novas experiências e, conseqüentemente, à reflexão sobre as mesmas.

Tendo em consideração o programa de uma disciplina, o professor deve estruturar, de forma organizada, aquilo que pretende desenvolver com os alunos de acordo com as necessidades dos mesmos. Essa capacidade do professor planificar as suas aulas, consoante a turma em questão, dependerá do seu conhecimento relativamente ao meio envolvente, da sua sensibilidade e experiência.

O professor não deve abordar conteúdos nem lançar propostas de trabalho à turma, sem antes familiarizar-se com a mesma. Segundo Maurice Barret, os objetivos e os métodos só fazem sentido se forem envolvidos no contexto do aluno e na sociedade em que ele está inserido. Ou seja, o professor deverá incrementar práticas de ensino que vão ao encontro das expectativas e das capacidades dos alunos.

Deve utilizar, também, estratégias distintas, pois, apesar de os alunos por vezes terem a mesma faixa etária, têm níveis de aprendizagem diferentes e o currículo do ensino artístico, de acordo com Barret, possibilita fazer essa demarcação sem esquecer as finalidades e os objetivos a atingir.

Na educação pela arte, o professor deve motivar o aluno para que este aborde o mundo à sua volta de forma criativa, tornando-o capaz de transmitir sentimentos, ideias, sensações através de formas e meios diversos. Os alunos devem exteriorizar aquilo que sentem, que pensam, experienciando o campo da sensibilidade. Como Barret refere, a Educação pela Arte está intimamente ligada com o desenvolvimento dos sentidos para levar à perceção do mundo e, conseqüentemente, exprimir-se através dessa perceção.

É essencial proporcionar o contato e a manipulação com diversos materiais, pois esses transformam o mundo da criança|jovem-aluno, pelos incentivos que acarretam. Na sala de aula, o professor deve deixar que os alunos explorem os seus conhecimentos e colocá-los em prática na sua relação com os materiais, com o meio e com os outros, de modo a que possam adquirir competências que permitam resolver problemas e desafios de forma eficaz e torna-los autónomos. Como Barrett menciona, o aluno deve ser capaz de identificar um problema, pois só quando o fizer se tornará autónomo e independente. Assim, cabe ao professor incentivar o aluno e dar-lhe meios e processos para que desenvolva essas competências.

Para Maria do Céu Roldão (1999, p.24) “O currículo escolar é - em qualquer circunstância - o conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar.”.

É essencial para o professor, na educação pela arte, estimular a curiosidade dos alunos e, conseqüentemente, a sua criatividade orientando-os na execução do trabalho. De acordo com Bruno Munari, o professor deve ter a noção que a criatividade não é improvisação sem processo, para que não seja transmitida a ideia aos alunos, de que estão a formar-se artistas e jovens completamente independentes. A orientação do professor no processo artístico dos alunos é fundamental, devendo este ser capaz de ser objetivo até no campo da improvisação, de modo a que as aulas não se tornem num caos, sem coerência e, previsivelmente, sem resultados produtivos ao nível da aprendizagem.

O professor não deve impedir qualquer criação artística do aluno, pelo contrário, deve incentivá-la, orientando-o de forma lúdica.

Relativamente à postura pedagógica do professor na Educação Artística, Read lembra em algumas das suas obras que “O professor deve ser a mais modesta e humilde das pessoas, capaz de ver nas crianças um milagre de Deus e não uma coisa a instruir.” (Sousa 2003, p.27).

A escola, sendo o espaço onde decorre o processo de ensino-aprendizagem, e refletindo a sociedade onde está inserida, deve ser pensada de forma a facultar, aos professores, a autonomia necessária para a realização de estratégias que permitam contribuir para o desenvolvimento da consciência individual da criança|jovem-aluno, fazendo com que este enriqueça a sociedade em que está inserido.

Tendo em conta as finalidades e objetivos presentes nos programas das disciplinas de Educação Artística, cabe ao professor definir estratégias para os alunos enriquecerem os seus conhecimentos e suas experiências e, ainda, para compreender e contribuir para a redução de alguns problemas que existem nas escolas.

A escola deve continuar a desempenhar o seu papel, contribuindo para o desenvolvimento da criança, mas investindo em todas as vertentes do conhecimento e da sensibilidade, para não suceder o que Rubem Alves (2003, p.25) refere:

“As nossas escolas têm-se dedicado a ensinar o conhecimento científico, com todos os esforços para que isso aconteça de forma competente. Isso é muito bom. A ciência é indispensável para que os sonhos se realizem. Sem ela não se pode plantar nem cuidar do jardim. Mas há algo que a ciência não pode fazer. Ela não é capaz de fazer os homens desejar plantas ou jardins. Ela não tem o poder de fazer sonhar. Não tem, portanto, o poder para criar um povo. Porque o desejo não é engravidado pela verdade. A verdade não tem o poder de gerar sonhos. É a beleza que engravida o desejo.”.

Para além de a escola transmitir o conhecimento científico, também é importante levar os alunos a refletirem sobre o mundo que os envolve e, por conseguinte, levá-los a transmitir as suas ideias, emoções, sonhos, desejos através de atividades que envolvam a expressão plástica, verbal, musical, corporal, etc. Não basta somente o professor transmitir conhecimentos aos alunos, é necessário estimular a curiosidade deles, proporcionando momentos de reflexão, imaginação, criatividade, expressividade, promovendo o conhecimento e a sensibilidade perante o mundo. Caso isso não aconteça, os alunos dominarão o conhecimento científico, mas não terão a capacidade de sonhar. Daí que, na escola, quer a arte quer a ciência são áreas necessárias na vida escolar dos alunos. Ester Grossi sugere que ao aliar a arte e a ciência, haverá mais possibilidades de desvendar a complexidade do mundo que exige do Homem o desafio de respeitá-lo, recriá-lo e transformá-lo para produzir mais bem-estar para todos.

É fundamental a prática de uma ação educativa e integral, através da educação artística, que vai possibilitar a independência, a organização e a inserção dos alunos na sociedade. Para tal, é necessário ter em conta que a educação deverá ser sempre encaminhada para o seu carácter global e o ensino deverá, cada vez mais, promover a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

Para desenvolver a interdisciplinaridade na Escola, é crucial que todos os membros envolvidos no processo ensino-aprendizagem comecem a visualizar o todo não pela junção das partes que o compõem, mas pela compreensão de que os resultados mais interessantes e criativos ocorrem com base no diálogo entre as várias áreas do saber.

A melhoria na educação só ocorrerá se for promovido o trabalho em equipa (parceria, cooperação), superando o individualismo e a aquisição do conhecimento isolado. O professor tem um papel fundamental nesta ação, pois ele será o impulsionador da transformação, da mudança no alcance da melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Deste modo, a educação artística deve ser devidamente valorizada na nossa sociedade, de modo a proporcionar um desenvolvimento integral da criança através das disciplinas artísticas (artes visuais, dança, música e teatro), em que estas devem ter o mesmo peso que as restantes disciplinas no desenvolvimento cognitivo, sensorial e emotivo.

1.4. EDUCAÇÃO ARTÍSTICA EM PORTUGAL

A marca da Igreja Católica no ensino e na sociedade portuguesa foi muito profunda, quer seja através dos jesuítas ou de outras ordens, a mentalidade portuguesa nunca se libertou totalmente da sua ideologia. No estudo da escola na sociedade salazarista, Maria Filomena Mónica (1978, p.308) refere que “(...) entre 1926/39 para os pedagogos, a natureza humana era a da doutrina cristã, a do homem com a mácula original da imperfeição.”.

O ensino das artes visuais começou por ser aprendizagem do desenho durante mais de um século. O desenho apresentava uma disciplina racional, um processo estruturante do pensamento para além de um exercício de destreza manual.

A racionalidade, própria do Iluminismo que moldou o ensino em Portugal, foi o caminho escolhido durante muito tempo na Educação Artística.

Num país que, durante muitos séculos, mostrou pouco interesse pelas artes e após várias tentativas de desenvolver disciplinas artísticas no sistema escolar, a implementação destas nos planos curriculares do sistema escolar foi da responsabilidade de Henrique Nogueira, em 1835. Nos seus *Estudos sobre a reforma em Portugal* sugere, pela primeira vez, a música vocal e instrumental nas escolas. Mais tarde, é introduzido o canto coral nas escolas. Assim, as disciplinas artísticas existentes nos currículos das escolas portuguesas até os anos 70 foram o canto coral e o desenho.

Em 1829, Garrett foi o primeiro homem em Portugal que se pronunciou para defender o papel das artes na educação, defendendo a ideia de que a esta deveria abranger uma formação estética e artística e que abarcasse todas as áreas artísticas; permitindo ao aluno o contato com várias áreas; ampliando os seus conhecimentos e permitindo a descoberta de possíveis aptidões numa das áreas artísticas. Para além dos seus discursos teóricos, Garrett formou o Conservatório Nacional para colocar em prática os seus ideais e possibilitar a formação de artistas.

Alguns homens da época seguiram a sua perspetiva pedagógica, entre os quais: António Feliciano Castilho, Antero de Quental, João de Deus, João de Barros, Cardoso Júnior, Leonardo Coimbra, António Sérgio, Adolfo Lima, Adolfo Coelho, César Porto e Álvaro Viana de Lemos, defendendo “(...) o valor educativo das artes como elemento essencial na formação do homem.” (Sousa 2003, p.30).

As primeiras ideias sobre educação pela arte começaram a emergir em Portugal, em 1950, sustentadas por pedagogos como João dos Santos, Calvet de Magalhães, Alice Gomes, Almada Negreiros, João de Freitas Branco, António Pedro, Adriano Gusmão, Cecília Menano e outros, que em 1956 ergueram a Associação Portuguesa de Educação pela Arte.

O modelo pedagógico, que então foi instituído, visava uma educação realizada através das artes. Este adotou, nas várias áreas artísticas, metodologias mais convincentes para se alcançar uma educação integral a todos os níveis: afetivo, cognitivo, social e motor. Sendo este o único modelo até hoje existente.

Posteriormente, em 1965, foram desenvolvidos estudos sobre a perspetiva da educação pela arte, no Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Gulbenkian, por Rui Grácio, Breda Simões, Bernardo da Costa, Arquimedes Santos e outros pedagogos. Deve-se a Arquimedes Santos, a criação de uma área de estudos interdisciplinar que se “(...) designou por psicopedagogia da expressão artística.” (Sousa 2003, p.31), pois “Não há sociedade democrática que possa viver progredindo sem o culto da arte.” (Maria de Fátima Cardoso; Marta Ferreira Silva & Pedro André Bastos 2002, p.25).

Mais tarde, em 1971, Madalena Perdigão presidente da então reforma educativa, cria o curso de professores de educação pela arte tendo como professores Arquimedes Santos, Wanda Ribeiro, Graziela Gomes, João de Freitas Branco, José

Sasportes, Francisco d'Orey, Raquel Simões, Maria de Lurdes Martins, Helena Cidade, João Mota e outros.

A influência que os alunos formados por este curso exerceram fez-se sentir principalmente após o 25 de abril de 1974, com a inserção da área do movimento, música e drama nos programas de escolaridade primária. Em 1978, é determinado oficialmente o Projecto de Plano Nacional de Educação Artística, a “Educação pela Arte”. O ministro Vítor Crespo em outubro de 1980, suspende a Educação pela Arte pelo despacho n.º 379/80.

Só com a Lei de Bases de Sistema Educativo de 1986 (Lei n.º 46/86 de 14 de outubro), é oficializado o ensino em arte nos currículos escolares. É focado o papel inequívoco da arte na formação integral do indivíduo, determinando que, nos currículos dos níveis Pré-Escolar, Ensino Básico, Ensino Superior, Educação Extraescolar e Ensino Especial, se integrem áreas disciplinares que pressuponham o desenvolvimento das capacidades de expressão, a atividade lúdica e a promoção da educação artística, da sensibilidade estética e da imaginação criativa.

Posteriormente, os responsáveis pela educação em Portugal, parecem ter compreendido as perspetivas de Garrett, no que diz respeito a “(...) uma educação artística e estética global, decorrente de uma educação pela arte e um Ensino Artístico específico naturalmente evoluído destas bases.” (Sousa 2003, pp.32-33).

Quatro anos depois, em 1990, é apresentado o diploma (referente ao Decreto-lei n.º 344/90 apresentado a 2 de novembro de 1990) que determina o ensino pela arte em Portugal e, no preâmbulo introdutório, faz-se uma crítica ao sistema escolar português relativamente a este tipo de ensino:

“A educação artística tem-se processado em Portugal, desde há várias décadas, de forma reconhecidamente insuficiente, incompatível com a situação vigente na maioria dos países europeus (...)” e que “A extrema complexidade intrínseca desta área da educação e a sua sempre problemática inserção(...) são alguns dos factores que explicam este estado de coisas. O Governo tem consciência de que a educação artística é parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do destino profissional que venha a ter.” (Ministério da Educação 1990, p.452).

CAPÍTULO 2 – A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL

1.1 INTRODUÇÃO

1.2

O currículo diz respeito ao conjunto das aprendizagens que os alunos realizam, ao modo como estão organizadas, ao lugar que ocupam e ao papel que desempenham no percurso escolar ao longo do ensino básico.

Naturalmente, o currículo nacional deve contemplar os grandes objetivos para a aprendizagem dos alunos que inclui as principais competências a desenvolver e os tipos de experiências educativas que devem ser proporcionadas a todos, assim como, uma definição de quais são as áreas e componentes curriculares nos diversos ciclos. Contudo, deve ser concebido de acordo com o princípio de que a sua concretização é um processo flexível que requer, nos diversos níveis, interpretação de cada contexto de trabalho, consideração dos recursos disponíveis e tomadas de decisão apropriadas. Por outras palavras, a própria noção de currículo integra a procura de respostas adequadas às diversas necessidades e características de cada aluno, grupo de alunos|turma, escola ou região.

Segundo o Diário da República Decreto-lei n.º 139/2012, 1.ª série n.º 129, de 5 de julho de 2012:

“Tendo em vista melhorar a qualidade do que se ensina e do que se aprende, o Governo Constitucional procede à introdução de um conjunto de alterações destinadas a criar uma cultura de rigor e de excelência, através da implementação de medidas no currículo dos ensinos básico e secundário.

A revisão da estrutura curricular que ora se pretende concretizar através das alterações às matrizes curriculares assenta, essencialmente, na definição de princípios que permitem uma maior flexibilidade na organização das atividades letivas.

As medidas adotadas passam, essencialmente, por um aumento da autonomia das escolas na gestão do currículo, por uma maior liberdade de escolha das ofertas formativas, pela atualização da estrutura do currículo, nomeadamente através da redução da dispersão curricular, e por um acompanhamento mais eficaz dos alunos, através de uma melhoria da avaliação e da deteção atempada de dificuldades.

Importa ainda valorizar tanto a autonomia pedagógica e organizativa das escolas como o profissionalismo e a liberdade dos professores na

implementação de metodologias baseadas nas suas experiências, práticas individuais e colaborativas.”.

1.2. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL

A reestruturação do Currículo Nacional para o Ensino Básico, originou uma série de alterações importantes que obrigaram a um reajustamento do programa de EDV (ver anexo digital 8).

Não foi alterado o disposto na formulação dada aos conteúdos e áreas de exploração, no entanto, foi proposta uma seleção de acordo com o que se julga prioritário e significativo, para a formação dos alunos.

O Currículo Nacional está associado à definição de competências gerais, transversais e específicas da disciplina, que todos os alunos devem ter oportunidade de desenvolver ao longo do seu percurso.

“A integração da disciplina de Educação Visual numa área de Educação Artística situa-a nos domínios concretos da expressão plástica e do desenho, entendido este como uma escrita visual de uma linguagem específica das artes plásticas. A Educação Visual é uma disciplina fundamental para a educação global do cidadão.” Assim, “os conteúdos devem ser seleccionados numa proposta de abordagem sequencial, baseada no perfil das competências a desenvolver, na experiência da prática lectiva e tendo presente o desenvolvimento cognitivo dos alunos.” (ME, Departamento do Ensino Básico, ajustamento do programa da disciplina de Educação Visual 2001, p.2).

O programa do ME, constante no currículo nacional da disciplina de EDV, define as competências essenciais que os alunos devem adquirir no decorrer do Ensino Básico. Estas visam o desenvolvimento do indivíduo em vários campos, através de três domínios: fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação.

No que concerne à fruição-contemplação, pretende-se desenvolver no aluno a capacidade de perceber e reconhecer as artes visuais, como valor cultural primordial para o seu desenvolvimento conduzindo, assim, o aluno à apreciação crítica no que concerne à compreensão das diversas manifestações artísticas,

promovendo a capacidade de análise crítica com base nas experiências e nos conhecimentos adquiridos.

Quanto à produção-criação, o objetivo é desenvolver a capacidade do entendimento do mundo real, através da representação, promovendo o desenvolvimento da criatividade através da materialização das ideias. Como tal, pretende-se, também, desenvolver a capacidade do aluno de dominar meios e técnicas através da seleção e da utilização correta dos materiais e dos instrumentos, adaptando-os às mais diversas situações e realizando, assim, produções que utilizem os elementos da comunicação visual.

Relativamente à reflexão-interpretação, visa desenvolver no aluno a sensibilidade estética, no que concerne às diferentes formas da expressão visual e promover uma posição crítica em relação aos meios de comunicação visual.

“Desenvolver a literacia artística é um processo sempre inacabado de aprendizagem e participação que contribui para o desenvolvimento das nossas comunidades e culturas, num mundo onde o domínio de literacias múltiplas é cada vez mais importante.” (ME, Departamento do Ensino Básico, Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais 2001, p.151).

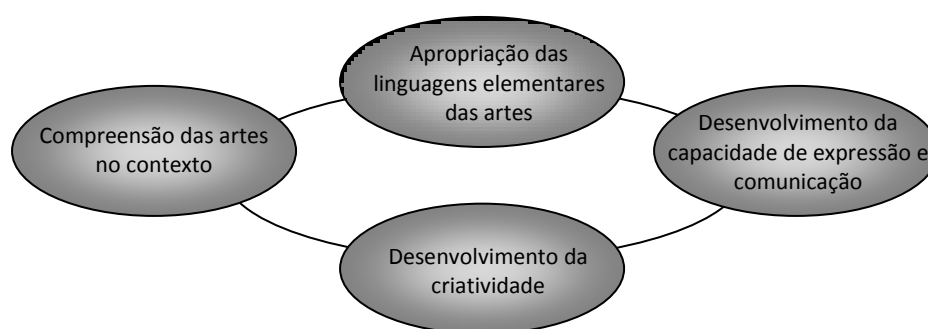


Figura 1. Esquema representativo da literacia em artes visuais.

(Fonte: DGEBS, *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*)

As UD devem, portanto, contemplar estas três linhas essenciais acima descritas.

Esta área curricular é fundamental para o desenvolvimento da perceção visual, da sensibilidade estética e da capacidade de comunicação. É ela que permitirá ao aluno intervir expressiva, criativa e criticamente, hoje, na melhoria de pequenos aspetos visuais da comunidade envolvente.

O desenvolvimento da percepção visual e a utilização de materiais e técnicas em áreas de expressão variadas vão permitir ao aluno comunicar visualmente de uma forma cada vez mais consciente.

O estudo das formas e dos objetos, do espaço que ocupam ou em que se inserem, vai ajudar o aluno a compreender melhor a intervenção do Homem como ser criativo, ao longo dos tempos. Na sua busca incessante da perfeição, o Homem foi introduzindo alterações nos objetos que utiliza, de modo a torná-los mais atrativos, mais fáceis de usar e mais duradouros. A evolução tecnológica e o gosto do consumidor apelam à criatividade.

Ser criativo, ou tão-somente apreciador de formas artísticas, exige conhecimentos que tornam possível o aluno selecionar e optar, com consciência, tanto na compra de pequenos objetos pessoais como mais tarde, quem sabe, na criação de formas e de espaços.

Ao aluno que inicia o 3.º Ciclo, o desenho, a experimentação plástica, a aprendizagem de códigos visuais, o conhecimento do mundo das formas e das cores e ainda o exercício da imaginação e da criatividade são fundamentais para desenvolver a percepção e a sensibilidade, principais objetivos da EDV.

Desta forma, incentiva-se a compreensão e a fruição da Arte e da Cultura, ao mesmo tempo que se introduz no currículo dos alunos, um espaço de liberdade e sentido lúdico.

“As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspetivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive.

A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflete-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento.

As artes permitem participar em desafios coletivos e pessoais, que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, permitindo o entendimento das tradições de outras culturas, sendo uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida.

A educação artística no ensino básico desenvolve-se, majoritariamente, através de quatro grandes áreas artísticas, presentes ao longo dos três ciclos, designadamente, expressão plástica e educação visual; expressão e educação musical; Expressão dramática/teatro; e Expressão física – motora/dança.” (ME, Currículo Nacional do Ensino Artístico 2001, p.149).

1.2.1.MATRIZ CURRICULAR DO 3.º CICLO

A concretização da matriz curricular deve obedecer a critérios, essencialmente pedagógicos, no quadro do projeto curricular de cada escola. Nesta perspetiva, o modo exato como se fará a distribuição das cargas horárias pelas diversas áreas curriculares, ao longo de cada um dos ciclos, é da competência da escola, no respeito pelos totais por área|ciclo estabelecidos na matriz respetiva. Nesta distribuição, a escola poderá, se assim o entender, tirar partido do tempo indicado, mas não poderá exceder o máximo global indicado para cada ano letivo.

No 3.º Ciclo, o leque de escolhas à disposição do aluno é alargado. Permanece a disciplina de EDV como disciplina obrigatória e é introduzida outra área artística opcional, de carácter obrigatório, de acordo com a oferta de escola.

1.3. METAS CURRICULARES DO 3.º CICLO: EDUCAÇÃO VISUAL

As metas curriculares (ver anexo digital 9) são uma iniciativa do Ministério da Educação e Ciência (MEC), surgindo na sequência da revogação do documento “Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais” (Despacho n.º 17169/2011, de 23 de dezembro). Conjuntamente com os atuais programas de cada disciplina, as metas constituem as referências fundamentais para o desenvolvimento do ensino: nelas se clarifica o que nos programas se deve eleger como prioridade, definindo os conhecimentos a adquirir e as capacidades a desenvolver pelos alunos nos diferentes anos de escolaridade (Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril).

As metas curriculares estabelecem aquilo que pode ser considerado como a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos, por anos de escolaridade ou por ciclos do Ensino Básico. Constituindo um referencial para professores e encarregados de educação (EE), as metas pressupõem ajudar a encontrar os meios necessários para que os alunos desenvolvam as capacidades e adquiram os

conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento dos seus estudos e às necessidades da sociedade atual.

“As metas de Educação Visual pretendem estimular um universo de conhecimentos abrangentes, incentivar a assimilação de conhecimentos em rede, em que as informações são sincronizadas, permitindo alcançar uma educação em que o conhecimento circula, progride e se difunde.

As metas de Educação Visual sustentam um ensino em que a ampliação do conhecimento é um dos fatores diferenciadores. Proporcionam o enriquecimento de conteúdos, que no contexto cultural dizem respeito a crenças, costumes e hábitos adquiridos pelo Homem como membro da sociedade, no contexto científico referem-se a informação baseada em princípios certos e comprovados, no contexto experimental dizem respeito ao conhecimentos adquirido através da prática, ensaios e tentativas, e no contexto da logística referem-se à organização e gestão de meios e materiais necessários a uma atividade ou ação.

As metas que se reconhecem como fundamentais ao desenvolvimento da ação educativa nos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico, e que facultam vivências de diferentes universos visuais, estruturam-se em quatro domínios que se conjugam para o desenvolvimento de conhecimentos no contexto da Técnica, da Representação, do Discurso e do Projeto.

Neste âmbito, o domínio da Técnica é caracterizado por procedimentos de carácter sistemático e metodológico que têm como objetivo a aquisição de conhecimento teórico e prático e a ampliação de aptidões específicas. O domínio da Representação é caracterizado por procedimentos de registo, comunicação, esquematização e visualização de simbologias gráficas de modo racional e conciso, conforme os propósitos a que se destina. O domínio do Discurso é caracterizado por procedimentos de encadeamento de factos e acontecimentos que aludem ao que se quer comunicar/significar e que são expressos segundo regras de construção discursiva. O domínio do Projeto é caracterizado por procedimentos coordenados e interligados, executados com o intuito de cumprir um determinado objetivo específico, envolvendo ações de análise de requisitos e recursos disponíveis.

A construção, a organização e os conteúdos das metas tiveram em atenção os programas existentes de Educação Visual, característica que facilita a boa articulação entre os objetivos gerais e os conteúdos dos programas disponíveis.

As metas para Educação Visual estão estruturadas por ano letivo e os seus conteúdos apresentam uma estrutura de complexidade programada, segundo três eixos de progressão da complexidade: horizontal, vertical e domínio. O eixo horizontal projeta-se ao longo dos anos (do 5.º ao 9.º Ano) e evidencia a articulação entre objetivos gerais. O eixo vertical projeta-se ao longo de um ano específico e evidencia a articulação entre domínios. O eixo do domínio projeta-se verticalmente ao longo dos objetivos gerais, em que o último dá relevo a processos cognitivos, que estruturam os conteúdos do domínio em questão.

No âmbito dos objetivos gerais do 3.º Ciclo, as metas incidem sobre conteúdos como a representação de formas geométricas, desenho expressivo, sólidos e poliedros, Design, luz-cor, expressão e decomposição da forma, comunicação visual, Arquitetura, perspetiva, perceção visual e construção da imagem, arte e património e Engenharia.

Os objetivos e descritores indicados em cada ano de escolaridade são obrigatórios, sem prejuízo de, em anos subsequentes, continuarem a ser mobilizados.” (Ministério da Educação e Ciência, Metas Curriculares 2012, pp.3-4).

A elaboração das metas fundamentou-se em bases e estudos científicos e teve em conta as que têm sido estabelecidas em países com bons níveis de desempenho. Neste contexto, as metas que se apresentam referem-se àquilo que pode ser considerado como a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos, por ciclo e por ano de escolaridade, realçando o que nos atuais programas deve ser objeto de ensino, representando um documento normativo de progressiva utilização obrigatória, por parte dos professores.

1.4. DEPARTAMENTO E GRUPO DISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO VISUAL

Na ESM, o DE tem como coordenadora a Professora Ana Maria Ribeiro Simões (professora do grupo disciplinar de EDV do 3.º Ciclo) e é constituído pelos seguintes quatro GD: Educação Física (EDF) - 620 (2.º, 3.º Ciclos e Secundário), Educação Musical (EDM) - 250 (2.º e 3.º Ciclos), Educação Tecnológica (EDT) - 530 (2.º Ciclo) e EDV - 600 (2.º e 3.º Ciclos), com um total de 19 docentes.

Define-se como uma estrutura de orientação educativa e tem como finalidade o desenvolvimento das áreas de capacidade expressiva e motora, fundamentando a integração na sociedade com uma preocupação de fornecer aos alunos ferramentas educacionais e culturais.

O DE rege o seu funcionamento pelo RI e pelas disposições legais em vigor, que decretam a aplicação de competências como: planificar e adequar, à realidade da escola ou do agrupamento de escolas, a aplicação dos planos de estudo estabelecidos ao nível nacional; elaborar e aplicar medidas de reforço no domínio das didáticas específicas das disciplinas; assegurar, de forma articulada com outras estruturas de orientação educativa da escola ou do agrupamento de escolas, a adoção de metodologias específicas destinadas ao desenvolvimento quer dos planos de estudo quer das componentes de âmbito local do currículo; analisar a oportunidade de adoção de medidas de gestão flexível dos currículos e de outras medidas, destinadas a melhorar as aprendizagens e a prevenir a exclusão; elaborar propostas curriculares diversificadas, em função da especificidade de grupos de alunos; assegurar a coordenação de procedimentos e formas de atuação nos domínios da aplicação de estratégias de diferenciação pedagógica e da avaliação das aprendizagens; identificar necessidades de formação dos docentes, analisar e refletir sobre as práticas educativas e o seu contexto.

O GD de Artes Visuais é constituído por oito docentes, quatro docentes desempenham funções no 2.º Ciclo (EDV e EDT) e as restantes quatro docentes no 3.º Ciclo (EDV). A coordenadora de GD é docente de EDV no 3.º Ciclo. Todas as docentes do grupo são profissionalizadas e desempenham funções há mais de dez anos.

Tanto os critérios, como as planificações do GD, são fundamentados nas metas curriculares publicadas em agosto de 2012, pelo MEC.

1.5. AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL

A reorganização curricular, de acordo com os princípios atrás enunciados, destaca a necessidade de recurso a diversos modos e instrumentos de avaliação, ao longo de cada ano e ciclo. A avaliação da disciplina de EDV tem em vista apreciar a evolução global dos alunos, mantendo como referência as aprendizagens e competências

essenciais, quer as de natureza transversal quer as que dizem respeito especificamente às diversas áreas e disciplinas.

O encorajamento e apoio à adequação e diversificação de práticas de avaliação parece ser, hoje, o essencial nesta perspectiva de consistência com o currículo.

Sendo a avaliação da aprendizagem proposta pelo MEC de caráter contínuo, esta compreende três modalidades de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa expressas numa escala de natureza qualitativa.

Os critérios de avaliação, elementos e fatores de ponderação, pretendem uniformizar, objetivar e conferir rigor a todo o processo, conduzindo ao juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens, competências, atitudes e valores dos alunos. (ver anexo 1)

Todas as avaliações atribuídas ao longo do ano letivo são registadas na folha de informação aos EE. (ver anexo 2)

1.6. REFLEXÃO SOBRE A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL

“A educação artística é um dos mais poderosos meios para desenvolver uma
personalidade plena e harmoniosa.”

Alexander Luria, Alexei Leontiev, Lev Vigotsky e outros, *Psicologia e Pedagogia*, 1997

A disciplina de EDV, parte integrante da Educação Artística, tem como pressuposto a aprendizagem das capacidades de compreensão, apreciação e crítica de imagens e produção de imagens.

A literacia visual é a competência que designa o conhecimento, compreensão e aplicação das artes visuais. Para adquirir esta competência é necessário o desenvolvimento das capacidades da imaginação mental e pensamento visual, através de exercícios orientados e|ou livres. Esta exercitação contribui para o desenvolvimento holístico do indivíduo, possibilitando-lhe comunicar visual e verbalmente, capacidade indispensável na interação com o mundo e com os outros. A comunicação é efetuada através de uma linguagem visual, considerada universal e facilmente entendível em qualquer parte do mundo. É realizada através de um processo dinâmico que implica uma visão interpessoal e intrapessoal.

As práticas do ensino de EDV já têm uma longa história, atualmente estão mais centradas na exploração individual através da pesquisa da informação e do método de resolução de problemas.

“(...)a transformação corrente da Educação Artística é mais do que uma extensão de conteúdos do currículo e mudanças nas estratégias de ensino em imediata resposta à distribuição em massa do imaginário. Inclui um novo nível de teorização sobre arte na educação que é ligado às emergentes filosofias pós-modernas baseada no crescimento do ambiente de visualizações interculturais, intraculturais e transculturais.” (Kerry Freedman & Patricia Stuhr 2004, p.816).

Presentemente, o ensino da disciplina de EDV regula-se pelas metas curriculares.

Contudo, no meu ponto de vista, as metas deformam a natureza da disciplina, não têm o sentido holístico necessário para se trabalhar no campo da educação artística ou artes. São, substancialmente, limitativas, pouco flexíveis e com conteúdos demasiado estanques.

Como primeira observação menos positiva, menciono a falta de autonomia dos docentes na gestão do plano curricular da disciplina. O objetivo primordial do MEC parece centrar-se no tipo de transmissão pedagógica (que poderá assumir um caráter de “sensibilização” ou de “aprofundamento”, consoante a matéria), não permitindo aos docentes uma adequação ao património de alunos, no sentido de aprofundar os conteúdos consoante os interesses ou dificuldades do grupo| turma.

O plano curricular da disciplina não confere liberdade metodológica (lecionação sequencial dos conteúdos programáticos), ou seja, não permite ao docente apropriar-se segundo a sua experiência no terreno e o conhecimento próprio dos programas, a eventual reordenação dos conteúdos a partir do contexto em que opera e da população escolar a que se dirige.

Como segunda observação, referencio o facto das metas propostas não apresentarem perspetiva de articulação vertical com outras metas transversais (disciplinares ou interdisciplinares), propondo uma aprendizagem formalista e funcionalista centrada em exercícios|conteúdos com valor e significado em si mesmo, em tudo contrário às perspetivas da aprendizagem da educação no âmbito das artes.

Pelo exposto, as metas estimulam, prioritariamente, o professor a atingi-las sem se poder preocupar em desenvolver a criatividade dos alunos e a possibilidade de explorar outras situações no ensino-aprendizagem impedindo, particularmente, a participação em atividades da escola.

Entre outras observações possíveis, aludo as seguintes questões:

- Repetição de conteúdos em algumas metas e outros abordados muito superficialmente: com escassa referência a conteúdos de interpretação e análise crítica de imagens variadas do mundo da cultura visual;
- Desajuste das finalidades e expectativas com o nível etário dos alunos: as metas não se adequam aos estádios de desenvolvimento das capacidades de percepção e representação das crianças|jovens;
- Metas demasiado teóricas que não abrangem os conteúdos definidos nos programas e explorados nos manuais adotados;
- Valorização excessiva e repetitiva da representação gráfica rigorosa descontextualizada: abordagem mais técnica e menos artística (falta de experimentação|exploração de materiais e técnicas);
- Quadro temporal desajustado, que não permite o desenvolvimento de materiais educativos de qualidade.

Como última observação, julgo que será fundamental que a Educação Artística|Visual estude as quatro condições do mundo contemporâneo, definidas por Freedman & Stuhr (2004), que envolvem (1) a representação da identidade individual e comum; (2) a experiência humana contemporânea realizada através de interações continuadas com as tecnologias visuais; (3) a discussão da complexidade das fronteiras e significados do conhecimento interdisciplinar e (4) o processo criativo de compreensão da cultura visual.

A EDV exige uma nova conceção que promova a experiência prática (processo de pesquisa crítica e criativa, compreensão da complexidade da cultura visual e relação entre as pessoas), tendo a consciência de que a maior parte dos alunos não vão ser artistas e, como tal, é aconselhável que caminhe no sentido de promover,

“(...) o desenvolvimento de cidadãos responsáveis que pensem criticamente, actuem de forma informada e colaborem em consciência na formação de identidades pessoais e comuns.” (Freedman & Stuhr 2004, p.824).

Assim sendo, deve-se principalmente conferir o destaque adequado à necessidade de que, do resultado da ação educativa, na construção orientada da sua experiência e conhecimentos, decorra o desenvolvimento integral do aluno. Que este adquira as ferramentas fundamentais, para que se possa inserir como elemento válido e valorizado na vida em sociedade.

Cabe ao professor saber transmitir os conteúdos curriculares, de forma a tirar dos seus alunos os melhores rendimentos escolares e prepará-los de uma forma mais completa para a vida ativa que se lhes segue.

Em última análise, deixo em aberto uma questão direcionada para o Ensino Artístico em Portugal: apresentando-se a prática do Ensino Artístico como uma condição indispensável e estruturante na formação social dos jovens, sobretudo por ser a “(...) forma universal de conhecer e comunicar.” (Artur Ramos, João Paulo Queiroz, Sofia Namora Barros & Vitor dos Reis, 2001, p.3), torna-se relevante indagar o motivo pelo qual não se assume como parte integrante do projeto curricular, desde o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

“A Arte é vista como uma forma de produção cultural e, neste contexto, os significados das imagens e artefactos são muito importantes para a educação artística, as mudanças dos contextos sociais e culturais dos alunos assim como as influências das culturas visuais são aspectos a ter em conta pelo movimento da educação para a cultura visual. A cultura visual integra todo o tipo de imagens e circunstâncias. As imagens são tremendamente fortes tanto na formação das consciências como na informação e elas hoje têm um enorme impacto na sociedade. O que nos leva a crer que a educação visual deveria estar no centro do currículo e não na periferia.” (Teresa Torres Pereira de Eça 2010, p.94).

A observação que me apraz referir, relativamente ao plano curricular elaborado pelo MEC, é o facto da disciplina de EDV ter deixado de ser opcional para o 9.º Ano de escolaridade, o que vem suprir uma falha que há muito se sente na formação integral do aluno.

1.7. NORMAS OPERATIVAS DE EDUCAÇÃO VISUAL

Foi determinado, em GD, um conjunto de medidas|normas regulamentares democraticamente discutidas e aprovadas, as quais assentam, essencialmente, na corresponsabilização e na complementaridade das mais-valias e dos esforços de professores e alunos. Trata-se de um instrumento indispensável à criação e manutenção das condições de trabalho e de convívio, conducentes à melhoria da qualidade da educação e do ensino-aprendizagem, proporcionando um bom e prático funcionamento na sala de aula de EDV (encontram-se afixadas no *placard* de todas as turmas do 3.º Ciclo).

No início do ano letivo, são lidas, explicadas e relembradas de forma a estimular a sua apreensão. (ver anexo 3)

II PARTE - METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO

CAPÍTULO 1 - O ESTÁGIO

1.1. INTRODUÇÃO

A prática pedagógica é uma parte do currículo substancialmente relevante na formação dos docentes, pois permite a aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos no decorrer da formação académica.

Apesar da existência de vários modelos de formação nas instituições de Ensino Superior, o estágio pedagógico ou a prática pedagógica parece ser, na perspetiva dos formandos, uma das componentes mais valorizadas na sua formação. Esta componente curricular representa a oportunidade de alunos|professores, exercerem com supervisão pedagógica a sua atividade profissional.

O estágio é a aproximação entre a realidade e a atividade teórica. Esta aproximação deverá acontecer no coletivo, entre alunos e professores, criando bases para análises críticas.

“O estágio é actividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objecto da práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá.” (Selma Garrido Pimenta & Maria Socorro Lucena Lima 2004, p.45).

Com o estágio efetuado na ESM, pretendi realizar uma UD no âmbito do ensino do desenho|representação expressiva, explorando a capacidade expressiva e a adequada manipulação dos suportes e instrumentos em criações bidimensionais e|ou tridimensionais, de acordo com as seguintes vertentes:

- O desenho, como uma atitude expressiva, deixa perceber modos de ver, sentir e ser. Será necessário existir uma aproximação à obra de arte, tanto através dos meios audiovisuais como de visitas a museus, galerias de arte, núcleos históricos, etc, familiarizando o aluno com os processos estéticos e físicos que levaram à construção das obras. Experimentar, comunicar sensações, emoções e interpretações através da utilização dos instrumentos e dos meios que melhor se adequem à capacidade expressiva do aluno;
- O desenho como uma metodologia para a invenção de formas provenientes de pensamentos, ideias e utopias. Empregar, sobre diferentes suportes, materiais riscadores secos e|ou meios líquidos.

A razão da escolha desta UD prende-se sobretudo com dois fatores, nomeadamente, por ter uma componente interdisciplinar com as áreas curriculares de Português, Geografia, História, Físico-química e TIC e por permitir abordar a vertente da metodologia projetual.

Foi intenção primordial que a UD tivesse como ponto de partida uma componente de análise de obras de arte do século XX, inseridas na Arte Contemporânea.

Assim sendo, a temática do projeto focaliza-se na expressão artística, na educação estética e no desenvolvimento da criatividade, promovendo o processo criativo e proporcionando diálogos e reflexões sobre a análise das características formais, temáticas e estilísticas das diversas Obras de Arte (portuguesa e|ou mundial).

“O diálogo com a obra de arte constitui um meio privilegiado para abordar com os alunos os diferentes modos de expressão, situando-os num universo alargado, que permite interrelacionar as referências visuais e técnicas com o contexto social, cultural e histórico, incidindo nas formas da arte contemporânea.” (ME, Departamento do Ensino Básico, Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais 2001, p.162).

1.2. OBJETIVO GERAL

O presente estágio tem como objetivo primário desenvolver competências dos saberes científicos e pedagógicos ao nível do ensino das Artes Visuais e obter o grau de Mestre em Ensino das Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (Dom. 15). No entanto, o cerne do estágio desenvolve-se em prol da concretização de uma UD inserida na área curricular de EDV, do 3.º Ciclo do Ensino Básico com o 9.º ano de escolaridade.

A UD selecionada pretende abarcar os conhecimentos curriculares angariados no mestrado e adquirir mais experiência profissional, na área do ensino das Artes Visuais.

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos articulam-se, essencialmente, em prol de alguns eixos estruturantes, nomeadamente:

- a) Desenvolver e articular competências adquiridas no âmbito científico, pedagógico, didático e social com a prática docente na área específica da Didática e Pedagogia das Artes Visuais;
- b) Adquirir e aprofundar aptidões de ordem pedagógica e didática na área específica das Artes Visuais;
- c) Acompanhar o desenvolvimento de várias UD concretizadas em contexto sala de aula, na disciplina de EDV;
- d) Compreender e administrar o processo de realização de uma UD desde a fase da conceção à fase de avaliação;
- e) Trabalhar em interdisciplinaridade, com o intuito de melhorar o desenvolvimento de novos projetos didáticos;
- f) Contribuir para a interação escola-meio;
- g) Percecionar e valorizar as várias relações aluno-professor e professor-aluno;
- h) Munir de informação necessária para o conhecimento do sistema educativo, da estrutura e do funcionamento das escolas e respetivas organizações;
- i) Relatar de forma descritiva e crítica a atividade profissional|experiência desenvolvida no âmbito do Estágio Pedagógico.

1.4. PROCEDIMENTOS

Para organizar, preparar e planificar as aulas foram realizadas reuniões com a coorientadora da escola cooperante.

Uma das primeiras tarefas foi analisar conjuntamente as metas curriculares e respetivas planificação referente ao 9.º ano de escolaridade e, a partir destas, definir os conteúdos a trabalhar. Seguidamente, foram ponderadas e definidas as competências gerais e específicas a atingir pelos alunos e a respetiva calendarização do projeto a desenvolver.

Para o desenvolvimento da UD03 (UD de desenvolvida para o estágio), efetuei diversa pesquisa bibliográfica relativa à representação do rosto humano (retrato e autorretrato), ao movimento artístico Pop Art e sobre técnicas, meios e recursos aplicados e sugeridos na Arte Contemporânea.

Toda esta pesquisa foi desenvolvida no sentido de melhorar o meu conhecimento relativo à temática e à metodologia pedagógica a desenvolver. Para tal, tentei usar

adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para expressar e realizar atividades criativas e proporcionar a troca de experiências de forma a favorecer o sentido crítico e a utilização de terminologia específica desta área curricular.

1.5. CALENDARIZAÇÃO

A gestão do binómio tempo, de cada UD, deve prever que a execução plástica se realize permitindo a consolidação das aprendizagens e a qualidade do produto final. No que respeita à calendarização do projeto incrementado, constata-se que este se desenvolveu ao longo do segundo e terceiro períodos letivos, nomeadamente, entre os dias 26 de fevereiro e 4 de junho de 2013. No entanto, entre os dias 16 de março a 1 de abril de 2013, existiu uma interrupção letiva correspondente ao período de férias da Páscoa e a 10 de janeiro foi realizada a visita de estudo ao Museu de Electricidade, conforme previsto no PAA.

As aulas de EDV decorreram às segundas-feiras (1 bloco de 45 minutos) e terças-feiras (2 blocos de 90 minutos).

Para a concretização do projeto, utilizou-se um total de 33 blocos com duração de 45 minutos. O número total de blocos engloba, designadamente, 2 blocos para a apresentação dos trabalhos com respetiva memória descritiva, 2 blocos para diálogo com os alunos sobre o decorrer do ano letivo (reflexão), para a avaliação do desempenho da professora, para a auto e heteroavaliação dos alunos, através da aplicação de questionários e, por último, 1 bloco para a montagem da exposição da UD03 “O Eu | O Espelho”.

		Dom.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Sab.	Dom.	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Sab.
Jan. 13				1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	
	27	28	29	30	31										
Fev. 13						1	2	3	4	5	6	7	8	9	
	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
	24	25	26	27	28										
Mar. 13						1	2	3	4	5	6	7	8	9	
	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
	24	25	26	27	28	29	30	31							
Abr. 13									1	2	3	4	5	6	
	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	
	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30					
Mai. 13												1	2	3	4
	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	
	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31		
Jun. 13															1
	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	
	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	
	30														

	Visita de estudo		Aulas UD03		Apresentação Projetos
	Diálogo		Montagem exposição Final		Férias letivas

Quadro 1. Calendarização do projeto – UD03 “O Eu | O Espelho”.

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. INTRODUÇÃO

“Há no rosto uma espécie de eloquência silenciosa que, mesmo não agindo, age
contudo.”

Louis de Cressolles, *História do rosto: Expressar e calar as suas emoções (do século
XVI ao início do século XIX)*, 1620

O rosto humano esconde atrás da face um mistério até hoje não decifrado pelo homem. Não importa a época ou o lugar da manifestação artística, o mistério persiste e os artistas tentam, geralmente através do olhar, mostrar aquilo que sentem.

Houve épocas, em algumas civilizações, onde o rosto humano era representado de forma tão fascinante e tão poderosa que era proibido pela religião desses povos pintá-lo, desenhá-lo, ou reproduzi-lo sob forma de escultura. Muitos afirmam que o retrato nasceu, em quase todas as civilizações, como uma crença na vida eterna no além, querendo perpetuar-se nele a memória dos antepassados. Na pré-história, alguns traços resumiam as feições de um rosto. Hoje, com todas as transformações sofridas pelo ser humano, ele tem uma forma totalmente diferente da que tinha naquela época. O seu desenho, ou pintura, ou escultura obedecem às normas e padrões de cada época, à sua geografia e civilização. O tema continua a ser explorado nos nossos dias. O rosto é objeto de trabalho pessoal, indispensável à conversação e às trocas entre os homens. O rosto é romanticamente chamado de "espelho da alma".

Após diversas leituras e considerações, a fundamentação teórica foi estruturada de forma a abarcar os seguintes temas: o rosto na história da arte, o retrato, o autorretrato e a relação entre o retrato e o autorretrato.

2.2. O ROSTO NA HISTÓRIA DA ARTE

Antes de pensar através do principal objeto da história da arte, ou seja, das obras em si, parece ser necessário fazer alguns breves apontamentos quanto a dois conceitos: “retrato” e “autorretrato”.

Seria criminoso tentar circular de forma estanque o que é um retrato. Por outro lado, algumas características de sua produção parecem comuns, dando pistas para futuras definições e possibilitando que relações artísticas sejam estabelecidas no decorrer deste relatório.

De acordo com Shearer West no seu livro *Portraiture* (2004), “Todo retrato está inserido numa tensão entre quatro pontos: retratista, retratado, comanditário e sua finalidade expositiva.” Todo o retrato é permeado pela vontade de memória e todo o retrato é um monumento. Segundo Jacques Le Goff (1996, p.535), “O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”.

Ao pensar que todo retrato precisa de ser exteriorizado, devido à necessidade da sua celebração por parte de um ou mais indivíduos, temos em mente a sua materialidade. Permeado, portanto, por uma fisicalidade, todo o objeto da retratística está destinado a um fim, rápido ou não, mas seguro.

Desses pareceres, chegamos ao conceito de autorretrato, aparentemente mais simples de circular, devido à sua especificidade dentro do campo do retrato. Trata-se de uma ou mais imagens em que seu próprio executor inclui-se dentro da mesma.

A história do rosto é, então, a partir do século XVI, um paradoxo que se coloca entre o exprimir-se e o ocultar-se, entre o descobrir-se e o mascarar-se. Trata-se, pois, da história do emergir da expressão e do controle sobre ela, através das exigências religiosas e das normas sociais, políticas e estéticas. Esse funcionamento moral instalou-se no homem como um sinal da sua identidade individual e, dessa maneira, deu visibilidade ao homem natural e à relação entre a sua interioridade e exterioridade, deixando “(...) antever o confronto entre o homem físico e o psicológico.” (Alain Corbin 1986, p.2).

Médicos e artistas partilharam, na Antiguidade, o mesmo interesse pela anatomia mas sob diferentes perspetivas: os primeiros, na tentativa de desvendar os mistérios do corpo e da vida; os segundos, na busca da proporção, da beleza exata que permitia aproximar o mundo dos homens ao dos deuses.

Sendo praticamente impossível aceder aos originais, a leitura de fontes literárias, como os *Placita Hippocratis et Platonis* de Galeno, pode dar-nos, como sugere Erwin

Panofsky, alguma informação sobre a antropometria clássica, ajudando-nos a compreender melhor a teoria grega das proporções: “Crisipo de Solis (...) defende que a beleza não reside nos elementos, mas na proporção harmoniosa entre as partes (...) e de tudo para com tudo.” (1955, p.53), conforme consta no cânone de Policleto (450 a.C.).

As proporções da cabeça, sendo a parte mais distintiva do corpo, receberam uma particular atenção, de tal modo que alguns autores chegaram a ditar um cânone exclusivo para ela. Mas a primeira dificuldade para enunciar os seus cânones está na ambiguidade de muitos dos pontos que estão na base das suas medições. Devido a esta dificuldade, muitos sistemas de proporção sobrepõem à cabeça módulos extraídos da mão com limites ósseos mais precisos.

Segundo João Maria Parramón (1993, p.42), o cânone não é mais do que uma “Regra ou sistema que determina e relaciona as proporções da figura humana a partir de uma medição base chamada *módulo*.”.

Leonardo da Vinci realizou uma série de estudos meticulosos sobre o rosto, tão minuciosas (com divisões em graus, pontos, minutos, mínimos e semimínimos) que chegou à obtenção de 24832 partes.

Estes estudos registam a natureza da pesquisa gráfica de Leonardo, na procura de cânone matemático para as suas proporções do rosto.

É significativo que nestes desenhos o homem ideal para o estudo das melhores proporções seja um homem adulto de idade madura.

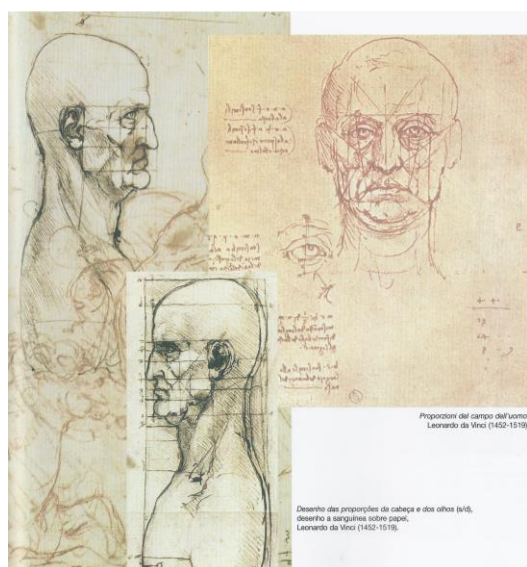


Figura 2. Desenhos | estudos sobre as proporções do rosto de Leonardo da Vinci.

(Fonte: Ramos, E. & Porfírio, M., *Manual do desenho: Ensino secundário, 12.º ano*)

No rosto, situam-se quatro dos cinco órgãos dos sentidos: a visão, a audição, o paladar e o olfato.

Todos eles têm importantes funções na recepção de estímulos externos que se traduzem numa valiosa informação para as relações do ser humano, com outros indivíduos e com o meio ambiente.

Como muitos outros órgãos, os dos sentidos são multifuncionais e além de serem estruturas desenhadas para ver, saborear, cheirar ou ouvir, os olhos, a boca, o nariz e, inclusivamente, as orelhas desempenham papéis importantes na expressão do rosto.

Interessa dizer que, embora o rosto possa ser analisado através de um esquema universal de leitura das relações entre os seus elementos, devemos reconhecer que existem numerosos detalhes para fases distintas. Cada rosto é a existência da pessoa numa totalidade diferenciada.

Diferentes tipos de cabeças, grupos etários e culturais variados, constituem uma infinita variedade de rostos individuais.

A cabeça e o rosto representam um modelo plástico de registo gráfico que permitem a um autor o desenvolvimento de estilos pessoais e de elevada função expressiva.

A cabeça é o resumo do corpo. Em muitos cânones de proporção, utiliza-se a cabeça como módulo.

O modelo da cabeça costuma ser tratado em três aspetos, expondo a sua construção, a sua dinâmica e a sua expressão. Quer dizer, mostrando a sua geometria e modulação, os seus movimentos, escorços e proporção tornam-se visíveis na primeira manifestação que exhibe a sua construção com esquemas geométricos ou modulares.

Seguem-se os esquemas de representação das proporções dos elementos do rosto, sugeridos por Betty Edwards.

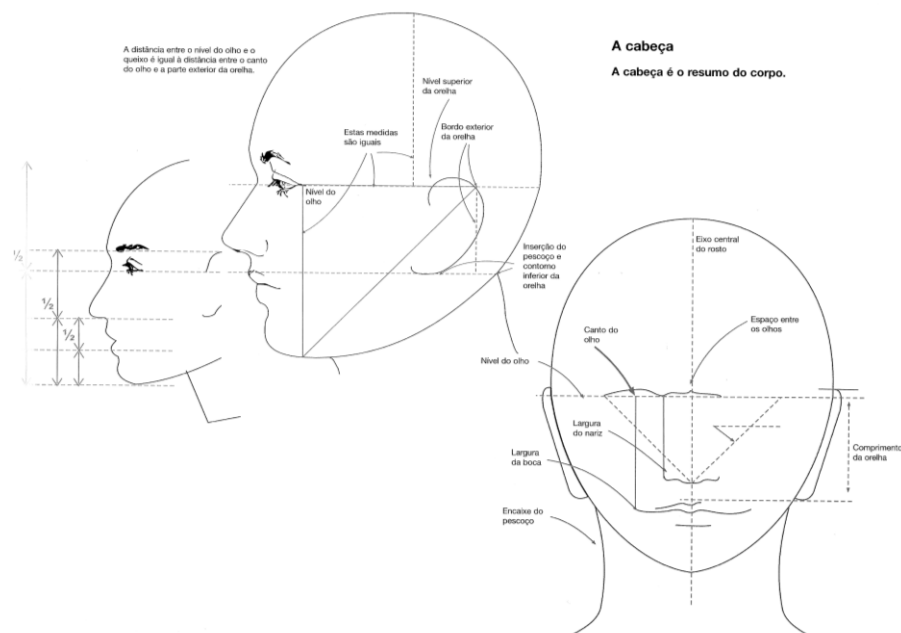


Figura 3. Representação das proporções dos elementos do rosto, Betty Edwards.

(Fonte: Ramos, E. & Porfírio, M., *Manual do desenho: Ensino secundário, 12.º ano*)

2.3. O CONCEITO DE RETRATO

“O que dá a ver o retrato é a forma de uma força. A forma invisível mas extraordinariamente pregnante da intensidade com que um rosto nos olha e o que o nosso olhar acolhe. Ela encarna e dá imediatamente o sentido da figura.”

José Gil, *Escritos sobre arte e artistas*, 2005

O retrato é talvez o mais popular e poderoso género da história das artes visuais, com uma presença que se estende desde pelo menos o século 270 a.C., até os dias de hoje.

De uma maneira geral, os textos sobre a função do retrato insistem sobre a virtude que ele possui de prolongar a imagem dos vivos para além da ausência e da morte. Um tempo *vivo*. “O que esconde a admiração pelo retrato vivo é a obsessão estético-metafísica em sobreviver à morte. O retrato não é mais do que um dispositivo particular de fabricação de um tempo real eterno dentro do tempo.” (Jean-Claude Courtine & Claudine Haroche 1988, p.11).

Os primeiros retratos autónomos surgem no século XIII e ganham impulso com a invenção da portátil tela de pano como suporte (o mais antigo exemplo da pintura sobre tela é uma *madonna* de 1410).

A imagem construída pelo artista deve ser impressionante. O retratado é mostrado como alguém especial, subtraído quase aos acidentes do efêmero. Daí serem de certo modo atemporais: não fosse pelo vestuário, mobiliário e utensílios que ajudam a configurar e situar os que as envergam, ou, até mesmo, o caráter plástico formal relacionado com os materiais utilizados pelos artistas (os suportes, os pigmentos), enfim as variações de caráter técnico e de aspeto formal, os retratados quase estariam fora de um lugar e de uma época determinados.

O género retrato potencia-se no período do Renascimento e do Humanismo, momento da história em que o Homem passou a ser o centro de todas as questões que envolviam o pensamento humano, motivo para tornar-se o mais presente e influente género na história da arte e, simultaneamente, o mais mutante.

Os primeiros retratos foram os da realeza, do alto clero e da aristocracia, (no Renascimento surgem os retratos das pessoas mais comuns ou, em todo caso, os burgueses).

Estes retratos apresentam seus modelos junto a algo, fazendo algo, representando algo. Compõem uma cena que lhes empresta ou sugere uma qualidade própria.

No entanto, a “indústria” do retrato individual, foi sempre tida como um género inferior mesmo pertencendo a um círculo restrito.

É no início do século XIX, segundo Pierre Francastel no seu livro *A realidade figurativa*, que ocorre o maior desenvolvimento do uso do retrato e sua maior difusão por toda a sociedade, não mais restrito à classe dominante. E, mesmo com a invenção da fotografia, Francastel comenta, o “prestígio” do retrato a óleo é mantido.

Na história do retrato, existe um forte marco, a invenção da fotografia, que assinala um antes e depois radicalmente diferentes; uma fronteira que indica uma grande diferença entre as expressões quantitativas e qualitativas do retrato.

A aparição da fotografia pode satisfazer, num primeiro momento, o pedido social de retratos para as capas sociais burguesas, cada vez mais numerosas com grau de expectativa que satisfazia amplamente as exigências do público. Em contrapartida, a arte teve que se exigir a personalidade, algo mais que a simples aparência física que a fotografia conseguia “objetivamente”.

No entanto, o desafio de descobrir o caráter do retratado, suas paixões e convicções íntimas já tinha sido declarado por muitos artistas anteriores ao aparecimento da fotografia.

Na contemporaneidade, o rosto humano no seu realismo mais cru, nas suas falhas e decadência, será mostrado sem disfarces.

Pode dizer-se que esse tipo de atitude é a consequência de um posicionamento mais crítico, por parte dos artistas da época, em relação ao seu próprio tempo.

O caráter multifacetário e a consequência das frequentes mudanças são os principais aspetos do mundo social contemporâneo, os quais favorecem o artista em relação à espontaneidade das suas expressões.

2.4. O CONCEITO DE AUTORRETRATO

“É uma encenação do sujeito por ele mesmo. Revela um olhar voltado sobre si mesmo, reflexivo. Constitui-se de um discurso feito na primeira pessoa, de uma autobiografia visual.”

Philippe Lejeune, *O pacto autobiográfico*, 2003

Se o retrato sempre foi considerado um género inferior, o autorretrato, tema tão recorrente na História da Arte, apresenta-se de forma absolutamente secundária até ao final do Modernismo. Ele parece surgir de uma pausa no trabalho do artista no esforço de produzir uma “grande obra”.

Podemos dizer que o autorretrato é uma exploração, em profundidade, do psíquico do próprio artista e, quase todos os artistas em todos os estilos de arte, exercitaram esta exploração de si mesmo.

Na determinação do valor pessoal de um autorretrato, é indispensável tentar traçar os diferentes elementos que os artistas estariam procurando revelar da expressão mais profunda deles mesmo.

No diálogo central que se estabelece entre os dois agentes (o pintor e o modelo), há uma particularidade no caso do autorretrato: modelo e executante são um só indivíduo, há uma unidade na dualidade do diálogo, (expressão|não expressão; consciente|inconsciente) que ocorre entre si e si próprio.

Três pontos referenciais: o “eu”|sujeito, o “eu”|reflexivo e o trabalho criativo ou, por outras palavras, um dos fatores determinantes na autorrepresentação visual será o modo como o autor concebe e constrói as relações estabelecidas entre as três referências.

Contudo, o autorretrato nem sempre representa a imagem real da pessoa, mas sim como o artista se vê: aceita e assume ou tenta mudar dependendo de cada pessoa ou mesmo de cada momento. É de certa forma uma afirmação de presença, ou melhor, um registo dela. É a memória de estar visível entre coisas visíveis. É a prova de estar incluído no mundo, e não isolado dele.

Alguns artistas afirmam que existe sempre um certo temor em cada autorretrato, pintura, fotografia ou escultura. Teme-se a análise introspetiva, teme-se o conhecimento que ultrapasse a barreira da fantasia, que faça desmoronar um ideal. Como não é um desafio fácil para o artista, ele tende a esconder alguns traços físicos ou psicológicos. Por isso, o autorretrato, tal como a autobiografia ou o livro de memórias, pode fugir da realidade. A arte frequentemente distancia-se dos factos até para que seja possível uma interpretação mais livre.

Autorretratos têm sido um método de autoexploração desde que os primeiros seres humanos olharam para o seu reflexo numa poça de água. Com a invenção do espelho, veio um fascínio ainda maior pela captura da imagem semelhante.

O autorretrato pode ser cuidadosamente planeado para mostrar ao público somente o que o artista deseja, ou ser profundamente revelador, e inadvertidamente manifestar sentimentos de angústia e dor.

Os autorretratos têm sido utilizados para testar novas técnicas, fazer uma marca de assinatura, o lançamento de autoestudos, recordar o passado, ou como uma forma de libertar emoções. Seja qual for a razão que levou o artista a construir a sua imagem, ele é forçado a estudar a sua própria personalidade, tanto física quanto emocional.

O Eu interior transcende o Eu aparente, a imagem palpável. Ao autorretratar-se o artista olhou para dentro de si e expôs a sua alma.

Para todos os artistas, o autorretrato é uma exploração si mesmo, uma oportunidade de ver além da imagem no espelho. O primeiro confronto que o autorretrato impõe surge com o olhar que o espelho devolve, com o que é visto e

como é visto. E o último com a natureza da ação pictórica que trabalha o rosto sem evitar a transformação ou transfiguração deste. Entre estes extremos, outros confrontos surgem e detêm-se no próprio poder do autorretrato e do retrato em geral.

A autorretratística autónoma desenvolve-se no século XVI e, especialmente, no século XVII. Durante muito tempo, o autorretrato foi equacionado como um vulgar retrato e, por conseguinte, assim se tendeu a pensá-lo.

Porém, o autorretrato destaca-se do retrato exatamente por permitir colocar em campo experiências que invadem o íntimo do sujeito, às quais o singelo retrato não permite o acesso.

Não importa se o retratado está parecido ou não, nem tão-pouco quem foi o retratado, mas sim a capacidade da pintura de se evocar a si mesma e de se tornar com o tempo cada vez mais parecida com ela própria, como se possuísse em si a imagem aprisionada de um espelho, ou como se o próprio quadro fosse um espelho. A representação pictórica resulta da combinação de marcas, sinais, manchas e traços feitos artesanalmente sobre determinado suporte. A pintura ostenta uma combinação de sinais e signos que permitem múltiplas interpretações. Vê-se além do que os olhos veem. Nela ocorre uma desaceleração do tempo. É constituída por sobreposições de camadas, de superfícies depositadas aos poucos, “gesto por gesto”.

O espaço onde a figura é colocada, e que mais tarde o quadro apresentará, funciona como uma extensão, quer da projeção das lembranças da vida passada e do presente do artista, quer como testemunho do espaço de intimidade que caracteriza a própria experiência do autorretrato.

O ponto central do autorretrato, que está para além da beleza física, coincide exatamente com o olhar. O olhar revela-se então como a porta de entrada para o quadro, assim como para o mais profundo do retratado, isto é, a própria alma do artista, permitindo mesmo a possibilidade de se associar ao autorretrato um olhar particular.

José-Augusto França (2000, p.20) registou:

“O auto-retrato fita, por natureza e fatalidade de processo, o espectador que o há-de olhar, tanto como a si próprio o pintor se olhou, e o que foi monólogo

desejado do artista, acaba por se realizar em diálogo. Diálogo de três, porém, que três são os seus elementos: o pintor que se retrata, a sua imagem retratada, e a pessoa que a olha, como se estivesse a olhar o seu autor. Que não está: o autorretrato é apenas a sua imagem, não pintor pintado mas o que ele, fora dele, pintou. Mas por isso se dirá que, mais do que apenas a sua imagem, o autorretrato, está para além dela e de quem a pintou, por a ter pintado – ou seja, criado em obra de arte (...) Não se deixará de dizer que o autorretrato é a quintessência da arte, pela duplicidade mágica da imagem fornecida.”.

O autorretrato tende a converter-se em registo do efémero, do transitório e do vazio, acompanhando a eterna busca do sentido da vida.

“As incertezas universais, mesmo quando humildemente expostas, esbatem a segurança no reconhecimento da visão e da percepção transmitidas pelos sentidos humanos. A deriva e o medo do desconhecido acentuam-se e confundem-se, nos nossos tempos, a memória que assegura a identificação dos traços fisionómicos perde sentido, e a eternidade é equivalente do “hoje” e do “agora”.” (Maria Emília Vaz Pacheco 2010, p.127).

2.5. CONCLUSÃO

“O que eu sou então?, pergunta Descartes. Uma coisa que pensa? Mas o que é uma coisa que pensa? É uma coisa que dúvida, concebe, afirma, nega, quer ou não quer, imagina, sente. Certamente não é pouco que todas essas coisas pertençam à minha natureza. Mas por que não lhe pertenceriam?... É *per si* evidente que sou eu quem dúvida, entende e deseja, e que não é preciso acrescentar nada para explicá-lo.”

René Descartes, *Dicionário de filosofia*, 1998

O que define o homem e o diferencia dos outros seres é a capacidade de refletir sobre si ou ter consciência de si mesmo. Percebemos e pensamos o mundo a partir dessa consciência autorreflexiva. Isso define a nossa pertença no mundo. Estamos presentes em cada pensamento, em cada percepção, desejo e ação.

Quando o artista se autorretrata, exerce essa capacidade intrínseca autorreflexiva. E a autorrepresentação implica uma complexidade de procedimentos, de recursos e eventos intercambiáveis.

A representação de si próprio não tem somente como objetivo reproduzir-se ou ver-se estampado sobre uma superfície qualquer. Demanda uma operação que envolve muitas escolhas, entre outras, a escolha do meio, dos materiais, suporte e a definição de conceitos. Ocorre, ainda, um exame e uma vontade de entendimento da própria ação, dos recursos existentes e dos próprios conteúdos.

III PARTE – METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DA UD03

CAPÍTULO 1 – O EU | O ESPELHO

1.1. INTRODUÇÃO

A comunicação através da manipulação de cores e de formas é uma realidade que existe desde os primórdios da vida humana. Vestígios destes atos de comunicação existem ainda hoje em cavernas, em templos, em pinturas, esculturas representando várias épocas e culturas.

A compreensão destas mensagens, na escola de hoje, torna-se possível com o conhecimento dos códigos que constituem este tipo de linguagem e cuja aprendizagem é feita através do trabalho desenvolvido pelos professores nas disciplinas de Artes Visuais.

Diante da velocidade com que a informação se desloca, diante de um mundo em constante mudança, o papel do professor tem sofrido alterações, nas tarefas de educar, de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária. Assim, o professor tem de se tornar num aprendiz permanente, num construtor de sentidos e saberes, num cooperador, num organizador da aprendizagem, resgatando da sua vida pessoal e profissional alternativas para o enriquecimento das suas aulas.

Deste modo, a frequência do mestrado em Ensino Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário proporcionou momentos de reflexão, aquisição de novos conhecimentos, experiências diversificadas e enriquecedoras e vivências gratificantes.

Ciente do facto de que o ensino das artes constitui um sistema complexo que inclui múltiplos aspetos, começou a tornar-se claro que os professores privilegiavam determinadas práticas em detrimento de outras, que dão mais importância a um determinado tipo de aprendizagens e, que estas situações poderiam estar relacionadas com a influência das suas concepções na forma como organizam o ensino e a aprendizagem.

Uma primeira fase de leituras aleatórias permitiu-me compreender que esta era uma problemática complexa, ao mesmo tempo a vasta literatura sobre teoria da arte e sobre educação em arte, facultaram-me um maior conhecimento desta área de ensino.

Existem definições variadas relativas à arte e às funções que desempenha na sociedade. Pode ser considerada como um modo pessoal de expressão, como uma linguagem fundamental da experiência humana, como um meio de comunicação que dá resposta aos desafios do envolvimento, ou como uma forma de identificar e transmitir valores culturais. A importância que cada um destes fatores assume na educação é variável, conforme as concepções e as ideias de cada professor, o que pode implicar diferentes prioridades e originar modos de ensinar igualmente variados.

Vejamos como a prática de ensino supervisionada realizada no 3.º Ciclo do Ensino Básico, na disciplina de EDV, foi uma experiência importante para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

1.2. PONTOS DE PARTIDA

No plano da subjetividade e da intersubjetividade, as artes propiciam o desenvolvimento de habilidades como trabalhar em equipa, ensinar, coordenar, acompanhar, avaliar, comunicar, administrar conflitos e gerar soluções criativas. No entanto, no plano objetivo, as artes facultam o aprender a trabalhar com conteúdos como: o espaço, a luz, a cor, o som, instrumentos de diversos tipos, materiais, tecnologia, etc.

Noções fundamentais como processos, conhecimentos, valores, atitudes, posturas, habilidades e destrezas, são através da educação artística suscetível de desenvolver em todos os domínios da experiência estética.

O papel do professor é não só estimular mas, também, proporcionar os meios para que os alunos possam, através da arte, desenvolverem um comportamento mais criativo e mais harmonioso, "aprender fazendo". Deve assim, despertar e incentivar os alunos a perceberem a sua própria criatividade através dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, ou ainda, através da descoberta da arte.

Observar e interpretar uma obra, saber quem elaborou, de que modo foi pensada, a sua contextualização histórica, etc., são alguns dos fatores importantes para a leitura e compreensão de uma obra pelo aluno.

O ponto de partida é a presença da arte, que se apresenta por si mesmo.

Mihaly Csikszentmihalyi, no seu livro *Fluir* (2002, p.151), transcreve um comentário de um observador, em que este refere:

“(...) uma obra de arte permite ter uma percepção súbita e uma compreensão do mundo. (...) pode significar a faculdade de, repentinamente, sairmos de nós próprios e compreendermos a nossa ligação com o mundo (...)”.

Pelo exposto, a coleção de obras presente no Museu de Electricidade, onde foi efetuada a visita de estudo, facultou um primeiro enquadramento histórico e análise de características formais, temáticas e estilísticas da Arte Contemporânea. O contato direto com as várias formas artísticas ampliou, significativamente, o reportório imaginativo dos alunos e, por sua vez, não só o conhecimento sobre Arte, mas também, as leituras do mundo.

1.3. PROPÓSITO/OBJETIVO DA UD03

Este relatório, de natureza teórico-prática, tem como mote central o retrato e o autorretrato.

A primeira certeza foi a necessidade de entender o âmago do tema e de encontrar uma especificidade para o termo autorretrato.

Considera-se pertinente apreender os pontos fundamentais sobre a relação entre o retrato e o autorretrato e, perceber a abordagem contemporânea, para além da contemplação física e a exploração psicológica.

O tema surgiu do interesse pessoal na exploração da identidade da criança|jovem-aluno, dando continuidade ao trabalho executado sobre o corpo humano.

Foi, igualmente, objetivo constante a preocupação de incutir nos alunos o gosto pela Arte, desenvolver a sua sensibilidade estética e sensibilizá-los para a importância do processo criativo, destacando a reflexão sobre as Obras de Arte Contemporâneas e estabelecendo um paralelo com a expressão gráfica.

1.4. PLANIFICAÇÃO DE EDUCAÇÃO VISUAL: 9.º ANO DE ESCOLARIDADE – UD03

As planificações são da responsabilidade do DE, tendo sido aprovadas pela Direção Pedagógica.

Antes de iniciar as planificações, realizou-se uma leitura atenta do programa de EDV, das metas curriculares emanadas pelo MEC, averiguou-se os interesses dos alunos pedindo-lhes sugestões e, paralelamente, releu-se o PEE.

As planificações das atividades da disciplina de EDV para o 9.º ano de escolaridade foram executadas no fim do ano letivo transato, em parceria com as docentes de GD. (ver anexo 4)

Trata-se de uma estruturação coletiva, que pretende o desenvolvimento do mesmo tipo de atividades|experiências para todos os alunos. Por este motivo, as planificações, as fichas de trabalho, os testes de avaliação sumativa e as grelhas de avaliação dos projetos desenvolvidos foram sempre realizados em conjunto com o intuito de obter uma maior uniformidade de metas, metodologias e critérios resultando sobretudo e, no nosso entendimento, em benefício não só dos alunos, mas também pessoal, pela mútua aprendizagem e partilha.

Segundo António Zabalza (1994, p.47) planificar,

“(…) pressupõe prever actividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender.”

Assim, numa primeira abordagem, pode-se encarar a planificação como sendo um “instrumento” de auxílio na otimização da prática educativa, pressupondo a criação de ambientes estimulantes, tendo sempre presente a heterogeneidade do público escolar.

Segundo Alcino Matos Vilar (1995, p.48),

“A complexidade dos processos de ensino e aprendizagem impõe a realização de uma planificação curricular que, ajustada à diversidade dos contextos socioculturais e institucionais, promova a melhoria da qualidade do Sistema Educativo, ou seja, promova a qualidade das aprendizagens dos alunos que o frequentem.”.

A planificação deverá funcionar como um vetor orientador da ação, caso contrário, não dará a devida atenção aos interesses e necessidades dos alunos, pois são estes que fazem a aula acontecer.

Pretende-se que a planificação seja um meio de atingir um determinado fim, e não um fim em si mesmo.

Assim, faz sentido enveredar por “desvios” ao percurso planeado, continuando a planificação a ser “válida” como fio orientador. Deve-se sempre avaliar e alterar os planos, se isso se revelar uma mais-valia para o processo de construção de conhecimento por parte dos alunos.

Entre inúmeras possibilidades, salientam-se algumas condicionantes de maior relevância:

- Prestação dos alunos;
- Apelos internos da ESM;
- Solicitações externas.

Relativamente à planificação da UD03, as sugestões metodológicas|exercícios não foram cumpridos na íntegra, nem ao nível da sua calendarização (o *timing* e a ordem de determinados exercícios foram alterados e substituídos), nem tão-pouco na sua génese (retiraram-se atividades propostas em detrimento da introdução e aprofundamento de outras).

De modo a sintetizar todos os ajustamentos efetuados, veja-se a nova grelha de planificação da UD03.

 EDUCAÇÃO VISUAL 3.º Ciclo do Ensino Básico	
Metas Curriculares 9.º Ano	
OBJETIVOS GERAIS 7. Reconhecer o âmbito da arte contemporânea. 8. Refletir sobre o papel das manifestações culturais e do património. 9. Compreender o conceito de museu e a sua relação com o conceito de coleção. 10. Reconhecer o papel das trajetórias históricas no âmbito das manifestações culturais.	
CONTEÚDOS: Arte e património. D9	AVALIAÇÃO: - Grelha de observação diária; - Grelha de avaliação da UD; - Grelha de avaliação memória descritiva; - Grelha de autoavaliação.

UNIDADE DIDÁTICA: 03 “O Eu O Espelho”		
EXERCÍCIOS	MATERIAL	TEMPO
Conhecer a representação rosto na História da Arte. Visionar filmes e PowerPoints sobre a representação do rosto. 1. Representar através do desenho à mão levantada a estrutura do rosto (cânone). 2. Colar no caderno diário. 3. Representar através do desenho à mão levantada pormenores do rosto.	Computador, projetor, folha de papel quadriculada, cola, folha de papel desenho, lápis de grafite, borracha, apara-lápis, régua, espelho, folha de papel desenho A3 e caderno diário.	1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min.
4. Observar recolher obras de arte figurativas (Pop Art). 5. Analisar uma obra de arte figurativa através do preenchimento de um guião de análise pictórica. 6. Registar no caderno diário. 7. Realizar uma linha do tempo (conhecimento sincrónico - variações num mesmo período de tempo) com as obras selecionadas pela turma.	Livros, documentos, internet, imagens de obras de arte, guião de análise da obra de arte pictórica, esferográfica e caderno diário.	1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min.
EXERCÍCIO FINAL: “O Eu O Espelho” 1. Representar 3 rostos. Trabalho I: - Explorar a forma fundo; - Representar o rosto. Trabalho II: - Visionar um filme sobre a Pop Art; - Representar o retrato com base nas características técnicas do movimento artístico Pop Art. Trabalho III: - Realizar o autorretrato físico e psicológico (escrito); - Realizar o autorretrato (desenho/pintura). 2. Apresentação dos trabalhos à turma com a respetiva memória descritiva. 3. Exposição dos trabalhos.	Fotocópia da imagem do rosto (fotografia), imagens de obras figurativas Pop Art (com rosto), espelho, folha de papel vegetal e autorretrato físico e psicológico escrito. Suportes: papel de desenho, tela, papel vegetal e papéis diversos. Riscadores secos: grafites, lápis de cor, lápis de cera, pastel seco/óleo e marcadores. Meios líquidos: tinta da china, guachos, aguarela, café e acrílico. Material complementar: tesoura, terebentina, cola, pincéis, godés, paleta, borracha, apara-lápis, etc. (Dependendo da criatividade)	1x45 min. 1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min.

Quadro 2. Planificação de Educação Visual | Metas Curriculares, 9.º ano – D9 “O Eu | O Espelho”.

1.5. PLANOS DE AULA

É na aula que se concretiza a ação pedagógica, que se organizam ou criam as situações docentes, isto é, as condições e meios necessários para que os alunos assimilem, ativamente, os conhecimentos, adquiram destrezas e desenvolvam as suas capacidades cognitivas. É de sublinhar que uma das qualidades profissionais do professor é estabelecer uma ligação entre as tarefas cognitivas e as capacidades dos alunos para enfrentá-las e realizá-las, de modo a que os objetivos formulados pelo professor sejam transformados em objetivos dos alunos.

“Normalmente, os planos diários esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizadas para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação.” (Richard Arends 1995, p.59).

A planificação de aula é um plano detalhado do ensino. As unidades e subunidades que foram previstas, em linhas gerais, são agora especificadas e sistematizadas para uma situação pedagógica real.

Ao criar o plano de aula, deve ter-se em conta que este se desenvolve num período curto, como tal, fará parte de um conjunto sequencial e articulado de aulas que constituem a UD.

A aula deve desenvolver-se em torno de uma ideia central, o professor deve avaliar o rendimento do aluno, deve fazer uma avaliação da própria aula refletindo se o trabalho proporcionou condições efetivas para o êxito escolar dos alunos.

Um bom plano de aula inclui a exposição clara dos objetivos, a sequência das atividades de ensino e o meio de avaliação da aprendizagem do aluno. É imprescindível que o professor procure desenvolver as suas capacidades no sentido de fazer ajustamentos de última hora, quando os planos se mostram inapropriados ou ineficazes.

“Planificação» Actuação» Avaliação» Reflexão» Planificação.” (Fátima Braga et al. 2004, p.29).

No anexo 5, apresenta-se três planificações de aulas a curto prazo, referentes ao lançamento, desenvolvimento e conclusão da UD03.

É de referir que, em todas as aulas, são efetuados os seguintes passos:

- Uma síntese da aula anterior;
- Introdução ao tema e atividades a desenvolver ou ponto da situação dos trabalhos em desenvolvimento;
- Indicações sobre os exercícios a realizar: técnicas, materiais, avaliação;
- Análise e reflexão sobre o funcionamento da aula;
- Análise de atitudes e respetivas recomendações;
- Indicações para a próxima aula: conteúdos, exercícios e materiais.

A promoção desta rotina favoreceu a criação de um padrão organizacional do processo de ensino-aprendizagem, criando um ambiente de aprendizagem estruturado, cujo objetivo era ajudar os alunos a alcançar os objetivos predefinidos.

1.6. DESENVOLVIMENTO DA UD03 (inclui registo fotográfico)

Para apresentar e desenvolver o tema da UD, utilizei meios audiovisuais para a apresentação de vídeos e de imagens (projektor, tela e computador), bem como meios mais tradicionais (quadro branco e livros).

As tecnologias foram usadas, fundamentalmente, para alargar o ensino da arte e as opções de aprendizagem. Direccionam-se para aumentar produção, criação e|ou projetar obras de arte, para comunicar sobre arte e para ter acesso e manejar informação sobre arte.

Neste sentido, apresentei um *powerpoint* com o conhecimento das formas e proporções próprias do rosto humano (ver anexo 6), outro *powerpoint* com exemplos de representação do retrato e autorretrato (pintura) ao longo da História da Arte (ver anexo 7), cinco vídeos direcionados para a representação dos vários elementos do rosto (ver anexo digital 10|11|12|13|14), um vídeo com a representação de autorretrato na obra de arte (ver anexo digital 15) e três vídeos sobre o movimento artístico Pop Art (ver anexo digital 17|18|19).

Após as visualizações, foi sempre promovido um diálogo com os alunos sobre as apresentações efetuadas, de modo a verificar de que forma as informações e ideias retidas poderiam vir a influenciar a forma de expressão artística dos alunos.

Durante e no final das apresentações, foi disponibilizado tempo para o esclarecimento de dúvidas, embora não tenham surgido questões relevantes sobre o tema, permitindo crer que a aprendizagem havia sido realizada com sucesso.

Nas aulas seguintes e, através da aplicação dos conteúdos lecionados nos exercícios práticos, foi possível confirmar esta suposição.

Findas as apresentações e, antes de terminar a aula, por norma introduzi os exercícios práticos que, conforme referido anteriormente, consistia na elaboração de três rostos (2 retratos e 1 autorretrato) em suporte bidimensional e|ou tridimensional, utilizando as adequadas técnicas (ao critério dos alunos).

O primeiro trabalho prático foi direcionado para a abordagem da estrutura base do desenho do rosto. Os alunos realizaram a estrutura do rosto, através das proporções do rosto utilizando o cânone. O exercício foi realizado a lápis de grafite (mão livre) numa folha de papel quadriculado e, posteriormente, foi cortado e colado no caderno diário. Para tal, apesar da representação geometrizada da estrutura do rosto, os alunos utilizaram como utensílio extra (facultativo) um espelho. O referido objeto proporcionou a verificação (imagem refletida) das diferentes formas do rosto, face às explicações|informações da professora. O mesmo instrumento foi utilizado na concretização dos outros trabalhos.

Partindo da generalidade da representação do rosto para a particularidade de cada rosto, os alunos realizaram alguns registos gráficos de pormenores|formas presentes nos seus rostos. Pretendi motivar os alunos para o tema e, simultaneamente, facilitar a aprendizagem favorecendo o processo de analogia com a realidade experienciada.

A aula iniciou-se com um conjunto de premissas que me pareceram fundamentais, nomeadamente, as questões de escala e de proporção. O intuito foi o de acrescentar gradualmente as dificuldades, consoante as prestações dos discentes.

Posteriormente, foi pedido aos alunos que trouxessem uma ou mais fotocópias de tamanho A3 com a imagem do seu rosto de frente e imagens de obras de arte figurativa (obrigatoriamente com o movimento artístico Pop Art), onde o elemento rosto estivesse sempre presente.

Após a reunião das referidas imagens sobre as obras de arte figurativa, realizou-se uma linha do tempo com o objetivo de criar e aprofundar o conhecimento sincrónico (variações num mesmo período de tempo) da representação do rosto na Pop Art.

De seguida, os alunos preencheram um guião de análise de uma obra de arte pictórica (ver anexo 8), referente à obra selecionada (base para o trabalho II).

Nas aulas seguintes, procedeu-se ao desenvolvimento das atividades práticas (I, II e III trabalhos), onde tive oportunidade de acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos, circulando pela sala de aula, auxiliando do ponto de vista técnico e concetual, procurando em conjunto refletir no sentido de suscitar ideias|soluções para o problema|questão em evidência.

Embora cada etapa dos três trabalhos sugeridos tivesse exigências específicas, existiram questões conceptuais comuns a todas elas, nomeadamente, as que se prendiam com conceitos de composição ou de cor.

Desta forma, antes de apresentar cada uma das etapas com todas as suas particularidades, comecei por aprofundar questões transversais, por serem mais generalistas.

Quando falamos em composição, numa pintura, a expressão compor significa organizar, “(...) pôr em conjunto (...) variados elementos visuais com um arranjo pré-determinado.” (Zita Areal 2006, p.122).

Segundo Leon Battista Alberti, “Em composição, beleza é o ajustamento de todas as partes, proporcionalmente, de forma a que nada se possa juntar ou subtrair ou mudar sem estragar a harmonia do todo.” (*in* Areal 2006, p.122).

A título de exemplo, foi apresentada uma obra da artista plástica Paula Rego, onde é perceptível este tipo de preocupação organizativa. (ver anexo 9)

Outro fator de extrema importância numa composição é o elemento visual: a cor.

A pintura é, por excelência, a arte onde a cor assume um dos papéis predominantes na obtenção de resultados expressivos.

A cor, relacionada com a forma e com o tema das composições, define e condiciona a leitura e a compreensão que fazemos do objeto plástico, que é a mensagem incluída na obra de arte.

A cor, na sua expressividade, provoca o inesperado, estimula uma leitura específica da realidade e alia-se ou reage aos diferentes contextos culturais. É um fenómeno do qual não nos podemos alhear, por ser um elemento visual que nos acompanha permanentemente, quer nas formas naturais (a própria Natureza), quer nas formas artificiais (nos objetos).

Por norma, o estudo da cor é considerado como subjetivo, tendo em conta a diversidade de considerações e critérios relacionados com as áreas de investigação desenvolvidas.

No entanto, a cor pode ser estudada de uma forma objetiva, tomando por base princípios que, relacionados com determinados fenómenos ou ciências, caracterizam e explicam a função e influência da cor no Homem e na sociedade.

Segundo António Quaresma Coelho (1995), os físicos estudam a cor no âmbito das suas características científicas – frequências e comprimentos de onda; os médicos estudam o nosso aparelho visual e a sua reação nervosa à luz e às cores; os psicólogos investigam a nossa percepção e receptividade às cores e a simbologia atribuída a cada cor; e os artistas, quando estudam a cor, aproveitando todas as informações já desenvolvidas pelas restantes áreas (acima referidas), predispõem-se a descobrir o interesse específico de cada cor, de forma a definir corretamente quais as cores a utilizar ou a rejeitar, em determinado trabalho.

Este conteúdo programático não foi aprofundado, visto que tem sido explorado desde o 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Para as diferentes fases e diferentes trabalhos sugeridos, os alunos produziram, no seu caderno diário, relatórios referindo as opções, dificuldades e soluções encontradas.

Foi, ainda, proposto aos alunos a elaboração de um texto referente ao autorretrato físico e psicológico, incluído no III trabalho (ver anexo 10). Esta tarefa teve como objetivo aprofundar uma reflexão sobre o princípio construtivo do eu contemporâneo e criar uma boa relação interpessoal entre os vários elementos da turma.

Desvelar as questões identitárias dos alunos por meio da representação e autorrepresentação, através de procedimentos artísticos, ajudaram a pensar na sua identidade.

No decorrer das aulas, os alunos estiveram atentos, com comportamento adequado e participativo, embora tenha ocorrido alguns casos pontuais de desestabilização ao nível do ruído com intervenções desorganizadas e/ou sobrepostas e conversas paralelas entre alunos.

Para dissuadir estes comportamentos, adotei algumas estratégias como a repreensão verbal, aproximação física aos elementos perturbadores, elevação do tom de voz enquanto expunha a matéria, como forma de chamar a atenção e, ainda, recorri a perguntas diretas sobre os conteúdos e possíveis dúvidas, atraindo a atenção destes alunos. O recurso a estes procedimentos permitiu controlar a atenção do grupo sem recorrer a outro tipo de advertências/ocorrências disciplinares.

As últimas aulas foram direcionadas para a exposição oral dos trabalhos, reflexão, autoavaliação e heteroavaliação dos trabalhos efetuados. Individualmente e, através da apresentação de uma memória descritiva (ver anexo 11), os alunos tentaram encontrar palavras para descrever e analisar os seus trabalhos relatando sentimentos, ideias e emoções que se afiguram. Este olhar pretendeu transportar a comunicação de ideias e sugestões e, por sua vez, conduzir para as experiências vividas.

Deixar conhecer e compreender as intenções dos autores é o objetivo primordial. Ver e apreciar trabalhos também pode ser uma aprendizagem.

Pelo exposto, a UD foi dividida da seguinte forma:

1.ª Parte – Cânone do rosto: proporção, escala e anatomia

Fase 1 – Visionamento de filmes e *PowerPoint*.

Fase 2 – Desenhar a estrutura base do rosto (cânone).

Fase 3 – Representar através do desenho à mão levantada pormenores do rosto.

2.ª Parte – Forma/Fundo (Trabalho I)

Fase 1 – Desenho do rosto recorrendo apenas ao elemento visual gráfico a linha, enquanto elementos delimitadores.

Através da fotocópia do rosto, os alunos efetuaram o registo simplificado do rosto.

Fase 2 – Pintura do rosto recorrendo ao elemento visual a cor, com a técnica de pintura em mancha.

Foram realizados diversos estudos, tantos quantos necessários, até encontrarem o perfeito enquadramento, bem como a certeza da opção cromática pretendida, de modo a assegurar um equilíbrio da composição.

Os suportes e os materiais a utilizar poderiam ser os mais variados (liberdade de escolha), no entanto, a maioria dos alunos optou por realizar o seu trabalho em suporte tela, em cartão entelado ou em papel|cartolina, com uma dimensão aproximada de um A3 (30 x 40 cm) e com os materiais de registo lápis de cor, pastéis e tintas acrílicas.



Figura 4-11. Trabalhos realizados pelos alunos – 2.ª Parte | fase 1.
(Fonte: fotografias da autora)



Figura 12 e 13. Trabalhos realizados pelos alunos – 2.ª Parte|fase 2.
(Fonte: fotografias da autora)

Fase 3 – Relatório final do trabalho desenvolvido (caderno diário) com referência às opções, dificuldades e soluções encontradas.

O aluno é livre na escolha do suporte, dos materiais e nas técnicas a utilizar.

3.ª Parte – Retrato na Pop Art (Trabalho II)

Fase 1 – Visionamento de filme sobre Pop Art.

Fase 2 – Desenho do retrato baseado nas características|técnicas do movimento artístico Pop Art.

Foram, novamente, realizados diversos estudos, tantos quantos necessários, até encontrarem o perfeito enquadramento, de modo a assegurar um equilíbrio da composição.

Fase 3 – Pintura do retrato baseado nas características|técnicas do movimento artístico Pop Art.

Nesta etapa, também, foram realizados diversos estudos, tantos quantos necessários, até encontrarem a certeza da opção cromática pretendida, de modo a assegurar um equilíbrio da composição.

Fase 4 – Relatório final do trabalho desenvolvido (caderno diário) com referência às opções, dificuldades e soluções encontradas.

O aluno é livre na escolha do suporte, dos materiais e nas técnicas a utilizar.



Figura 14-19. Trabalhos realizados pelos alunos – 3.ª Parte|fase 3.
(Fonte: fotografias da autora)

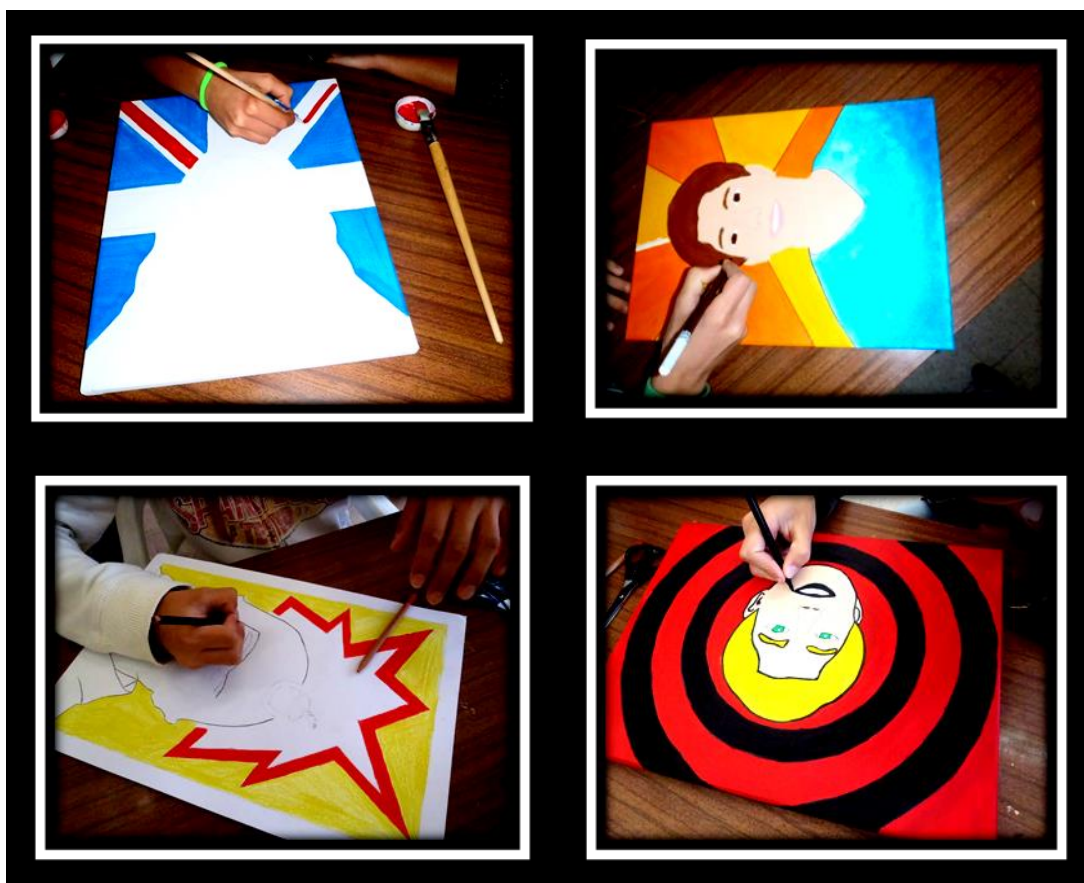


Figura 20-23. Trabalhos realizados pelos alunos – 3.ª Parte|fase 3.
(Fonte: fotografias da autora)

4.ª Parte – Autorretrato (Trabalho III)

Fase 1 – Visionamento de filmes.

Fase 2 – Realização do autorretrato físico e psicológico (escrito).

Fase 3 – Realização do autorretrato:

- Desenho (estudos);
- Cor (estudos).

Fase 4 – Concretização do autorretrato.

Fase 5 – Relatório final do trabalho desenvolvido (caderno diário) com referência às opções, dificuldades e soluções encontradas.

A fonte de inspiração é livre, assim como, a escolha do suporte, dos materiais e das técnicas a utilizar.



Figura 24-31. Trabalhos realizados pelos alunos – 4.ª Parte|fase 3.
(Fonte: fotografias da autora)



Figura 32 e 33. Trabalhos realizados pelos alunos – 4.ª Parte|fase 3.
(Fonte: fotografias da autora)

5.ª Parte – Apresentação dos trabalhos

Fase 1 – Elaboração de uma memória descritiva dos trabalhos desenvolvidos.

Fase 2 – Apresentação dos trabalhos com auxílio da memória descritiva realizada.

6.ª Parte – Avaliação

Fase 1 – Reflexão.

Fase 2 – Autoavaliação.

Fase 3 – Heteroavaliação.

Fase 4 – Avaliação do desempenho da professora.

7.ª Parte – Exposição

Fase 1 – Planeamento da exposição.

Fase 2 – Montagem da exposição.

Ao longo da intervenção educativa, não foi utilizado na íntegra um único modelo pedagógico, mas sim, linhas orientadoras de diferentes modelos, “Os professores necessitam de diferentes abordagens para conseguirem alcançar os seus objectivos com diferentes populações de estudantes.” (Arends 1995, p.16), ou seja, os docentes podem seleccionar pontos estratégicos de cada modelo de forma a alcançarem as competências que pretendem. Podem seleccionar o modelo que acham mais pertinente para os alunos atingirem determinado objetivo, contudo, podem seleccionar outro modelo para motivar os alunos.

De acordo com a prática desenvolvida na leccionação dos conteúdos, e considerando as dinâmicas observadas, “(...) identificam-se fundamentos que enquadram a prática

nos modelos de ensino interativo centrados no professor.”, designados por Arends (1995, p.251).

A interação entre a professora e os alunos, na sua aceção mais simples – ensinar - baseou-se no modelo de ensino expositivo, no modelo de instrução direta e no método comparativo.

Relativamente ao modelo de ensino expositivo foi aplicada a seguinte sequência:

- Introdução ao tema e clarificação dos objetivos da aula (preparação dos alunos para a aprendizagem) e da unidade temática que se inicia;
- Apresentação de um organizador prévio, relativamente familiar e “comparativo” para integrar as novas informações com as já existentes na estrutura cognitiva dos alunos (partir do conhecimento dos alunos e questionamento sobre a temática);
“Os organizadores prévios constituem um instrumento que ajuda os alunos a prever e a relacionar as novas informações a conhecimentos já adquiridos.” (Arends 1995, p.259);
- Identificação do conteúdo relevante, explicando a relevância desse conteúdo para a aprendizagem do novo material, através de uma visão geral e salientando as relações importantes;
- Apresentação de conteúdos específicos (oralmente e com o apoio visual de imagens) fornecendo um contexto ideacional para assimilar significativamente a aprendizagem;
- Interações destinada a monitorizar|verificar a compreensão|consolidação dos conteúdos expostos e o desenvolvimento das suas competências cognitivas (síntese).

A adoção deste modelo para a introdução de UD teve como objetivo principal promover o desenvolvimento do raciocínio dos alunos durante e após a apresentação de novos conteúdos, num ambiente onde a professora foi sempre uma oradora ativa e os alunos ouvintes ativos.

Aqui, o papel entusiasta da professora foi um fator essencial na transmissão do conhecimento e na motivação dos alunos para a aprendizagem. Quanto à verificação da compreensão dos conteúdos, para além das interações verbais, os próprios exercícios desenvolvidos pelos alunos constituíram processos formais para aferir o nível de aprendizagem.

Cumulativamente, foi adotada a metodologia de ensino baseada no modelo de instrução direta, que teve como metas principais o domínio de conteúdos e a aquisição de competências, através de cinco fases: apresentação dos objetivos e definição do contexto; demonstração do conhecimento e/ou competência; proporcionar uma prática guiada; certificação da compreensão de forma a proporcionar um *feedback*. “A tarefa mais importante dos professores que recorrem ao modelo de instrução directa é a de proporcionarem aos alunos *feedback* significativo e conhecimento dos resultados.” (Arends 1995, p. 349). Na quinta e última fase, proporcionei informação acerca do desempenho. Esta metodologia está fortemente ligada às tarefas e à execução dos exercícios e baseou-se na realização de demonstrações práticas orientadas, nomeadamente, no domínio de técnicas artísticas como forma de fomentar a aprendizagem dos alunos para novas situações. Outro método de ensino proporcionado, em âmbito sala de aula, incidiu numa abordagem comparativa, na medida em que considero que facilita a compreensão, o entendimento e a absorção de certos conceitos por parte das crianças|jovens-alunos.

Trata-se de um método bastante utilizado pela Crítica da Arte em geral “Método comparativo centrado no encontro de semelhanças e diferenças entre as obras de arte estudadas (...)”, (João Pedro Fróis, Elisa de Barros Marques & Rui Mário Gonçalves s.d., p.208), cuja aplicação prática está intimamente ligada a “(...) obras de autores consagrados.” (*idem*) (no sentido do reconhecimento de mérito, pelo menos, enquanto interesse expositivo).

Transpondo esta ideia para a sala de aula, aquilo que tentei implementar foi, através da comparação de trabalhos dos próprios alunos, fomentar um espaço de debate, onde a atividade analítica fosse fortalecida, de modo a que, em conjunto, conseguíssemos “procurar” semelhanças e diferenças nos estilos, nos temas ou nas formas.

“O sujeito, quando observa, compara qualidades que, de outro modo, não perceberia. O acto de comparação implica julgar, classificar, estabelecer relações, determinar a natureza da percepção, a clareza dos elementos percebidos e a precisão com que são registados. O discernimento surge assim

da natureza da comparação, determinando-a.”. (Fróis, Marques & Gonçalves s.d., p.208)

Constato que esta opção ocasionou aulas bastante dinâmicas, quer no raciocínio quer nos diálogos, pois “obrigou-os” a argumentarem, a pensarem de uma forma lógica e a estruturarem o seu discurso.

David Perkins, no seu livro *The intelligent eye: Learning to think by looking at art* (1994), defende a tese de que podemos aprender a pensar através do contato visual com a arte e sugere algumas mudanças na atitude dos observadores para com as obras. Diz-nos que, em vez de termos um olhar apressado, devemos dar tempo ao olhar; em vez de termos um olhar pouco abrangente, devemos fazer com que ele seja vasto e audaz; em vez de termos um olhar turvo ou empoeirado, devemos fazer com que ele seja límpido e profundo; e em vez de nos dispersarmos de tal modo que confundamos tudo, devemos fazer com que o nosso olhar seja organizado.

Embora seja possível encontrar alguns indetificadores entre a prática desenvolvida e outros modelos de ensino, os apresentados enquadram de forma mais evidente o processo ensino-aprendizagem veiculado na lecionação da UD.

A Metodologia Projetual está, similarmente, contida de forma intrínseca na realização da UD. Contudo, optei por empregar uma organização metodológica mais sintetizada, adequada aos objetivos do projeto e, baseada em Bruno Munari (1998) e Rodolfo Fuentes (2009), conforme organizado no seguinte quadro.

Metodologia Projetual				
Fuentes	Necessidade	Conceção	Concretização	Controle
Munari	- Definição do Problema - Componentes do Problema - Recolha de Dados - Análise de Dados	- Criatividade	- Materiais e Tecnologia - Experimentação - Modelo - Verificação	- Desenho Construtivo

Quadro 3. Metodologia Projetual, baseada em Munari (1998) e Fuentes (2006).

“Criatividade não significa improvisação sem método: dessa maneira só se cria confusão. (...) a série de operações do método de projeto é formada de valores objetivos que se tornam instrumentos de trabalho nas mãos do projetista criativo.” (Munari 1992, p.11).

Corresponsabilizei, de igual modo, todos os alunos no processo de aprendizagem, através do desenvolvimento de competências como a pesquisa e a experimentação|exploração.

“(...) neste espaço de liberdade e de criatividade, em que a experimentação é um dos factores mais motivadores, não pode haver limites nas técnicas e nos materiais empregues. (...) é por isso, e por ser um espaço resguardado de outros observadores, que «o saber desenhar» é completamente irrelevante.” (Salavisa 2008, p.23).

Considerar a diferenciação pedagógica, relacionando modelos e diferenciando estratégias de ensino de acordo com as necessidades e capacidades dos alunos. Trata-se de um desafio. A utilização de modelos múltiplos e da diferenciação é considerado por Arends (1995, p.447) “(...) o único desafio do ensino no início do século XXI, e provavelmente, continuará a sê-lo.”, para alcançar um ensino eficaz. Verificou-se que o empenho dos alunos foi entusiasta e aumentou ao longo do desenvolvimento da atividade, fruto de um consequente aumento da confiança e um estreitamento da relação pedagógica com a turma.

Os exercícios apresentados na planificação da UD03, sua calendarização| agendamento e génese foram cumpridos na íntegra.

É de referir que o plano da UD previu a realização de uma visita de estudo que teve como objetivos contactar com novas técnicas, observar, interpretar e descrever soluções técnicas, reconhecer a importância das Artes Visuais, visualizar diferentes meios expressivos de representação, compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos e reconhecer a necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes. Ainda no espaço da exposição, os alunos tiveram a oportunidade não só de falar sobre o que estavam a visualizar, mas também de sugerirem diferentes soluções técnicas para além das que observaram, interagindo com o guia| monitor da exposição.

Nota: em todas as aulas foi disponibilizado o *dossier* da UD03 contendo os *PowerPoint* das aulas expositivas, o enunciado dos trabalhos, material de pesquisa visual e literária sobre o rosto, retrato e autorretrato, livros sobre processos e técnicas utilizadas por diversos artistas contemporâneos e material necessário à execução dos trabalhos.

1.6.1. ENUNCIADO DA UD03

Foi elaborada e apresentada uma proposta de trabalho, referente a todos os trabalhos sugeridos ao longo da UD, em suporte informático.

O enunciado da UD03 “O Eu | O Espelho” inclui a compilação da fundamentação teórica, os objetivos gerais do projeto, os conteúdos programáticos a desenvolver, as estratégias|metodologias, a interdisciplinaridade, os recursos (humanos, físicos e materiais), as técnicas e materiais, os tipos de avaliação e o tempo de concretização. (ver anexo 12)

O enunciado constitui um elemento fundamental para a orientação dos alunos perante um desafio|exercício designado.

1.6.2. CONCEITOS E PALAVRAS-CHAVE

Ao longo da UD03, foram apresentados (informaticamente) alguns mapas organizadores de conceitos e palavras-chave. Estes foram propostos como um recurso potencialmente facilitador da aprendizagem significativa, no sentido de servirem de pontes cognitivas entre novos conhecimentos e os já existentes na estrutura cognitiva do aluno.

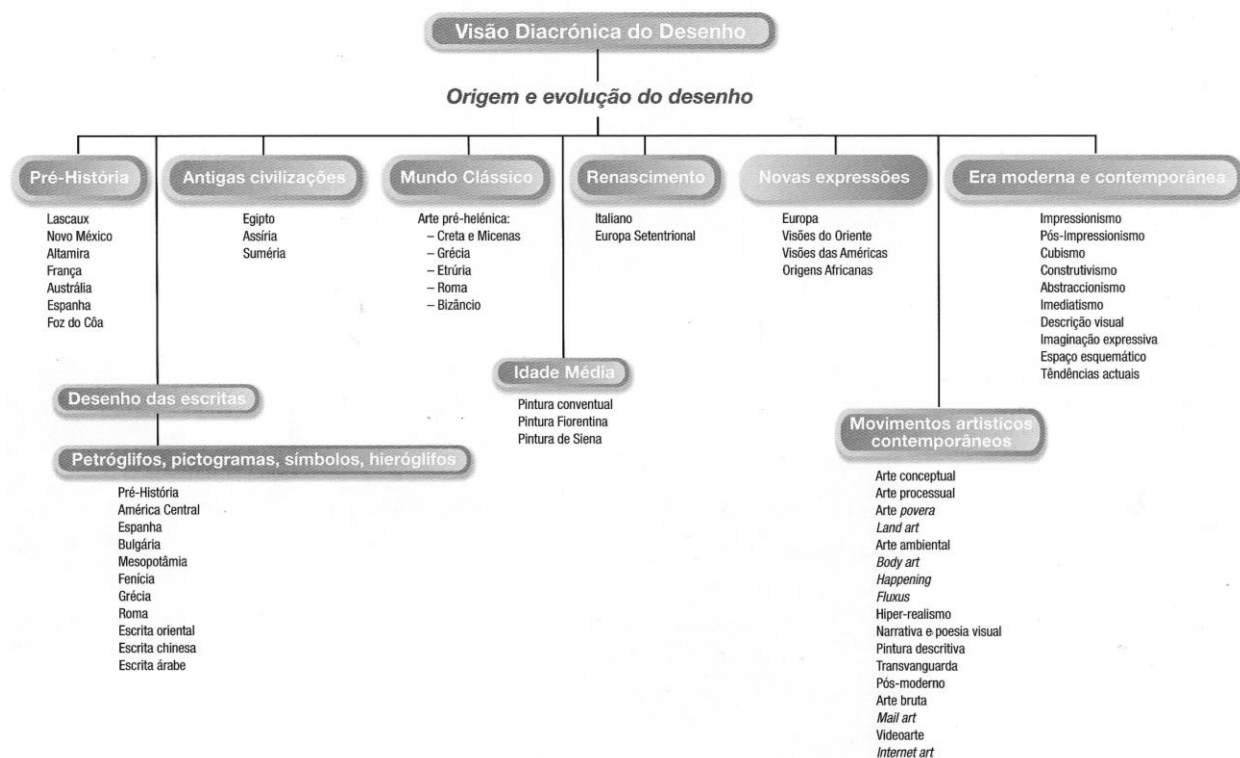


Figura 34. Mapa organizador de conceitos: Visão diacrónica do desenho.
(Fonte: Ramos, E. & Porfírio, M., *Manual do desenho: Ensino secundário, 12.º ano*)

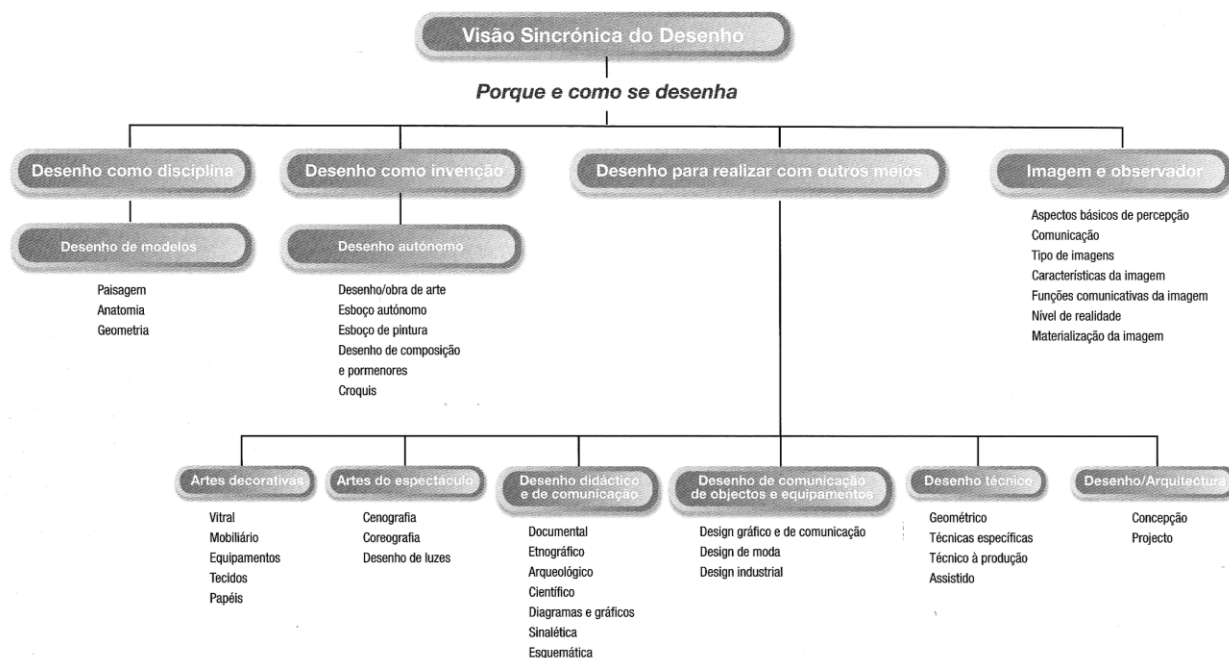


Figura 35. Mapa organizador de conceitos: Visão sincrónica do desenho.
(Fonte: Ramos, E. & Porfírio, M., *Manual do desenho: Ensino secundário, 12.º ano*)

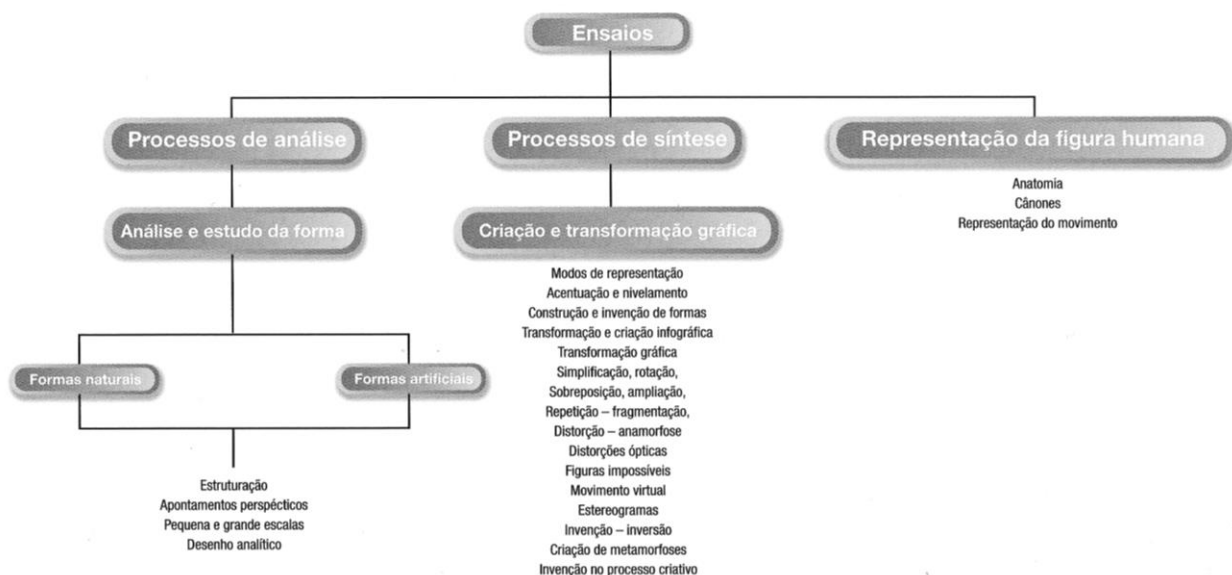


Figura 36. Mapa organizador de conceitos: procedimentos-ensaios.

(Fonte: Ramos, E. & Porfírio, M., *Manual do desenho: Ensino secundário, 12.º ano*)

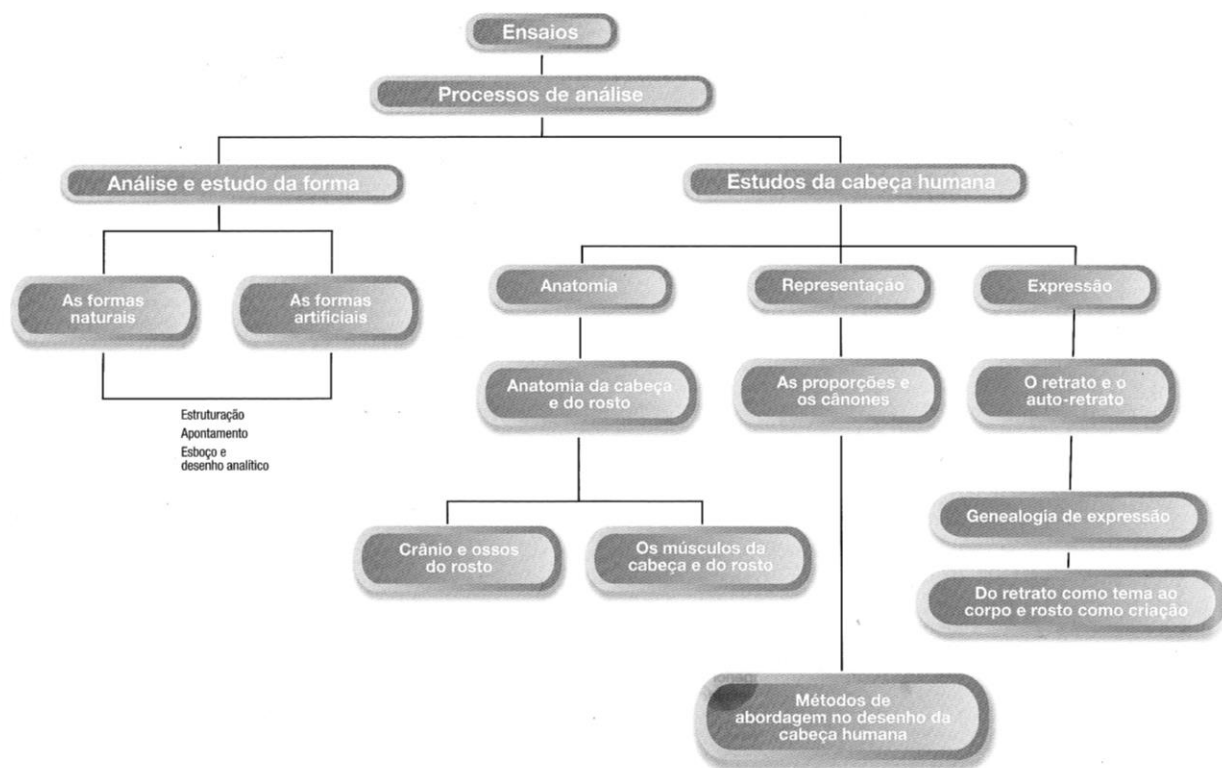


Figura 37. Mapa organizador de conceitos: Estudo da cabeça humana.

(Fonte: Ramos, E. & Porfírio, M., *Manual do desenho: Ensino secundário, 12.º ano*)

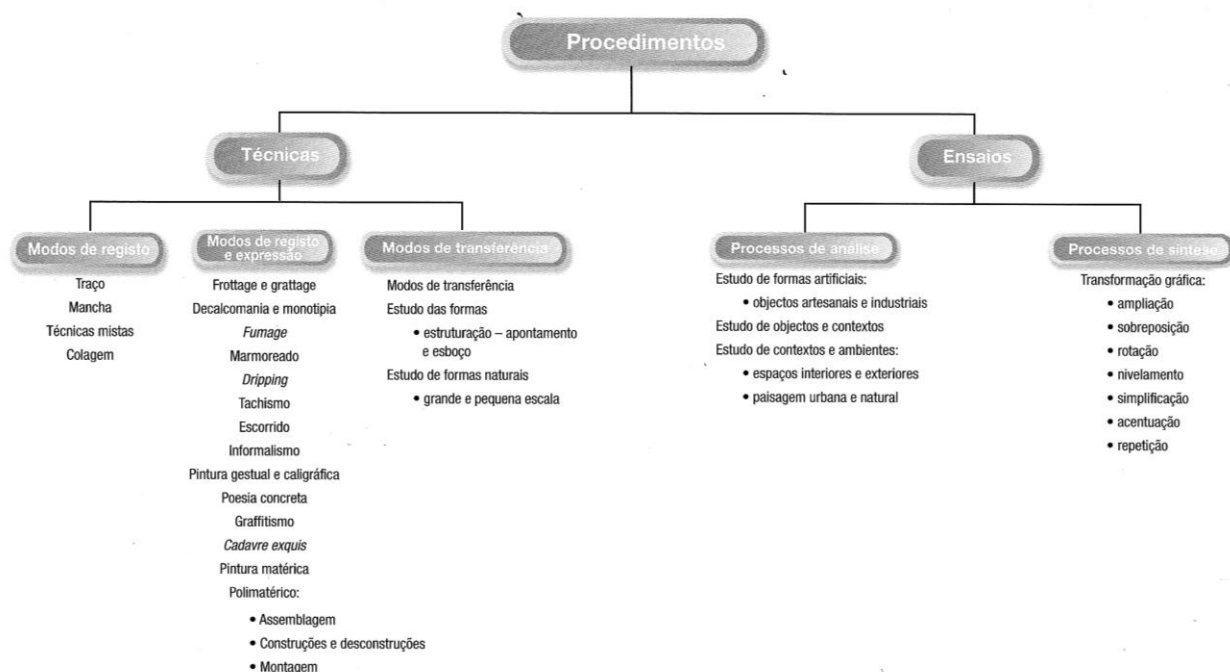


Figura 38. Mapa organizador de conceitos: Procedimentos.

(Fonte: Ramos, E. & Porfírio, M., *Manual do desenho: Ensino secundário, 12.º ano*)

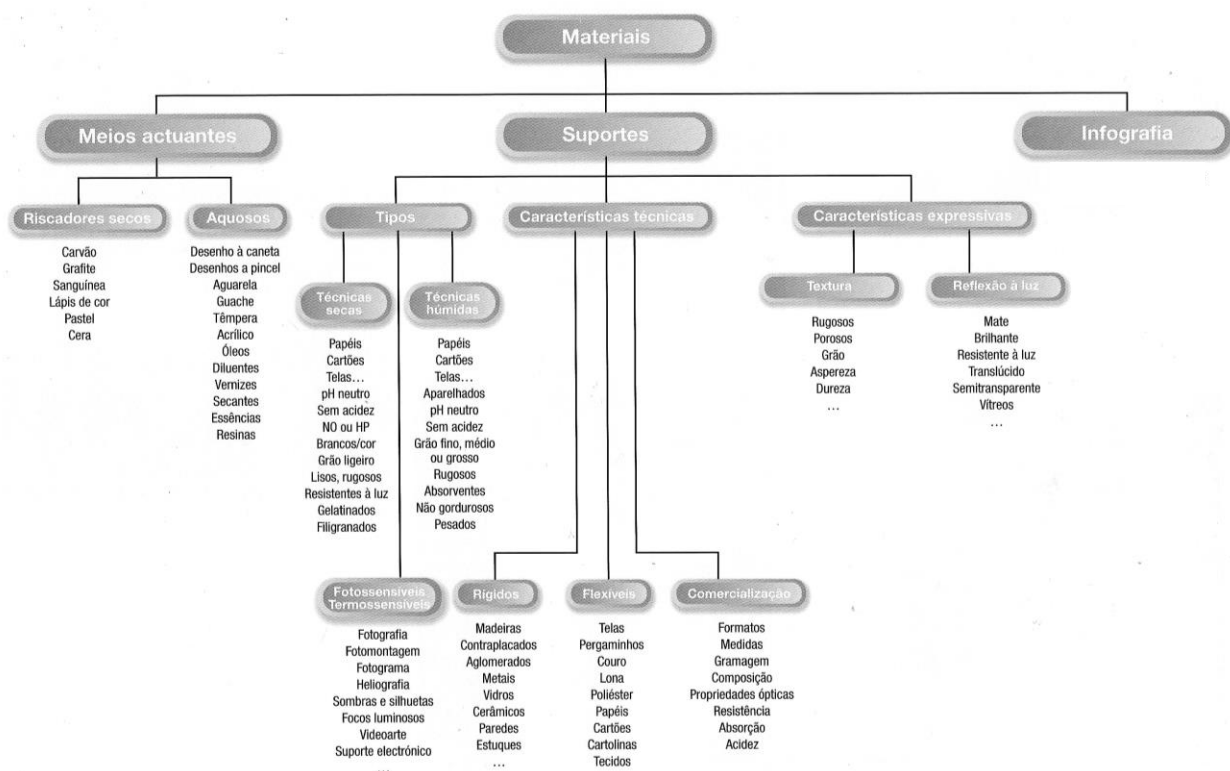


Figura 39. Mapa organizador de conceitos: Materiais.

(Fonte: Ramos, E. & Porfírio, M., *Manual do desenho: Ensino secundário, 12.º ano*)

1.6.3. PESQUISA LITERÁRIA E VISUAL

Na UD, foi facultada uma breve bibliografia referente aos conteúdos abordados. Ao proporcionar fontes de informação, julgo que levei os alunos a construir o seu próprio conhecimento e a alargar o seu universo cultural|artístico.

Sugestões:

. PARRAMÓN, J. M. (1993). *Como desenhar o Corpo Humano: Teoria, técnica, prática da construção e do desenho da anatomia artística do corpo humano*. Lisboa: Editorial Presença. (Obra original publicada em 1990). ISBN 972-23-1646-X.

. SMITH, Ray (1996). *Desenhar a Figura Humana*. Lisboa: Editorial Presença. (Obra original publicada em 1994).

. Rosto Humano - SlideShare

<http://www.slideshare.net/ricreis/rosto-humano> (consultado em 1.02.2013)

. Women in Art

<http://www.youtube.com/watch?v=nUDIoN-> (consultado em 1.02.2013)

. The Proportions of the Head and Face - Arty Factory

<http://www.artyfactory.com/portraits/pencil-portraits/proportions-of-a-head.html> (consultado em 1.02.2013)

. Drawspace.com - Lessons - Lesson H01

<http://www.drawspace.com/lessons/view/h01> (consultado em 2.02.2013)

. Proportions of the Human Head/Face For Portrait Drawing Part 1 ...

http://merrillk.com/?part=fineart&articles_id=10832&act=artist1&artist=69&collection=465 (consultado em 2.02.2013)

. WEB GALLERY OF ART

<http://www.wga.hu/frames-e.html?/art/> (consultado em 3.02.2013)

. Self Portraits

<http://www.youtube.com/watch?v=Y8U6jD6IKRs> (consultado em 3.02.2013)

1.7. CONCLUSÃO DA UD03

A UD culminou com a apresentação visual dos três trabalhos executados e respetiva apresentação oral através de uma memória descritiva, a qual descreve todo o processo pelo qual os trabalhos passaram, os materiais, os procedimentos empregues e as opções tomadas.

Posteriormente, executou-se a montagem da exposição com os trabalhos realizados, para toda a comunidade escolar.

Estou certa que a livre experiência, através de diferentes formas de expressões artísticas, permitiu à criança|jovem-aluno uma maior liberdade de expressão emocional e, conseqüentemente, uma base sólida para as aquisições cognitivas. Assim, acredito que o papel do professor passa por dar possibilidade aos alunos de explorarem livremente os materiais e meios de expressão plástica, colocando-os a experimentar tudo o que estiver ao seu alcance, sendo isso mais importante do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista.

1.8. AVALIAÇÃO DA UD03

A avaliação como parte integrante do processo educativo não constitui uma ação isolada, mas sim, um processo contínuo e integrado, como elemento regulador e orientador do trabalho dos professores e informativo para os alunos.

Ao avaliar as suas produções finais, bem como o processo desenvolvido e as atitudes reveladas nesse mesmo processo, conseguem-se recolher as informações necessárias para se perceber o correto grau de desenvolvimento dos alunos.

A avaliação tem como objetivo primordial o encorajar e conduzir à aprendizagem e não se limitar a um mero instrumento de medição.

O sistema de avaliação presente na UD é composto por avaliação diária (observação direta no decorrer dos trabalhos: progresso das capacidades técnicas, expressivas e criativas; valores e atitudes), avaliação sumativa (resultado individual dos três trabalhos) e avaliação oral da memória descritiva dos trabalhos desenvolvidos. Naturalmente, o recurso à sumativa constituiu o grande foco para determinar as avaliações dos alunos.

Foi, também, efetuada a autoavaliação de cada trabalho realizado, a autoavaliação final da UD03 (ver anexo 13), bem como a heteroavaliação e a avaliação do desempenho da professora (ver anexo 14).

A autoavaliação é um dos procedimentos utilizados na avaliação, que se compromete com o processo de ensino-aprendizagem e procura envolver tanto o professor quanto o aluno no progresso de julgamento e decisão, reconhecendo o

envolvimento de todos de forma consciente ou inconsciente, num processo contínuo.

“Envolver o aluno em seu processo avaliativo (...) não pressupõe substituir a avaliação do professor pela auto-avaliação do aluno, mas trazer o olhar do aluno juntamente com o do professor, de uma maneira gradual e responsável a fim de não banalizar o processo avaliativo.” (Matilde Scaramucci 1999, p.124).

Este procedimento, já conhecido pelos alunos, foi essencial para a tomada de consciência da sua situação avaliativa e para promover a sua autorresponsabilização face ao desempenho nas aulas. Fomenta, também, uma atitude pró-ativa consciente, refletida e participativa, podendo constituir fator de motivação.

Escala Quantitativa	Escala Qualitativa	Nível
0% a 19%	Muito Fraco	1
20% a 49%	Não Satisfaz	2
50% a 54%	Satisfaz Menos	3-
55 - 64%	Satisfaz	3
65 - 69%	Satisfaz Mais	3+
70% a 89%	Bom	4
90% a 100%	Muito Bom	5

Quadro 4. Escala qualitativa e escala quantitativa *versus* níveis.
(Fonte: Escola Salesiana de Manique, Regulamento Interno)

Em conclusão, a avaliação permite ao professor analisar criticamente a sua intervenção, orientar a sua atuação com os alunos e|ou com professores e EE. Permite aos alunos controlar a sua aprendizagem consciencializando, simultaneamente, os progressos ou as dificuldades.

A avaliação e reflexão conjunta desenvolvem o senso crítico. Avaliar significa rever e fazer autocrítica. Falar e escutar. Anotar. Analisar. Refletir individualmente e no coletivo sobre o significado dos conhecimentos envolvidos.

Como docente e enquanto merecedora do poder avaliativo, aquilo que sempre procurei alcançar foi um sentido de justiça e de imparcialidade, na apreciação dos projetos e desempenho dos alunos.

No início do ano letivo, foi dado a conhecer aos alunos e, respetivos EE, os critérios de avaliação que prevalecem na disciplina de EDV, os quais foram definidos em GD de forma a existir uniformidade na sua aplicação.

Em anexo, encontra-se a grelha de avaliação utilizada nos respetivos trabalhos. (ver anexo 15)

1.8.1. ANÁLISE DE DADOS DA GRELHA DE REGISTO DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO I DA UD03

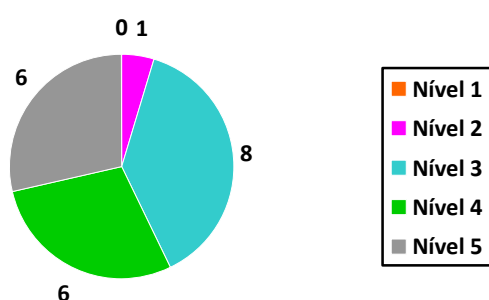


Gráfico 1. Avaliação final do trabalho I da UD03.

Deste modo, verifica-se que o resultado da avaliação no trabalho I foi de nível 4 – Bom, com uma média de 75,5% (escala de 0% a 100%).

1.8.2. ANÁLISE DE DADOS DA GRELHA DE REGISTO DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO II DA UD03

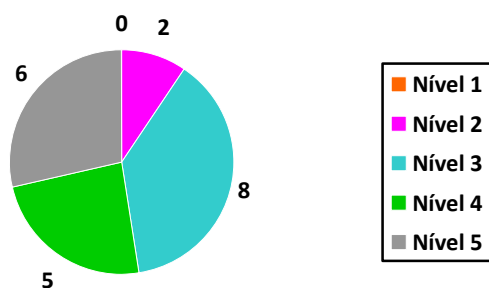


Gráfico 2. Avaliação final do trabalho II da UD03.

Em relação ao trabalho II, verifica-se que o resultado da avaliação foi, igualmente, de nível 4 – Bom, com média de 70,4% (escala de 0% a 100%).

1.8.3. ANÁLISE DE DADOS DA GRELHA DE REGISTO DE AVALIAÇÃO DO TRABALHO III DA UD03

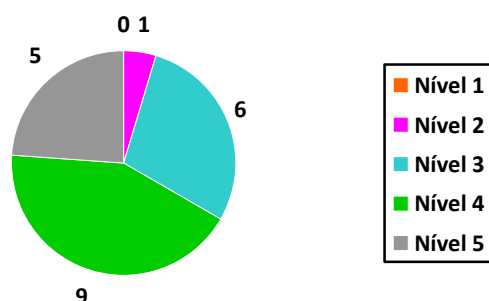


Gráfico 3. Avaliação final do trabalho III da UD03.

À semelhança do registo de avaliação nos trabalhos supracitados, verifica-se, também, que o resultado da avaliação no trabalho III foi de nível 4 – Bom, com média de 77% (escala de 0% a 100%).

1.8.4. ANÁLISE DE DADOS DA GRELHA DE REGISTO DE AVALIAÇÃO FINAL DA UD03

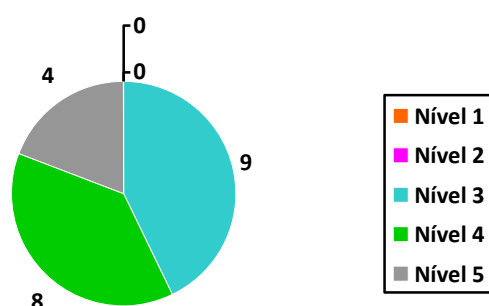


Gráfico 4. Avaliação final da UD03.

Após a avaliação final da UD03 (“Saber Fazer” com peso de 80% e “Saber Ser” com peso de 20%), constata-se que o balanço é bastante positivo com uma média de

nível 4 – Bom (escala de 1 a 5 valores) e, respetivamente, 75,6% (escala de 0% a 100%). (ver anexo 15)

Importa, ainda, referir que na média final dos três trabalhos desenvolvidos 100% dos alunos obtiveram avaliação positiva, porém, quatro alunos obtiveram a nota máxima nível 5 – Muito Bom, oito alunos nível 4 – Bom e nove alunos nível 3 – Satisfaz.

A avaliação do “Saber Fazer” teve de média final nível 4 – Bom, respetivamente, 74,6% numa escala de 0% a 100% e os resultados obtidos na avaliação do “Saber Ser” foram, igualmente, bastante satisfatórios com média final de nível 4 - Bom, respetivamente, 79,5% numa escala de 0% a 100%.

Perante o panorama evidenciado, pode assumir-se que o produto final foi superior às expetativas, visto que a maioria dos alunos selecionou como suporte para os seus trabalhos a tela, sem nunca ter tido esta experiência anteriormente.

A turma apresentou um comportamento adequado uma vez que a maioria dos alunos acatou as regras de funcionamento em sala de aula, o que conduziu a um ambiente favorável e saudável ao processo ensino-aprendizagem. Na generalidade, os alunos foram igualmente assíduos, pontuais e participativos, gerindo e manuseando bem o material escolar.

1.8.5. ANÁLISE DE DADOS DA GRELHA DE REGISTO DE AVALIAÇÃO DA MEMÓRIA DESCRITIVA DA UD03

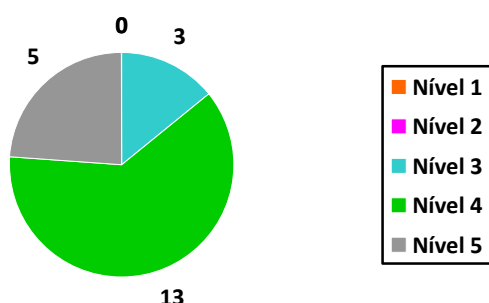


Gráfico 5. Avaliação da memória descritiva da UD03.

Constata-se que o resultado da avaliação da memória descritiva foi de nível 4 – Bom, com a respetiva média de 76% (escala de 0% a 100%).

1.8.6. ANÁLISE DE DADOS DA GRELHA DE REGISTO DE AUTOAVALIAÇÃO DA UD03

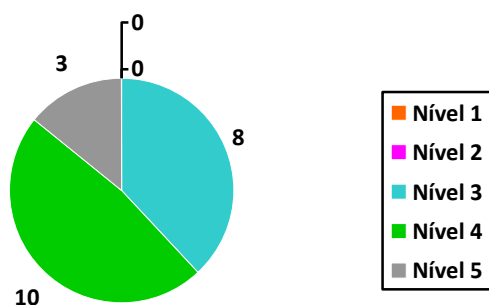


Gráfico 6. Autoavaliação da UD03.

Verifica-se que a autoavaliação foi, maioritariamente, de encontro à avaliação final realizada, demonstrando que os alunos têm a perceção das suas aprendizagens e desempenhos.

Deste modo, e depois de analisados os dados, os alunos avaliaram-se predominantemente nos níveis positivos, nomeadamente, entre o nível 4 – Bom e nível 3 – Satisfaz.

Assim sendo, três alunos referiram o nível 5 – Muito Bom, dez alunos o nível 4 – Bom, tendo os restantes oito alunos mencionado o nível 3 – Satisfaz.

1.9. DISSEMINAÇÃO DOS TRABALHOS (inclui registo fotográfico)

O GD de EDV tem por hábito divulgar e expor os trabalhos realizados pelos alunos. Na escola, existem condições para que esta atividade seja concretizada. Para tal, contribui a existência de um vasto número de *placards* nas salas de aula, expositores e biombos nos corredores e nas entradas dos edifícios.

A organização e preparação da exposição foi efetuada em conjunto com a professora e os alunos. Para tal, foram apresentadas, analisadas e discutidas, pelo grupo|turma, um conjunto de propostas. A turma decidiu, como proposta final, realizar um cartaz sobre a exposição (ver anexo 16), colocar alguns autorretratos escritos, afixar os panfletos fornecidos no Museu de Electricidade: Exposição “RISO”, exibir imagens das várias fases do trabalho e expor os trabalhos.

Os três trabalhos realizados na UD03 não foram apresentados na totalidade, apenas quisemos garantir que todos os alunos tivessem obras expostas, no entanto, a tentativa foi sempre de premiar os melhores resultados.

A atividade “Exposição O Eu | O Espelho” foi realizada nos corredores do edifício B, agendada e, por sua vez, concretizada no dia 3 de junho de 2013.

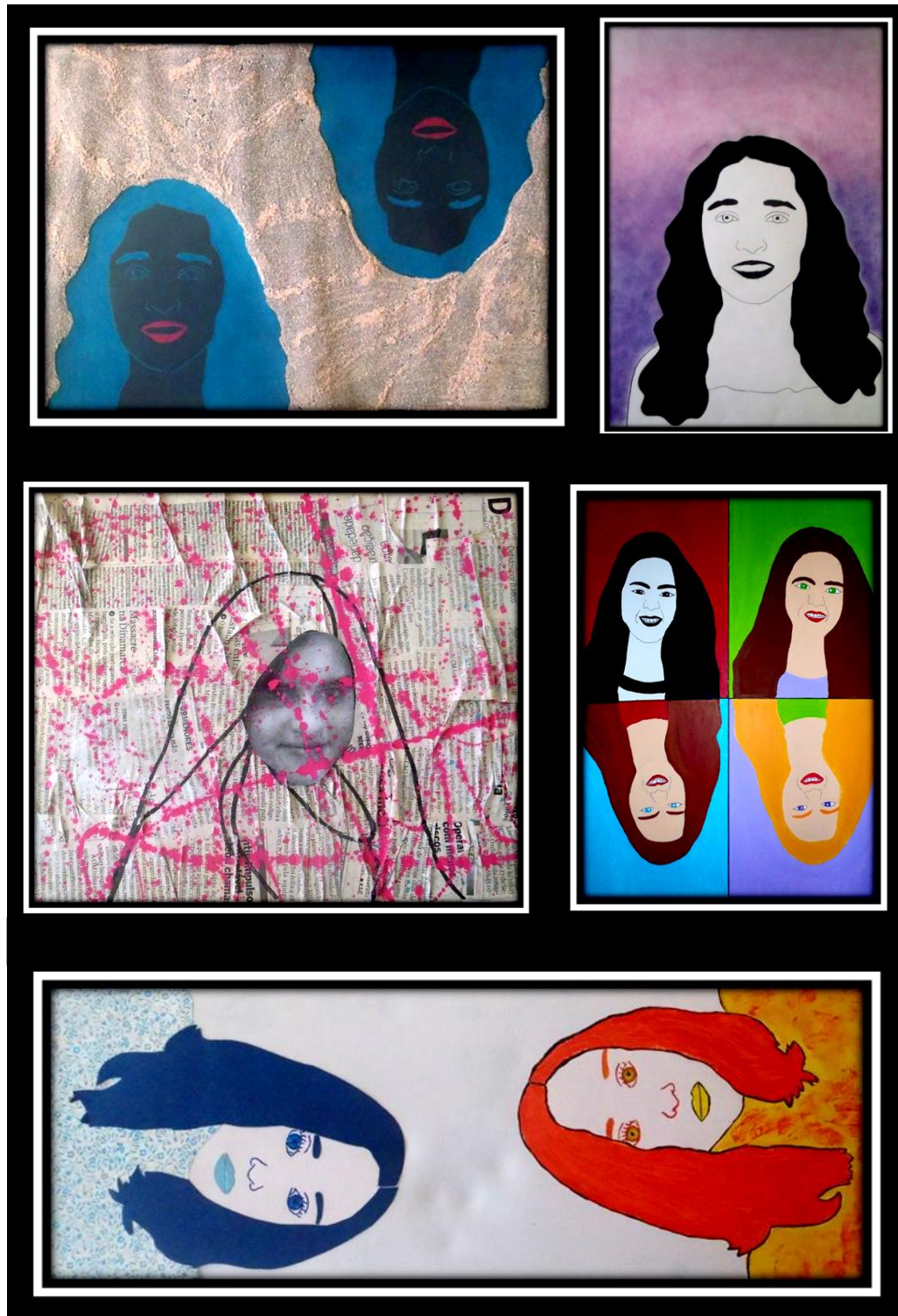


Figura 40-44. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.
(Fonte: fotografias da autora)



Figura 45-50. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.
(Fonte: fotografias da autora)

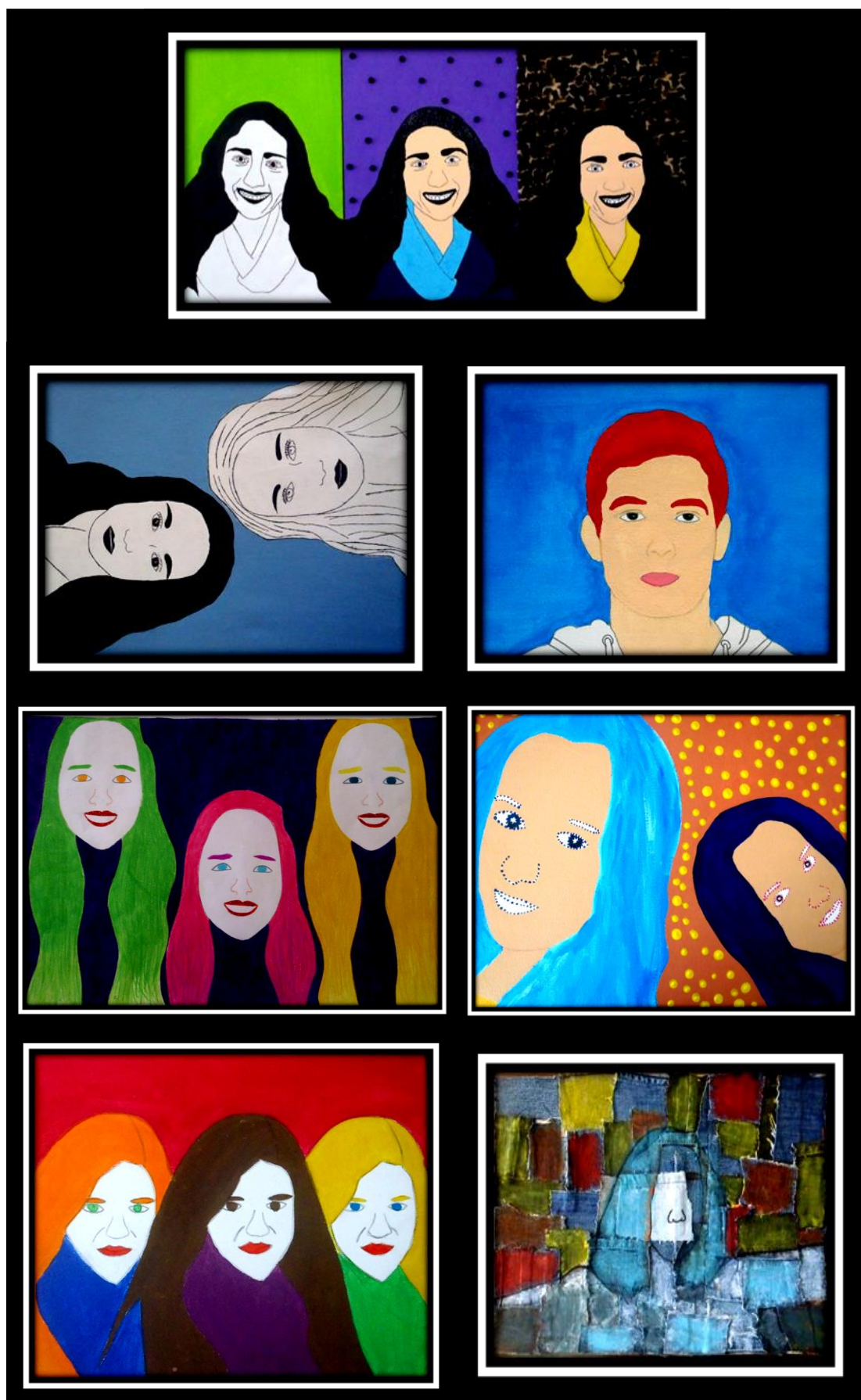


Figura 51-57. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.
(Fonte: fotografias da autora)



Figura 58-63. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.
(Fonte: fotografias da autora)

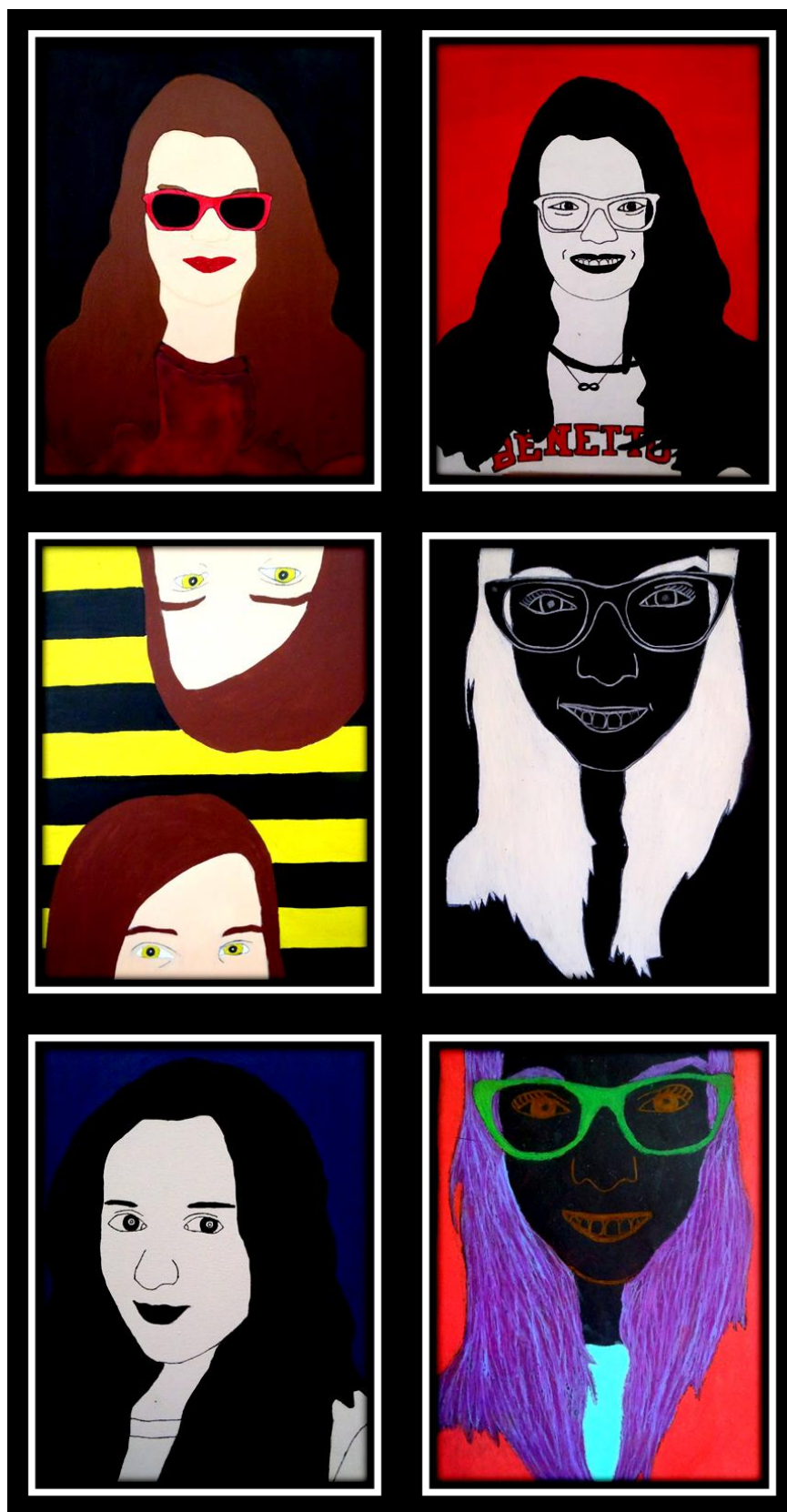


Figura 64-69. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.
(Fonte: fotografias da autora)



Figura 70-74. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.
(Fonte: fotografias da autora)



Figura 75-78. Trabalhos finais realizados pelos alunos – Exposição.
(Fonte: fotografias da autora)

1.10. LIVRO DE TURMA

Por norma, no final do 3.º Ciclo, as turmas têm por hábito realizar|construir o “Livro de Turma” com fotografias e mensagens. Para tal, os alunos aproveitaram cumulativamente, os trabalhos realizados na UD03 e os excertos de texto sobre o autorretrato físico e psicológico efetuado.

Esta atividade foi realizada em grupo e avaliada na disciplina de TIC (não faz parte do *corpus* do projeto).

A definição do produto final, como um projeto único de turma, favoreceu a responsabilidade mútua, uma maior consciencialização para a realização das tarefas em grupo, devido ao fator sucesso estar dependente de todos os elementos do grupo e, espírito de solidariedade e interajuda.

1.11. REFLEXÃO SOBRE A UD03

Aprender através da obra de arte ofereceu uma perspetiva de “aventura” que muito motivou os alunos.

Julgo que este projeto permitiu dar uma visão alargada da arte tendo em conta quatro pontos primordiais:

- a) Produção de arte - os alunos adquiriram competências e aprenderam técnicas para produzir obras de arte originais e de cunho pessoal;
- b) História de arte - os alunos estudaram as realizações artísticas do passado e do presente como motivação; conheceram exemplos de estilos e técnicas; discutiram tópicos relacionados com a cultura, a política, a sociedade, a religião, eventos económicos e movimentos artísticos;
- c) Crítica de arte - os alunos descreveram, interpretaram, avaliaram, teorizaram e julgaram as propriedades e qualidades da forma visual, com a finalidade de entenderem e apreciarem as obras de arte, percebendo o papel da arte na sociedade.
- d) Estética - os alunos consideraram a natureza, o significado, o impacto e o valor da arte, sendo encorajados a formular opiniões e julgamentos sobre as obras de arte de um modo reflexivo e “educado”, examinando os critérios para avaliar as obras de arte.

O enfoque desta metodologia está nos julgamentos, raciocínio e nas competências do pensamento crítico dos alunos, para além de explorar e perceber a história, a estética e a técnica de uma obra específica, contextualizando o trabalho e o artista em períodos históricos, influências e movimentos artísticos.

Acredito que o processo artístico é o contato mais direto do sujeito com a arte.

Perguntas abertas, grupos de discussão e resolução de problemas são metodologias importantes e auxiliares no desenvolvimento do currículo.

É aqui que o papel do professor é fundamental. O modo como as ideias e os conceitos são apresentados, o nosso entusiasmo e o planeamento de propostas sequenciais para explorar e alargar conceitos e dominar progressivamente materiais e técnicas de expressão, conduzem muitas vezes à participação empenhada e até entusiasta dos nossos alunos, contribuindo para que o ambiente das aulas seja agradável, mas também de labuta, responsabilidade, cooperação e reflexão.

“(…) os bons resultados na criação dependem, na escola como na classe (turma), duma atmosfera simpática (...). A atmosfera é a criação do professor.

Criar a atmosfera de espontaneidade duma feliz indústria infantil é o segredo essencial e talvez único do sucesso de ensinar.” (Read 2007, p.354).

É fundamental, em todo este processo, ter em consideração o período de desenvolvimento dos alunos deste nível etário, que ronda sensivelmente os 14|15 anos, para que as propostas apresentadas e as expetativas que geram sejam adequadas.

As atividades desenvolvidas foram encaradas com grande entusiasmo, em especial as atividades de carácter mais prático e experimental, facto constatado, sem veleidade e com muito orgulho.

A procura incessante, pela forma correta de representação e a preocupação de conseguir retratar o rosto com realismo, foram premissas presentes na pluralidade dos alunos.

Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos, os alunos foram evoluindo na representação gráfica e desprendendo-se um pouco do retrato realista, aprendendo a manipular os materiais escolhidos, desenvolvendo a capacidade de execução técnica.

Apesar de alguns conteúdos abordados já terem sido lecionados em anos e ciclos anteriores, verifica-se alguma dificuldade por parte dos alunos em tê-los presentes, aquando da elaboração de um trabalho. Ou seja, os conceitos são conhecidos, estão interiorizados, os alunos entendem-nos e são sensíveis aos seus propósitos, contudo revelam por vezes dificuldade em aplicá-los.

Houve necessidade, por parte de alguns alunos, de relembrar os conceitos dados, as técnicas, os materiais e suas formas de aplicação, para que estes conseguissem resolver as questões que lhes eram colocadas.

Contudo, conseguiu-se contornar grande parte das dificuldades, sensibilizar os alunos para a importância de pensar, estruturar e planificar os exercícios, fortalecendo o conceito de projeto.

Numa análise mais pormenorizada e de acordo com os objetivos estabelecidos, podemos concluir que foi no trabalho III – Autorretrato que se verificaram as maiores dificuldades.

Os alunos, por um lado, sentiram-se mais motivados, apreciando em particular a possibilidade de criar e explorar a criatividade, por outro revelaram pouca autonomia. Contudo, o conhecimento do seu próprio eu, como artista, como aluno, como pessoa foram outros objetivos que atingiram níveis muito satisfatórios.

De facto, o autorretrato constituiu uma experiência que envolveu, para além do ponto de vista físico, uma dimensão pessoal evocando o mundo interior do pequeno artista, tornando-o num mundo visível.

O domínio das técnicas foi de um modo geral bom, sentindo-se que os alunos estavam mais à vontade com a técnica do lápis de cor e|ou da tinta acrílica, apresentando mais dificuldades no uso do pastel de óleo e|ou seco.

A visualização e o contato com vários exemplos de artistas e épocas diferentes, refletiu-se no trabalho dos alunos, no que concerne ao desenvolvimento da linguagem visual, na tentativa de utilização dos elementos visuais como fonte de enriquecimento e na composição e expressão, nomeadamente, no recurso às características do movimento artístico Pop Art.

Pelo exposto, o grande desafio da prática pedagógica foi promover experiências de aprendizagem capazes de proporcionar aos alunos a descoberta, a construção e aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento da sensibilidade estética e a capacidade de criar e exprimir uma relação com o mundo e o seu próximo.

Nas várias circunstâncias de prática pedagógica, procurei estabelecer uma comunicação assertiva utilizando uma linguagem acessível com os alunos, transmitindo expectativas positivas quanto ao desempenho e atitude, associada ao reforço da capacidade e competências dos alunos.

Tendo consciência que a turma interagia de variadas formas e que a relação pedagógica deve construir-se a partir de uma relação positiva com o saber, procurei regular a minha atuação a partir do diagnóstico das situações, numa análise objetiva da realidade observada. Deste modo, refletindo sobre a própria ação e interrogando-me a mim própria (enquanto elemento participante no processo ensino-aprendizagem), tive como objetivo desenvolver o ato pedagógico fundamentado e integrador.

Ao nível de comportamento e de indisciplina, existiram momentos pontuais de intervenção apenas ao nível da advertência e no reforço das regras|normas

operativas de sala de aula, não tendo havido necessidade de uma imposição moral de autoridade coerciva.

1.12. CARATERIZAÇÃO DA SALA DE EDUCAÇÃO VISUAL (inclui registo fotográfico)

Existem duas salas de EDV, localizadas no edifício F que comunicam entre si. Esta comunicação é feita através de uma porta de chapa.

As salas são partilhadas por um ou mais professores, mediante o trabalho a desenvolver com o grupo|turma e|ou horário das docentes.



Figura 79 e 80. Sala de Educação Visual
(Fonte: fotografias da autora)

A sala de EDV utilizada para o desenvolvimento da UD, a nível de recursos, apresenta todas as condições necessárias para o proveitoso funcionamento desta disciplina.

O nível de luminosidade é ajustado, visto que a sala usufrui de luz natural proporcionada por várias janelas, que abrangem toda a parede lateral direita da sala, sendo complementada com vários focos de luz artificial.

A sala encontra-se disposta com três filas de mesas, estando a mesa da professora ligeiramente desviada para o lado direito.

Relativamente ao espaço físico, a sala tem 180 m², o que permite uma circulação livre de obstáculos. Usufrui, ainda, de mobiliário adequado à prática da disciplina.

A sala está igualmente equipada com internet, sistema de alarme, detetor de fumos e extintor.

O quadro número 5 contém a descrição pormenorizada dos meios presentes na Sala 1 de Educação Visual.

Descrição	Número	Observações
Janelas	6	4 com proteção de estores 2 sem proteção de estores
Mesas	12	Duplas (2 lugares)
Secretária de professor	2	Com projetor de luz e gavetas
Cadeiras	25	24 alunos 1 professor
Mesa de apoio	4	---
Armário de portas	3	Em metal e com fechadura
Armário de prateleiras/estante	4	3 de metal; 1 de madeira
Placares/Expositores	1	Em cortiça
Quadro branco	1	Com luz
Lavatório	1	Com 5 cubas e respectivas torneiras, 2 porta líquido e 2 porta papel
Televisão	1	Com suporte de parede
VHS e/ou DVD	1	Com suporte de parede
Mufla	1	---

Quadro 5. Recursos da sala de Educação Visual.

CAPÍTULO 2 – ATIVIDADE DE COMPLEMENTO EDUCATIVO - VISITA DE ESTUDO AO MUSEU DE ELECTRICIDADE: EXPOSIÇÃO “RISO” (inclui registo fotográfico)

2.1. INTRODUÇÃO

Constitui, atualmente, uma preocupação generalizada a necessidade de desenvolver e potenciar as capacidades intelectuais dos alunos. Esta situação gera novos desafios para o ensino e aponta para a necessidade de estimular, nos alunos, o gosto pela aprendizagem, pela exploração de conteúdos e pela reflexão crítica. Já não basta ensinar o que é conhecido é também necessário preparar os alunos para questionar, refletir, interpretar, transformar e criar.

Uma aprendizagem centrada na resolução de problemas e na experimentação, na análise de situações do quotidiano, na utilização crítica das tecnologias e focada no raciocínio criativo, constitui um princípio essencial para esta nova atitude face à educação.

De entre as múltiplas potencialidades pedagógicas e formativas, as visitas de estudo constituem uma das estratégias que mais estimula o aluno, dado o carácter motivador que possui a saída do habitual espaço escolar. A componente lúdica que envolve, bem como a relação professor-aluno que proporciona, leva a que estes se empenhem na sua realização.

Um dos objetivos das novas metodologias de ensino-aprendizagem é, precisamente, promover a interligação entre teoria e prática, a escola e a realidade, constituindo uma situação de aprendizagem que facilita a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho e favorece a sociabilidade.

A visita de estudo efetuada ao Museu de Electricidade tenciona, essencialmente, vivenciar diferentes expressões artísticas, no sentido de desenvolver a personalidade e o potencial expressivo-comunicativo de cada aluno e proporcionar o diálogo baseado na análise das características formais, temáticas e estilísticas das diversas Obras de Arte.

Apropriar-se da obra do artista e dialogar sobre a mesma poderão ajudar o aluno na construção da sua própria linguagem expressiva e estimular a construção de novos objetos. Deste modo, descrever, analisar e interpretar são etapas que se intercetam ao longo de toda a leitura. A Obra de Arte é, portanto, viva e provocadora diante daquele que a observa com olhar vivo e inquiridor.

Previamente, foi realizada uma perspectiva diacrónica (construção de uma linha do tempo) através de imagens de obras de arte e das relações entre os conhecimentos preexistentes dos alunos, por meio dos estudos da história geral.

Para tal, foi proposto o seguinte exercício: foram expostas 40 imagens de Obras de Arte desde as pinturas rupestres (mais antiga) até às obras contemporâneas (mais recentes), destacadas aleatoriamente, as quais foram distribuídas entre os 20 alunos da turma (faltou 1 aluno).

Ao apropriarem-se das imagens (2 por aluno), por meio da observação e da memória, os alunos classificaram-nas como as “mais antigas, menos antigas e modernas”. O exercício propôs que o grupo|turma construísse uma grande linha do tempo, baseada em padrões que lhe servissem como referência. Quaisquer alterações concebidas nas imagens, depois de dispostas na linha do tempo, deveriam ser justificadas, discutidas e negociadas.

De seguida, efetuei algumas perguntas abertas como: “O que é que vês aqui?”; “O que mais consegues encontrar?”, de modo a encorajar os alunos a examinarem o que viam. Mais tarde foram colocadas outras questões mais diretas aos alunos. Desde o início da análise das imagens, foi pedido aos alunos que demonstrassem as suas interpretações, ou seja, sempre que fizessem uma afirmação, perguntava-lhes, “O que é que estás a ver que te faz dizer isso?”.

Nesta fase, o meu papel passou por assegurar que todas as respostas eram ouvidas e bem interpretadas pelos alunos, repetindo o que era citado. À medida que a discussão avançava, fui estabelecendo um vínculo entre as várias respostas dadas, ajudando-os a estarem atentos aos pontos de vista convergentes e divergentes, desenvolvendo deste modo, e de forma partilhada, as suas capacidades.

Quando os alunos criavam perguntas, incitava-os a encontrar as respostas olhando para a obra. Só como último recurso deferia uma resposta.

Esta metodologia proporcionou a autodescoberta. Considero uma experiência enriquecida, sendo um poderoso meio para aprender.

Os alunos evoluem de observadores casuais para intérpretes completos, exploradores e reflexivos.

Primeiro, são encorajados a encontrar significados nas obras, baseando-se apenas na sua própria experiência que legitima o que sabem e fundamenta as histórias que

contam. Depois de adquirirem uma certa experiência, é-lhes pedido que desenvolvam os seus próprios pensamentos escrevendo sobre arte. O sucesso do processo depende da interação do grupo e das obras de arte apresentadas, de modo a desenvolver nos alunos uma capacidade individual para resolver problemas, motivados pelos seus interesses pessoais. Os alunos desenvolvem a sua conexão com a arte, exercitando uma grande variedade de capacidades cognitivas que lhe serão úteis, também, noutros contextos. Segue-se a linha do tempo construída.

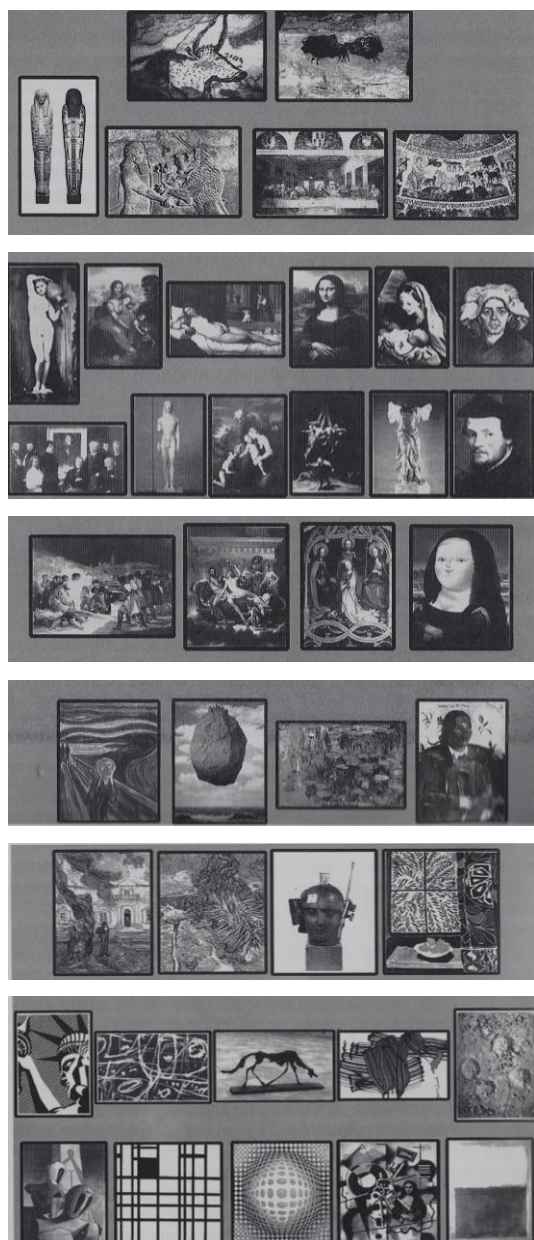


Figura 81. Perspetiva diacrónica com obras de arte construída pelos alunos.
(Fonte: fotografias da autora)

A visita de estudo possibilitou, portanto, um entendimento mais consistente. Previamente, foi realizada uma abordagem sobre a visita de estudo no sentido de motivar os alunos para a participação nas tarefas de preparação e organização da visita. Simultaneamente, tiveram lugar um conjunto de procedimentos burocráticos como pedido de autorização à direção da escola, pedido de autorização aos EE e pedido de transporte.

Precedentemente, foi efetuada uma deslocação prévia ao local, com o intuito de selecionar elementos|informações mais relevantes para os alunos e efetivar a marcação da visita de estudo.

A condução dos alunos na visita coube ao monitor do serviço educativo do Museu de Electricidade. O facto de a visita ser guiada valorizou, sobretudo, a transmissão de conhecimentos, a interiorização de sentimentos, ideias e emoções.

Na aula subsequente à realização da visita de estudo, foi efetuada uma reflexão coletiva de todo o processo e debatidos os conhecimentos adquiridos. Foram assinalados os aspetos mais e menos positivos, foram sugeridas propostas que possibilitassem tornar as visitas de estudo ainda mais produtivas e organizadas e, por último, foi efetuada a avaliação da visita.

A avaliação da visita de estudo foi realizada através do preenchimento de um questionário de avaliação individual Q3 (ver anexo 17). A recolha de dados foi realizada durante o 2.º período letivo, nomeadamente, no dia 1 de fevereiro de 2013. A tabela resultante do tratamento de dados, que serviu de base para a análise de dados, encontra-se em anexo. (ver anexo 18)

A atividade consta no PAA e foi proporcionada a todos os alunos do 9.º ano de escolaridade, no decorrer do segundo período.

2.2. PROPOSTA

Sempre que se pretende realizar uma visita de estudo, é necessário fazer uma exposição por escrito à Direção Pedagógica, para que esta seja aprovada e, por conseguinte, autorizada. Posteriormente, é organizada e realizada a atividade. Na referida exposição, deve constar o local a visitar, o dia e a hora da sua realização, os objetivos e os alunos participantes (ano, turma e número total de alunos).

A proposta foi efetuada no final do ano letivo 20011 | 2012 pelas docentes do GD.

2.3. OBJETIVOS

A amplitude dos objetivos é vasta e refere-se obrigatoriamente quer ao campo das aprendizagens e aquisição de competências quer, e acima de tudo, como experiência de formação do indivíduo pelo contato com a Obra de Arte.

Os objetivos que se pretenderam alcançar na visita de estudo ao Museu de Electricidade foram os seguintes:

- Incrementar o gosto pela arte.
- Reconhecer a importância das Artes Visuais como valor cultural indispensável ao desenvolvimento do ser humano;
- Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional;
- Reconhecer e dar valor a formas artísticas de diferentes culturas, identificando o universal e o particular;
- Reconhecer a permanente necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes e desenvolver o sentido de apreciação estética e artística do mundo recorrendo a referências e a experiências no âmbito das Artes Visuais.
- Conhecer e compreender a metodologia projetual associada a uma peça de arte.

Em suma, pretende-se criar situações de aprendizagem que permitam a reflexão e ampliação do repertório visual e gráfico do aluno, contribuindo para a construção|desenvolvimento de um olhar crítico no exercício da sua cidadania.

2.4. ROTEIRO

Foi realizado e afixado no *placard* da sala de aula, o programa e respetivo horário da visita de estudo.

TRAJETO:

Manique → Belém → Manique

09:00 – Encontro e Chamada   dos alunos.

09:05 – Saída da escola de autocarro  até ao Museu de Electricidade.

09:50 – Chegada ao destino.

10:10 – Início da visita de estudo. 

12:50 – Conclusão da visita de estudo.

12:55 – Chamada   dos alunos e regresso à escola de autocarro. 

13:30 – Chegada à escola.

2.5. RECURSOS HUMANOS ENVOLVIDOS

No dia 23 de janeiro de 2013, realizaram a visita de estudo duas das dez turmas, que constituem o 9.º ano de escolaridade, acompanhadas por quatro docentes que lecionavam nas respetivas turmas.

2.5.1. ALUNOS

1.º Grupo	2.º Grupo
Turma: I N.º alunos - 20	Turma: J N.º alunos - 24
Observações: Faltou 1 aluno	Observações: Faltou 1 aluno
TOTAL = 44 alunos	

Quadro 6. Turmas e número total de alunos na visita de estudo ao Museu de Electricidade - Exposição: “Riso”.

2.5.2. PROFESSORES

1.º Grupo	2.º Grupo
Ana Folgado / Vanda Apolinário	Cecília Lourenço / Ana Neca

Quadro 7. Professoras acompanhantes na visita de estudo ao Museu de Electricidade - Exposição: “Riso”.

2.6. RECURSOS NECESSÁRIOS

Sempre que existe uma visita de estudo é necessário fazer um pedido de transporte. Este pedido é efetuado através do preenchimento de um documento próprio e, por sua vez, enviado por e-mail ao Diretor Pedagógico. (ver anexo 19)

2.7. INFORMAÇÕES E CONTATOS DO MUSEU

Museu de Electricidade

Exposição: “RISO”

Morada

Av. de Brasília, Central Tejo

1300-598 Lisboa

Contatos

Telefone: 21 002 81 90/30

Fax: 21 002 81 04 / 39

E-mail: museudaeletricidade@edp.pt

Facebook:

www.facebook.com/museu.da.eletricidade

Horário

Terça a Domingo: 10:00h às 18:00h.



Figura 82 e 83. Museu de Electricidade.
(Fonte: fotografias da autora)

2.8. AUTORIZAÇÃO PARA OS ENCARGADOS DE EDUCAÇÃO

É prática da escola efetuar um documento escrito informativo sobre a proposta de atividade a realizar e respetivo pedido de autorização aos EE. (ver anexo 20)

O documento supracitado é enviado através do discente e, por sua vez, o EE deve tomar conhecimento, preenchendo e assinando o destacável. O aluno apresenta-o à professora responsável, acompanhando-o da quantia solicitada. Se, no dia da visita de estudo, a docente não tiver em seu poder a autorização do EE, o aluno não poderá participar na atividade, ficando na escola a assistir às aulas previstas no seu horário letivo.

2.9. ANÁLISE DA VISITA DE ESTUDO (Q3)

Após a leitura atenta das respostas efetuadas pelos alunos, os dados foram sistematizados com a finalidade de organizar as informações e facilitar a análise das questões. (ver anexo 21)

A análise dos dados recolhidos foi realizada através de suporte informático, o que permitiu um tratamento mais rápido, espera-se sem risco de erro. Assim, os dados obtidos foram objeto de tratamento estatístico através da aplicação informática Excel® (Microsoft).

A transferência da aula de EDV para o espaço museológico permitiu uma aprendizagem facilitadora de aquisição e ampliação de conhecimentos |conteúdos através do contato com a realidade. Possibilitou a interligação entre a teoria e a prática, proporcionou o desenvolvimento de técnicas de trabalho e favoreceu a sociabilidade entre professoras e alunos.

Penso que os objetivos da visita de estudo foram atingidos. Ver e apreciar a Obra de Arte como forma de aprendizagem, desenvolver a emoção estética, os sentimentos e gostos e, ao mesmo tempo, conhecer e compreender as intenções do autor foram os principais aspetos apontados pelos alunos.



Figura 84-87. Museu de Electricidade - Exposição: “Riso”.
(Fonte: fotografias da autora)



Figura 88-90. Museu de Electricidade - Exposição: "Riso".
(Fonte: fotografias da autora)

Considero o balanço desta experiência bastante positivo. O nível de adesão, de satisfação e de interesse revelado pelos alunos nas várias etapas da atividade, leva a concluir que esta atividade tem potencial para ser incrementada nos anos letivos subsequentes.

Realço a importância da interdisciplinaridade da visita de estudo, na relação de sentidos e de significados.

Como primeira nota menos positiva, salienta-se o facto de os alunos não terem por hábito visitar Museus|exposições, exclusivamente, três alunos, esporadicamente, visitam este tipo de local cultural.

A segunda questão está relacionada com a fraca interação entre monitor do Museu|alunos. Ou seja, por iniciativa própria, os alunos, à exceção de cinco, não levantam questões e|ou exprimem opiniões, só quando são solicitados.

Terceiro, e último fator, prende-se com a duração da visita de estudo. Para sensivelmente metade dos alunos da turma o tempo foi escasso. Evidenciam que gostariam de ter realizado registos pessoais (desenhos), de ter usufruído melhor do espaço exterior e interior do Museu e de ter executado todas as experiências proporcionadas pelo Museu.

O resultado da avaliação geral da visita de estudo, efetuada através dos três níveis de avaliação (Bom, Satisfaz e Pouco Satisfatório) foi Bom, com uma média de 75% e Satisfaz, com uma média de 25%, numa escala de 0% a 100%.

A visita decorreu sem incidentes e conforme programado.

Esta experiência continuou na aula seguinte, em espaço sala de aula, tendo sido realizado em conjunto um *feedback* da exposição, das aprendizagens e dos conhecimentos proporcionados.

É de salientar que a visita de estudo proporcionou agradáveis momentos de convívio e permitiu a realização de aprendizagens revelantes, aliando teoria e prática | escola e realidade.

IV PARTE – RESULTADOS

CAPÍTULO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS SOBRE A AVALIAÇÃO FINAL DA UD03 (Q1)

1.1. INTRODUÇÃO

A par da avaliação formativa e sumativa, foi solicitado à turma I do 9.º Ano de escolaridade, o preenchimento de um questionário anónimo e confidencial sobre a avaliação final da UD03 (ao nível de satisfação, de interesse, de desempenho nas diversas fases e sua relação sequencial).

Este instrumento de avaliação permitiu uma reflexão individual por parte de todos os alunos envolvidos, desenvolvendo o senso crítico e a autocritica sobre o significado dos conhecimentos envolvidos no projeto.

Considero este tipo de instrumento extremamente útil, na medida em que se obtém dados concretos que permitem aferir o resultado alcançado na transmissão de conhecimentos.

O questionário é constituído por 18 itens.

Em cada item, os participantes escolheram a resposta que melhor correspondia ao seu caso, segundo uma escala de avaliação de 1 a 5 valores, sendo 1 o valor mínimo correspondente a “Não Satisfaz” e 5 o valor máximo correspondente a “Muito Bom”, à exceção do último item, por se tratar de uma pergunta aberta.

Uma cotação total elevada representa um alto nível de empenho e motivação. Por oposição, uma cotação total mínima denota um fraco grau de empenho e motivação face à atividade proposta.

Sabendo que o questionário tem uma construção precisa e formal, assim como uma aplicação prática, este foi acompanhado de uma reflexão oral, no sentido de verificar se a interpretação dos participantes correspondia ao que o item pretendia medir.

Inicialmente, foi explicado aos alunos a finalidade da aplicação do instrumento de avaliação e, também, solicitada a colaboração para o seu preenchimento. Após o esclarecimento de dúvidas, iniciou-se o preenchimento individual.

A recolha de dados do estudo foi realizada durante o 3.º período letivo, nomeadamente, no dia 4 de junho de 2013.

A tabela resultante do tratamento de dados, que serviu de base para a presente análise, encontra-se em anexo (ver anexo 22).

1.2. NÚMERO TOTAL DE ALUNOS

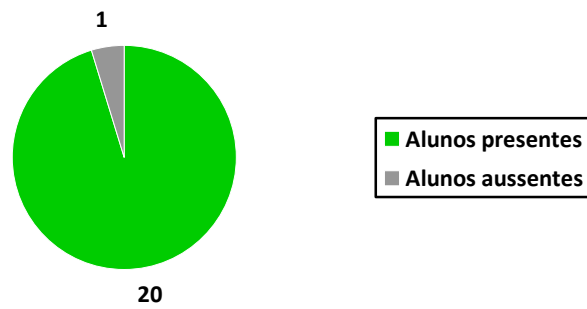


Gráfico 7. Número de alunos da turma que responderam a Q1.

1.3. NÚMERO DE ALUNOS QUANTO AO GÊNERO

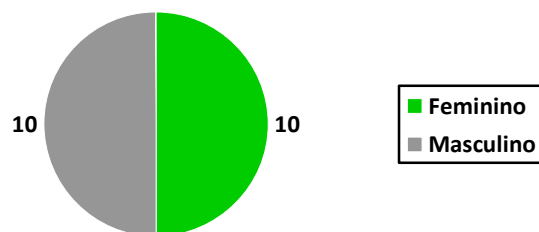


Gráfico 8. Número de alunos da turma quanto ao gênero que responderam a Q1.

1.4. UNIDADE DIDÁTICA

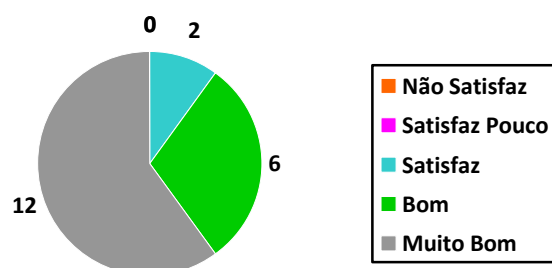


Gráfico 9. Número de alunos da turma que responderam à questão 1 de Q1.

1.5. CONTEÚDOS DA UNIDADE DIDÁTICA

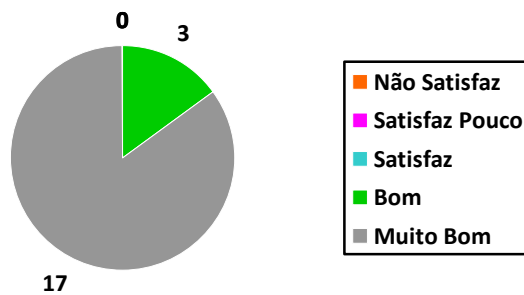


Gráfico 10. Número de alunos da turma que responderam à questão 2 de Q1.

1.6. OBJETIVOS DA UNIDADE DIDÁTICA

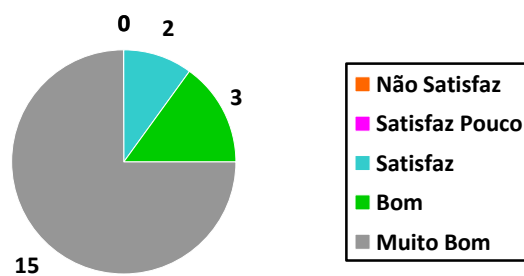


Gráfico 11. Número de alunos da turma que responderam à questão 3 de Q1.

1.7. ESTRATÉGIAS|METODOLOGIAS UTILIZADAS NA UNIDADE DIDÁTICA

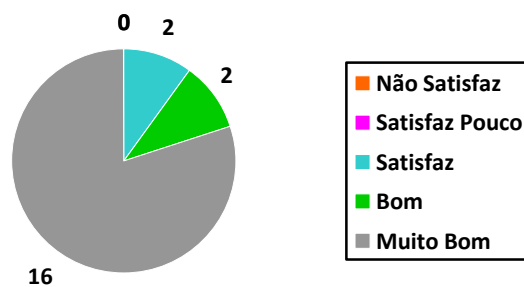


Gráfico 12. Número de alunos da turma que responderam à questão 4 de Q1.

1.8. RECURSOS UTILIZADOS NA UNIDADE DIDÁTICA

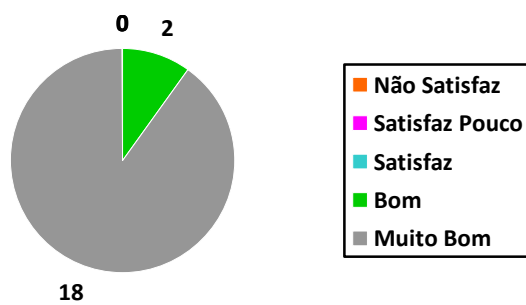


Gráfico 13. Número de alunos da turma que responderam à questão 5 de Q1.

1.9. TÉCNICAS E MATERIAIS A UTILIZADOS NA UNIDADE DIDÁTICA

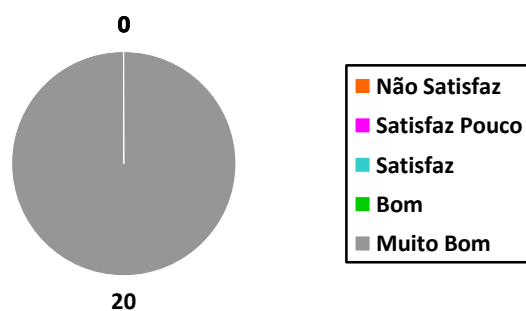


Gráfico 14. Número de alunos da turma que responderam à questão 6 de Q1.

1.10. MEIOS DE AVALIAÇÃO UTILIZADOS NA UNIDADE DIDÁTICA

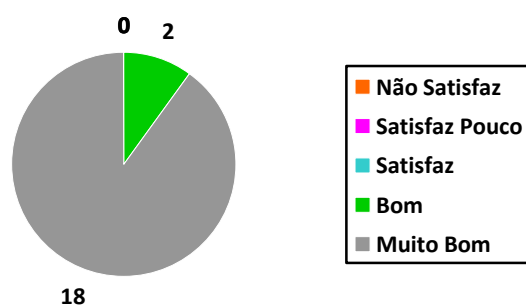


Gráfico 15. Número de alunos da turma que responderam à questão 7 de Q1.

1.11. CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE TÉCNICAS ANTERIORMENTE APLICADAS NA DISCIPLINA

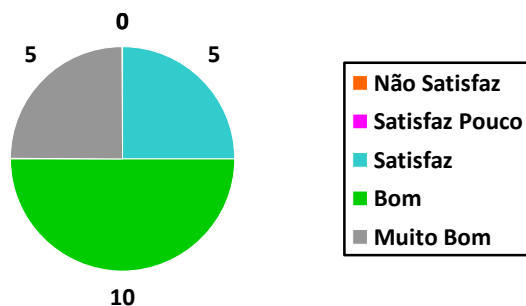


Gráfico 16. Número de alunos da turma que responderam à questão 8 de Q1.

1.12. CONTRIBUIÇÃO PARA A AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS

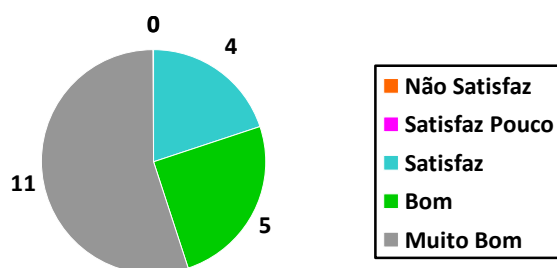


Gráfico 17. Número de alunos da turma que responderam à questão 9 de Q1.

1.13. CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA INTERPRETAÇÃO, DA CRIATIVIDADE E DA IMAGINAÇÃO

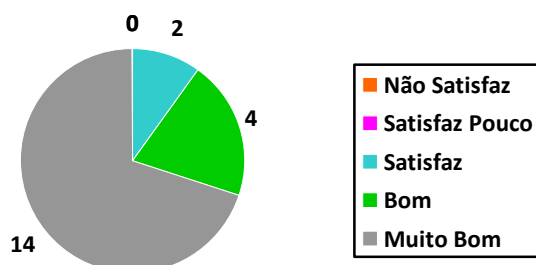


Gráfico 18. Número de alunos da turma que responderam à questão 10 de Q1.

1.14. CONTRIBUIÇÃO PARA O INTERESSE PELA LEITURA E DESCODIFICAÇÃO DE OBRAS DE ARTE

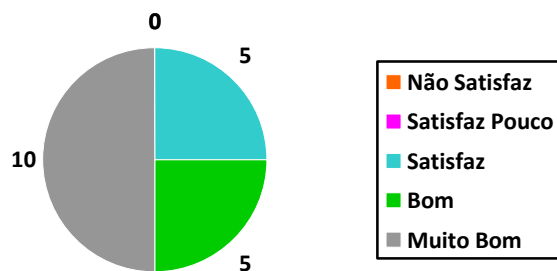


Gráfico 19. Número de alunos da turma que responderam à questão 11 de Q1.

1.15. QUALIDADE ESTÉTICA DA UNIDADE DIDÁTICA

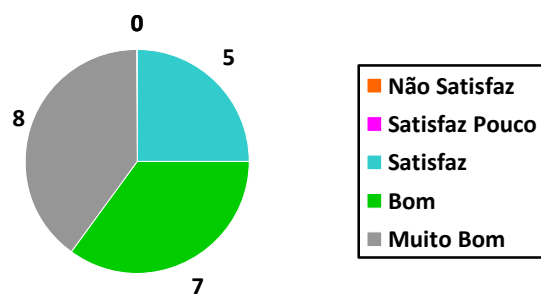


Gráfico 20. Número de alunos da turma que responderam à questão 12 de Q1.

1.16. RIGOR NA CONCRETIZAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA

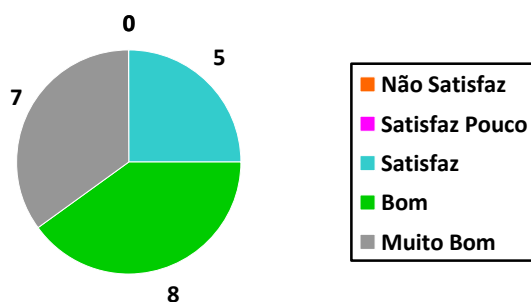


Gráfico 21. Número de alunos da turma que responderam à questão 13 de Q1.

1.17. AUTONOMIA NA REALIZAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA

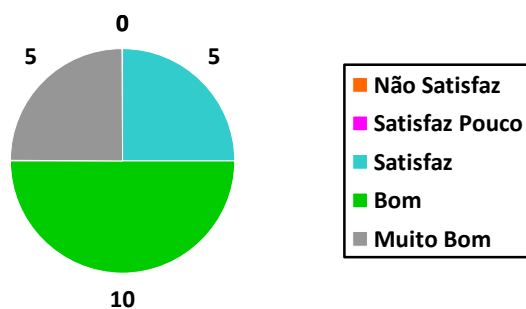


Gráfico 22. Número de alunos da turma que responderam à questão 14 de Q1.

1.18. NÚMERO DE HORAS DISPONIBILIZADAS NA UNIDADE DIDÁTICA

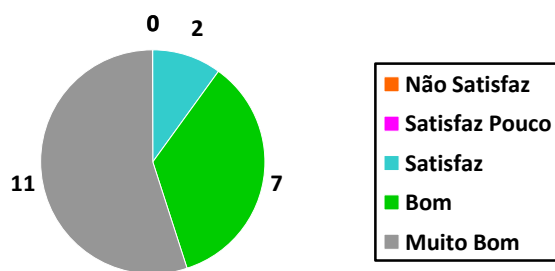


Gráfico 23. Número de alunos da turma que responderam à questão 15 de Q1.

1.19. ATITUDES E VALORES NA REALIZAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA

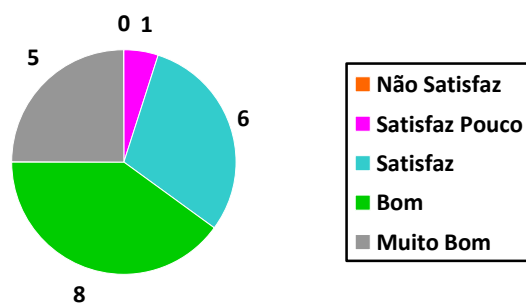


Gráfico 24. Número de alunos da turma que responderam à questão 16 de Q1.

1.20. AVALIAÇÃO GERAL DA UNIDADE DIDÁTICA

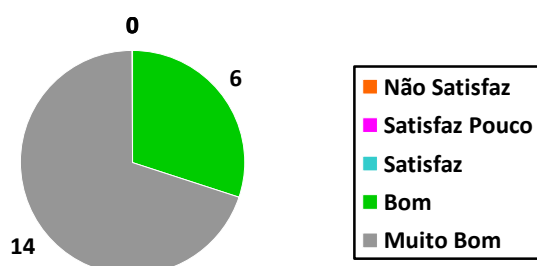


Gráfico 25. Número de alunos da turma que responderam à questão 17 de Q1.

1.21. OBSERVAÇÕES|SUGESTÕES

Cinco dos vinte alunos que responderam ao questionário realizaram as seguintes observações|sugestões (passo a transcrever):

- “Gostaria de ter realizado o meu retrato a computador.”;
- “Julgo que poderíamos fazer uma parte do trabalho na disciplina de TIC.”;
- “Podíamos ter levado o portátil e fazer também o trabalho com um programa informático, como o Photoshop.”;
- “O trabalho podia ter sido desenvolvido mais cedo para ficar exposto mais tempo”;
- “Observar exemplos de obras e trabalhos dos meus colegas ajudou-me a desenvolver ideias, técnicas e a ter mais criatividade/originalidade”.

1.22. ANÁLISE DE DADOS

Após a leitura atenta das respostas efetuadas pelos alunos, os dados foram sistematizados com a finalidade de organizar as informações e facilitar a análise das questões.

A análise dos dados recolhidos foi realizada através do suporte informático, o que permitiu um tratamento mais rápido, espera-se sem risco de erro. Assim, os dados obtidos foram objeto de tratamento estatístico, através da aplicação informática Excel® (Microsoft).

Através da apresentação e análise dos dados, pode-se concluir que os alunos, quer ao nível das atitudes e valores, quer ao nível da realização global do projeto, demonstraram bastante interesse e empenho.

Maioritariamente (84%), os alunos utilizaram como resposta a classificação Muito Bom (58%) e Bom (26%). Só um aluno empregou a classificação Satisfaz Pouco no item “Atitudes e valores na realização da unidade didática”.

Os conteúdos, recursos, técnicas e materiais e meios de avaliação empregues na realização da UD, foram a maior motivação encontrada no desenvolvimento global do projeto. Provavelmente, este facto estará relacionado com a natureza dos exercícios, onde os alunos tiveram liberdade de escolha sobre o suporte e respetivos materiais a utilizar.

Segue-se a UD desenvolvida, os objetivos, as estratégias|metodologias, a contribuição para o desenvolvimento da interpretação, da criatividade e da imaginação e o número de horas disponibilizadas.

Como nota final, constato com satisfação que os alunos aderiram de forma bastante positiva ao projeto|experiência incrementado, revelando interesse, empenho e motivação nas várias etapas da atividade. Conclui-se, assim, que este projeto tem potencial para ser implementado nos próximos anos letivos, proporcionando uma mais-valia para o desenvolvimento das suas capacidades expressivas e criativas.

É de salientar, ainda, que os alunos não apontaram nenhum item de desmotivação.

O resultado da avaliação geral da UD foi de nível 5 – Muito Bom, com uma média de 70% e nível 4 – Bom, com uma média de 30% numa escala de 0% a 100%.

CAPÍTULO 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS SOBRE A AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DA PROFESSORA FACE À UD03 (Q2)

2.1. INTRODUÇÃO

Cumulativamente com o anterior questionário foi, também, solicitado aos alunos da turma I do 9.º Ano de escolaridade, o preenchimento de um questionário anónimo e confidencial, sobre a atuação do desempenho da professora no dia 27 de maio de 2013.

Este instrumento de avaliação permitiu-me analisar criticamente a minha intervenção, de modo a poderem ser tomadas medidas corretivas para o bom desenrolar do processo ensino-aprendizagem.

A elaboração deste questionário teve como principal objetivo obter o *feedback* dos alunos em relação ao desempenho da professora, de modo a obter dados concretos que permitam reformular a transmissão de conhecimentos, as estratégias/metodologias de ensino-aprendizagem e/ou os recursos a utilizar.

O questionário é constituído por 15 itens.

Em cada item, os participantes devem escolher a resposta que melhor corresponde ao seu caso, segundo uma escala de avaliação de 1 a 5 valores, nomeadamente, de “Não Satisfaz - 1” a “Muito Bom - 5”.

Uma cotação total elevada representa um alto desempenho da professora. Por oposição, uma cotação total mínima denota um fraco desempenho face à atividade proposta.

Sabendo que o questionário tem uma construção precisa e formal, assim como uma aplicação prática, este foi acompanhado de uma reflexão oral, no sentido de verificar se a interpretação dos participantes correspondia àquilo que o item pretendia medir.

Inicialmente, foi explicado aos alunos a finalidade da aplicação do instrumento de avaliação e, também, solicitada a colaboração para o seu preenchimento. Após o esclarecimento de dúvidas, iniciou-se o preenchimento individual.

A recolha de dados do estudo foi realizada durante o 3.º período letivo.

A tabela resultante do tratamento de dados, que serviu de base para a presente análise, encontra-se em anexo. (ver anexo 23)

2.2. NÚMERO TOTAL DE ALUNOS

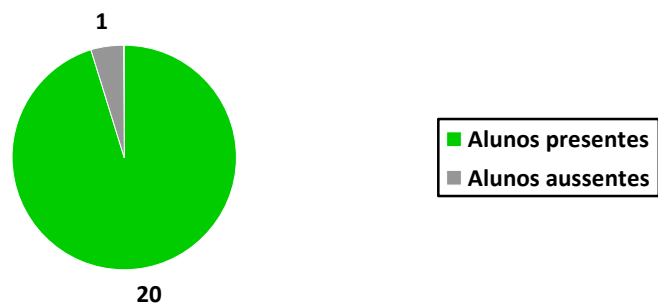


Gráfico 26. Número de alunos da turma que responderam a Q2.

2.3. NÚMERO DE ALUNOS QUANTO AO GÊNERO

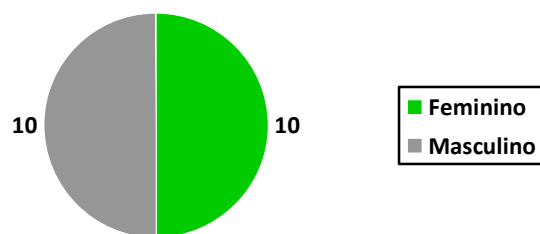


Gráfico 27. Número de alunos da turma quanto ao gênero que responderam a Q2.

2.4. INTRODUÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA

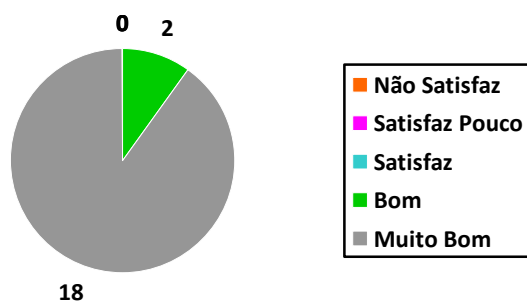


Gráfico 28. Número de alunos da turma que responderam à questão 1 de Q2.

2.5. EXPOSIÇÃO DE CONTEÚDOS DA UNIDADE DIDÁTICA

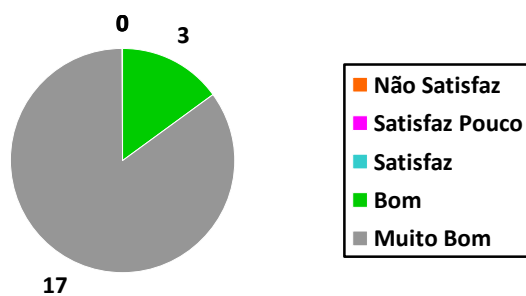


Gráfico 29. Número de alunos da turma que responderam à questão 2 de Q2.

2.6. EXPOSIÇÃO DOS OBJETIVOS DA UNIDADE DIDÁTICA

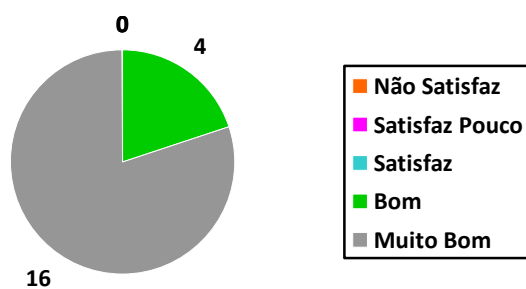


Gráfico 30. Número de alunos da turma que responderam à questão 3 de Q2.

2.7. EXPOSIÇÃO DE ESTRATÉGIAS | METODOLOGIAS DA UNIDADE DIDÁTICA

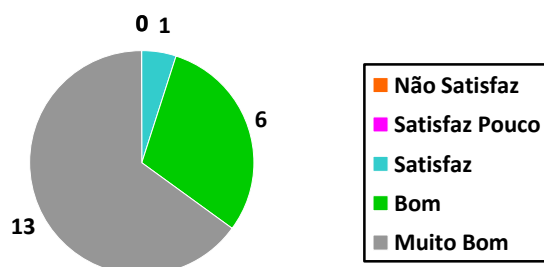


Gráfico 31. Número de alunos da turma que responderam à questão 4 de Q2.

2.8. EXPOSIÇÃO DE RECURSOS DA UNIDADE DIDÁTICA

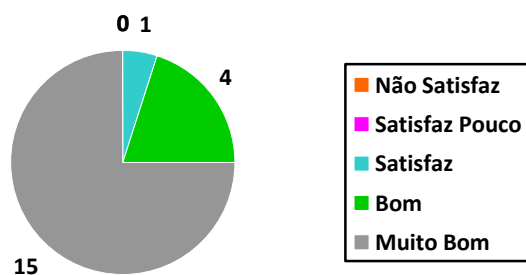


Gráfico 32. Número de alunos da turma que responderam à questão 5 de Q2.

2.9. EXPOSIÇÃO DE TÉCNICAS E MATERIAIS DA UNIDADE DIDÁTICA

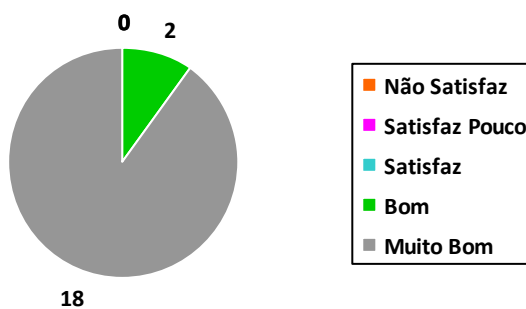


Gráfico 33. Número de alunos da turma que responderam à questão 6 de Q2.

2.10. FACULTAÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO COMPLEMENTAR NA UNIDADE DIDÁTICA

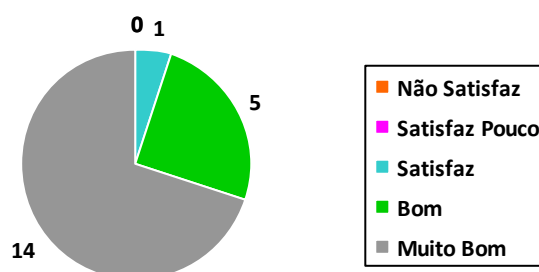


Gráfico 34. Número de alunos da turma que responderam à questão 7 de Q2.

2.11. FACULTAÇÃO DE MEIOS|EXEMPLOS NA UNIDADE DIDÁTICA

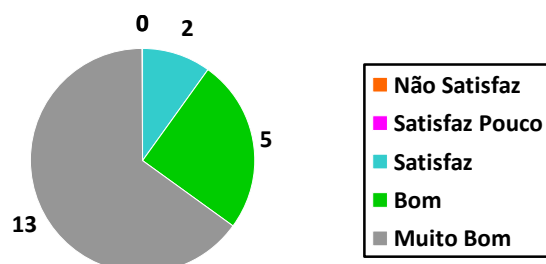


Gráfico 35. Número de alunos da turma que responderam à questão 8 de Q2.

2.12. DISPONIBILIZAÇÃO PARA O ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS|QUESTÕES NA UNIDADE DIDÁTICA

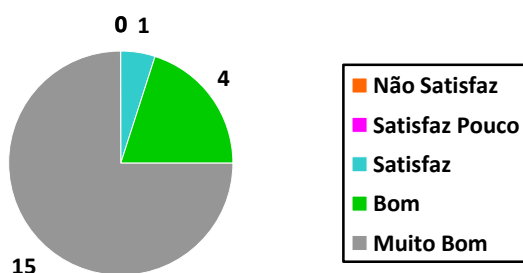


Gráfico 36. Número de alunos da turma que responderam à questão 9 de Q2.

2.13. ACOMPANHAMENTO NO DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO NA UNIDADE DIDÁTICA

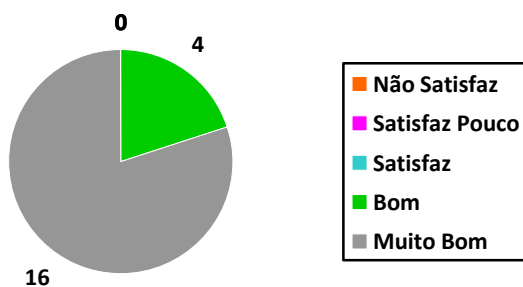


Gráfico 37. Número de alunos da turma que responderam à questão 10 de Q2.

2.14. MOTIVAÇÃO NA REALIZAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA

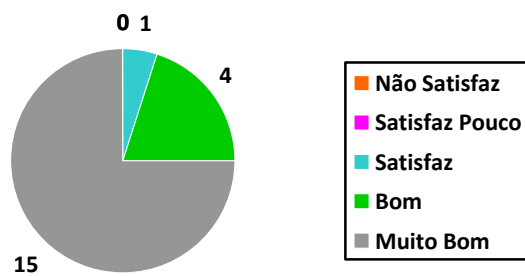


Gráfico 38. Número de alunos da turma que responderam à questão 11 de Q2.

2.15. CRIAÇÃO DE UM AMBIENTE AGRAVÁVEL NA REALIZAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA

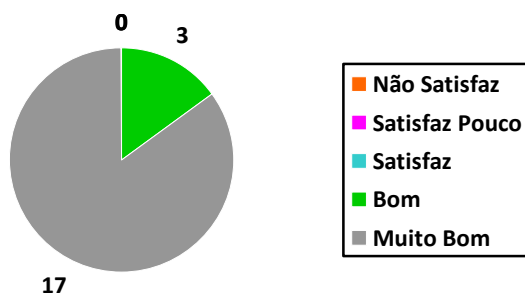


Gráfico 39. Número de alunos da turma que responderam à questão 12 de Q2.

2.16. CONSIDERAÇÃO SOBRE AS OPINIÕES|SUGESTÕES DOS ALUNOS NA UNIDADE DIDÁTICA

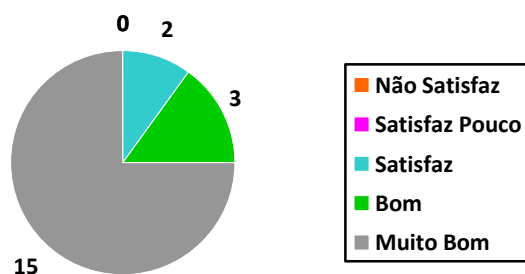


Gráfico 40. Número de alunos da turma que responderam à questão 13 de Q2.

2.17. AVALIAÇÃO GERAL DO DESEMPENHO DA PROFESSORA NA UNIDADE DIDÁTICA

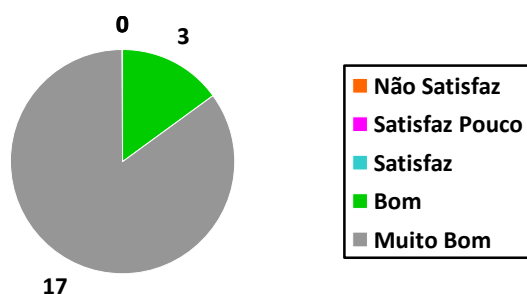


Gráfico 41. Número de alunos da turma que responderam à questão 14 de Q2.

2.18. OBSERVAÇÕES|SUGESTÕES

Três dos vinte alunos que responderam ao questionário realizaram as seguintes observações|sugestões (passo a transcrever):

- “A professora podia levar-nos à biblioteca da escola para realizar a pesquisa de obras de arte.”;
- “ Seria interessante realizar a recolha de imagens na aula de TIC, se a professora tivesse pedido.”;
- “Podia ter substituído o 1.º trabalho, por um feito a computador.”.

2.19. ANÁLISE DE DADOS

Após a leitura atenta das respostas efetuadas pelos alunos, os dados foram sistematizados com a finalidade de organizar as informações e facilitar a análise das questões.

A análise dos dados recolhidos foi realizada através do suporte informático, o que permitiu um tratamento mais rápido, espera-se sem risco de erro. Assim, os dados obtidos foram objeto de tratamento estatístico, através da aplicação informática Excel® (Microsoft).

A avaliação que os alunos fizeram do desempenho da professora durante a UD, a qual teve uma duração de sensivelmente três meses, foi globalmente boa.

A maioria dos alunos considera que a professora motivou e estimulou bastante o interesse pela UD desenvolvida, de tal forma que a sua preparação e condução foi ponderada, maioritariamente, com a avaliação Muito Bom (77,7%).

Consideraram, igualmente, que a professora esteve sempre disponível para esclarecer dúvidas ou questões, foi bastante objetiva nas exposições, orientações e sugestões para a realização do trabalho, apresentando documentação complementar às aulas e propiciando um ambiente agradável na sala de aula.

O que é importante salientar em nota de conclusão é que dado o esforço da parte quer dos alunos quer da professora, algumas dificuldades diagnosticadas foram ultrapassadas ao longo do desenvolvimento do trabalho. É necessário cumprir o programa das disciplinas, mas também se torna ponto essencial conhecer os interesses dos alunos, as suas motivações, dificuldades e carências. Julgo que estes fatores são indispensáveis para os bons resultados do ensino-aprendizagem.

O resultado da avaliação geral do desempenho da docente foi de nível 5 – Muito Bom, com uma média de 78,2%, nível 4 – Bom, com uma média de 18,6% e nível 3 – Satisfaz, com uma média de 3,2%, numa escala de 0% a 100%.

V PARTE – CONSIDERAÇÕES FINAIS

CAPÍTULO 1 – REFLEXÕES

1.1. REFLEXÕES SOBRE A ATIVIDADE LETIVA E NÃO LETIVA DESENVOLVIDA

“Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

Paulo Freire, *Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos*, 1997

Após o primeiro ano de mestrado, surgiram naturalmente, algumas expectativas e apreensão em relação ao segundo ano. Porém, aquilo que à primeira vista se avizinhava como um obstáculo árduo acabou por ser superado, sobretudo, através da maleabilidade indispensável em qualquer processo de ensino-aprendizagem. Estava ciente de que o sucesso ou insucesso do Relatório de Estágio dependia em grande parte das minhas capacidades e habilidades no exercício da função de docente, formadora e educadora. Consequentemente, procurei ser competente na atividade que desempenho.

Tendo em conta as várias criações artísticas contemporâneas, foi possível desenvolver propostas de trabalho diversificadas e promover o encontro com outras experiências, facultando o desenvolvimento não somente cognitivo, mas também no âmbito social e emocional.

Para tal, foi fundamental criar uma boa relação professor-aluno. Esta empatia permitiu detetar dificuldades e expectativas dos alunos ante a disciplina, de modo a colmatar possíveis lacunas e tornar homogêneos os conhecimentos e aptidões da turma, sem nunca esquecer o ritmo próprio de cada aluno.

Neste sentido, Maria Isabel Cunha, no seu livro *O bom professor e sua prática*, considera que a relação pedagógica deve ser baseada na autonomia, contrapondo-a à relação baseada no autoritarismo. Refere que, para tal, é importante que a relação assente em certos princípios, nomeadamente, o diálogo, a negociação criativa, a compreensão, o encorajamento, o respeito, as expectativas positivas e a fascinação com o objetivo de conduzir o aluno à autorrealização.

A criação de instrumentos de avaliação adequados, a utilização de meios e fontes de pesquisa variados, a feitura de materiais didáticos apropriados à transmissão dos

conteúdos, bem como a análise do professor em relação a si próprio e ao seu modo de estar e agir, foram os ingredientes fundamentais que conduziram a uma prática pedagógica mais coerente e com resultados mais compensadores.

A estreita relação de cooperação e partilha com a professora cooperante foi, também, uma ajuda preciosa para uma prática bem-sucedida. Constrangimentos e aspetos negativos foram minimizados pela compreensão, ajuda e rigor que sempre demonstrou.

Com a realização do estágio, deparei-me que o professor não é apenas aquele que transmite conteúdos na sala de aula, mas sim aquele que pretende,

“Estimular a curiosidade e a vontade de saber mais e promover o encontro com outras experiências/pessoas/culturas de modo a podermos recriar o nosso vocabulário de formas sempre cada vez mais proveitosas.” (Maria da Conceição Antunes 2001, p.233).

Também é aquele que pretende “(...) incentivar o diálogo, o respeito pela opinião dos outros, a diversidade cultural e a diversidade de pontos de vista alternativos.” (*idem*).

Atualmente, o professor não deve limitar-se meramente à transmissão de conhecimentos, o seu papel deve ir para além disso. Deve facultar aos alunos, aprendizagens de maneiras diversificadas, em lugares diversos, de formas diversas.

Para Belmira Santos (2007, p.198),

“Os professores, ao protagonizarem novas práticas de ensino, promovem novas exigências à organização escolar. Surgem desta forma os professores como agentes de mudança e a escola como centro e motor da mesma (...).”

Procurei empregar conhecimentos e estratégias motivando e incentivando os alunos, promovendo-lhes o fluxo criativo e a liberdade de decisões, fomentando a autoestima e confiança nas suas capacidades, através de críticas construtivas e demonstrações da sua evolução a nível técnico e criativo, de forma a aumentar a sua motivação intrínseca.

Provavelmente, no meu ponto de vista, o descobrir e analisar através das Obras de Arte foi o *ex libris* da UD, ou seja, a estratégia mais relevante da UD possibilitando

nos alunos múltiplas possibilidades de manifestação e um conhecimento sensível de si e do outro.

Outra mais-valia empregue neste projeto foi a promoção da interdisciplinaridade. A interação com os outros GD foi um meio complementar e|ou suplementar que possibilitou a formulação de um saber crítico-reflexivo. Através desta perspectiva, que surgiu como uma forma de superar a fragmentação entre as disciplinas, tentei proporcionar o diálogo e o intercâmbio entre as várias áreas do saber. Porém, é necessário, antes de tudo, para que este processo resulte, que o professor se permita ser interdisciplinar, tenha o espírito interdisciplinar e seja autônomo nessa decisão.

A metodologia projetual foi outro fator pertinente. A análise de várias metodologias possibilitou o conhecimento de diversos pontos de vista, ampliando as possibilidades de ênfase projetual.

Ao longo do ano letivo, demonstrei disponibilidade para esclarecer dúvidas e procurar soluções conjuntas de forma a superar dificuldades momentâneas, às quais os alunos responderam com entusiasmo, empenho, vontade de aprender e constante boa disposição.

“Ser professor no século XXI requer uma atitude pessoal e profissional de tipo crítico-reflexivo que o leva a repensar e a reajustar o seu desempenho face às situações imprevisíveis e ambíguas da sua prática pedagógica.” (Belmira Santos 2007, p.200).

No professor, deve residir o exemplo da vontade de aprender e integrar novos conhecimentos ou técnicas.

O professor é, consensualmente, uma peça chave na sociedade, na constituição do conhecimento e na passagem de valores. Esta consciência permitiu-me não apenas ancorar a minha reflexão como, também, alargar os campos de ação.

O presente relatório é, acima de tudo, um relato fiel e sincero de toda uma realidade vivida.

Para além da reflexão pessoal que considerei pertinente efetuar, considero que consegui planejar, executar, exercitar, adaptar e avaliar com sucesso o processo de ensino-aprendizagem, respeitando as diretrizes normativas do MEC e da própria escola.

Neste projeto, que agora finda em folhas de papel, os alunos foram os maiores colaboradores e os melhores juízes da minha prestação, garantindo a sua exequibilidade.

Apesar das adversidades subjacentes à profissão, sinto-me plenamente realizada quando estou dentro de uma sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abbagnano, N. (1998). *Dicionário de filosofia*. (2.ª ed.) São Paulo: Martins Fontes. ISBN 85-336-0865-9

Alves, R. (2003). *Entre a ciência e a sapiência – O dilema da educação*. São Paulo: Edições Loyola.

Antunes, M. C. (2001). *Teoria e Prática Pedagógica*. (s.l.): Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.

Areal, Z. (2006). *Visualmente: Educação Visual 7.º, 8.º e 9.º anos*. Perafita, Matosinhos: Areal Editores. ISBN 972-627-895-3.

Areal, Z. (s.d.). *Visualmente: Educação Visual 7.º, 8.º e 9.º anos – Livro do Professor*. (s.l.): Areal Editores. ISBN 972-627-617-9.

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Arnheim, R. (1993). *Consideraciones sobre la educación artística*. Barcelona: Paidós Educador.

Barbosa, A. M. (2007). *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva.

Barbosa, A. M. (2003). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. (2.ª ed.). São Paulo: Cortez.

Barret, M. (1979). *Educação em arte*. Lisboa: Editorial Presença.

Braga, F., Vilas-Boas, F. M., Alves, M. E., Freitas, M. J. & Leite, C. (2004). *Planificações novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.

Cardoso, M. F., Silva, M. F. & Bastos, P. A. (2002). *Educação pela arte*. Lisboa: Instituto da Inovação Educacional.

Coelho, A. (dir.) (1995). *Educação Visual 7*. Alfragide: Constância Editores, S.A.. ISBN 972-8150-37-7.

Corbin, A. (1986). *Le miasme et la jonquille. L'odorat et l'imaginaire social XVIIIe - XIXe siècle*. Paris: Flammarion.

Courtine, J. C. & Haroche, C. (1988). *História do rosto: Expressar e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)*. Lisboa: Editora Teorema.

Csikszentmihalyi, M. (2002). *Fluir: a psicologia da experiência ótima*. Lisboa: Relógio D'Água.

- Cunha, M. I. (1989). *O bom professor e sua prática*. Campinas: Papirus.
- DGEBS (s.d). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.
- DGEBS (2010). *Metas de Aprendizagem, Ensino Básico - 3.º Ciclo/Educação Visual*. Acedido 05 setembro 2012 em:
<http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/>
 ou
<http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/ensinobasico/metasdeaprendizagem/metas/?area=33&level=6>
- DGEBS (1991). *Programa de Educação Visual – Ensino Básico*, vol. I. Acedido 03 setembro 2012 em:
<http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=142>
- DGIDC (2001). *Ajustamento do programa de Educação Visual – 3º Ciclo*. Direção Geral dos Ensinos Básicos e Secundário. Acedido 03 setembro 2012 em:
<http://www.dgidc.minedu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=142> Ajustamento do Programa de educação Visual – 3º Ciclo
- DGIDC (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências gerais*. Direção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação (DGIDC/ME) Web site. Acedido 03 setembro 2012 em:
<http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=142>
- Eça, T. (2010). *Que desenhos? Que designas? Que desígnos? Interpretando a opiniões e visões dos jovens a partir dos seus desenhos*. In M. & Milhano, S., *As artes na educação: Contextos de aprendizagem promotores de criatividade*. Leiria: ed. Oliveira. ISBN 978-989-8158-69.
- Edwards, B. (1984). *Desenhando com o lado direito do cérebro*. (s.l.): Editora Tecnoprint S.A.. ISBN 85-00-80735-0.
- Fischer, E. (1983). *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar Editores.
- França, J.-A. (2000). *100 Quadros portugueses do século XX*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Freedman, K. & Stuhr, P. (2004). *Curriculum change for the 21st century: Visual culture in art education*. In Eisner, E. & Day, M. (ed.), *Handbook of research and policy in art education*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Freire, P. (1997). *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. (4.ª ed.). Rio: Paz e Terra.
- Frencastel, P. (1993). *A realidade figurativa*. São paulo: Perspetiva.

Fróis, J. P., Marques, E. & Gonçalves, R. M. (s.d.). *A Educação estética e artística na formação ao longo da vida*. In Fróis, J. P. (coord.) (2000), *Educação estética e artística: Abordagens transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 972-31-0905-0.

Fuentes, R. (2009). *A prática do design gráfico - Uma metodologia criativa*. (2.^a ed.)(s.l.): Edições Rosari.

Gil, J. (2005). *Escritos sobre Arte e Artistas*. Lisboa: Relógio D' Água.

Jagodzinski, J. (2005). *As negociações da diferença: arte educação como desfiliação na era pós-moderna*. In Barbosa, A. M. (org.) & Guinsburg, J. (org.). *O Pós-Modernismo*. São Paulo: Perspectiva.

Janson, H. W. (1992). *História da Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Le Goff, J. (1996). *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp.

Lejeune, P. (2003). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG (Coleção Humanitas).

Lowenfeld, V. (1957). *Creative and mental growth*. (3.^a ed.). New York, NY: Macmillan.

Lowenfeld, V. & Brittain, W. L. (1970). *Arte e a criança: desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou.

Luria, A., Leontiev, A., Vigotsky, L., et al (1997). *Psicologia e Pedagogia. II Investigações sobre problemas didáticos específicos*. (2.^a ed.). Lisboa: Editorial Estampa.

Mónica, M. F. (1978). *Educação e sociedade no Portugal de Salazar*. Lisboa: Editorial Presença.

Munari, B. (1982). *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70 Lda.

Pacheco, M. E. V. (2010). *A pintura do autorretrato contemporâneo em Portugal*. Isla, Santarém: Breve Panorâmica.

Panofsky, E. (1989). *O significado nas artes visuais*. Lisboa: Editoria Presença. ISBN: 9789722309882

Parramón, J. M. (1993). *Como desenhar o Corpo Humano: Teoria, técnica, prática da construção e do desenho da anatomia artística do corpo humano*. Lisboa: Editorial Presença. ISBN 972-23-1646-X.

Perkins, D. N. (1994). *The intelligent eye: Learning to think by looking at art*. Los Angeles, LA: The Getty Education Institute for the Arts. ISBN 0-89236-274-X.

- Piaget, J. (1998). *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Pimenta, S. G. & Lima, M. S. L. (2004). *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez.
- Platão (2001). *A república*. (9.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ramos, A. (coord.), Queiroz, J. P., Barros, S. N. & Reis, V. (2001). *Desenho A – 10.º Ano – Curso Científico Humanístico de Artes Visuais*. (s.l.): Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.
- Ramos, E. & Porfírio, M. (2006). *Manual do desenho: Ensino secundário, 12.º ano*. Porto: Edições ASA. ISBN 978-972-41-4684-3.
- Read, H. (2007). *A educação pela arte*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Ribeiro, A. (2005). *A imagem da obra de arte no uso dos manuais de Educação Visual*. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia.
- Roldão, M. C. (1999). *Gestão curricular, fundamentos e práticas*. Lisboa: ME.
- Rubtsov, V. V., Margolis, A. A. & Telegin, M. V. (2008). *Psychological Research on Genesis and Development of Everyday Concepts. In Educational Dialogue (Second Stage), Psychological Science and Education*.
- Salavisa, E. (2008). *Diários de Viagem: Desenhos do quotidiano – 35 autores contemporâneos*. (s.l.): Quimera Editores. ISBN 978-972-589-188-9.
- Santos, B. (2007). *Comunidade Escolar e Inclusão. Quando todos ensinam e aprendem com todos*. Portugal: Instituto Piaget.
- Scaramucci, M. (1999). *Avaliação: mecanismo propulsor de mudanças no ensino/aprendizagem de língua estrangeira. In Cavalari, S. (2009). A autoavaliação em um contexto de ensino-aprendizagem de línguas em Tandem via chat*. São José do Rio Preto: UNESP.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. (vol. I,II,III). Lisboa: Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.
- UNESCO (2006a). *1.ª Conferência mundial sobre educação artística*. (s.l.): (s.ed.).
- UNESCO (2006b). *Roteiro para a educação artística: Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI*. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.
- Vilar, A. M. (1995). *O Professor Planificador*. (s.l.): Edições ASA.
- Von Arnim, H. H. (ed.) (1903). *Stoicorum veterum fragmenta: Chrysippi Fragmenta Logica et Physica*. (vol. II). Leipzig: Teubner.

West, S. (2004). *Portraiture*. Oxford: Oxford University Press.

Zabalza, M. A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

VÍDEOGRAFIA

How to Draw Eyes. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=GAI7cHiaf-U> (acedido em 23.01.2013)

How to Draw Mouths. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=o5F5a4-xwtU> (acedido em 23.01.2013)

How to Draw Noses. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=1p-V7Hxe5tk> (acedido em 23.01.2013)

Proportions For Portrait Drawing: The Ultimate Guide Part 1. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=yMLZbyODHA0#t=20> (acedido em 2.02.2013)

Sketching a Face- Basic Proportions. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=1618qH7KojU> (acedido em 25.02.2013)

Women in Art. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=nUDIoN-> (acedido em 1.02.2013)

Pop Art (parte 1/3). Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=D1kCB5xqk4M> (acedido em 15.03.2013)

Pop Art (parte 2/3). Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=DXC18I5qCqc> (acedido em 15.03.2013)

Pop Art (parte 3/3). Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=BK4InHZUybo> (acedido em 15.03.2013)

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 344/90 de 2 de novembro de 1990, Diário da República, 1.ª série – N.º253.

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, Diário da República, 1.ª série – N.º129.

Despacho n.º 379/80, de 8 de julho, Diário da República, 1.ª série – N.º155.

Despacho n.º 17169/2011, de 23 de dezembro, Diário da República, 2.ª série – N.º245.

Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril, Diário da República, 2.ª série – N.º77.

Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, Diário da República, 1.ª série – N.º237, alterada pelas Leis n.º 115/97, de 19 de setembro; 49/2005, de 30 de agosto; e 85/2009, de 27 de agosto - Lei de Bases do Sistema Educativo.

ANEXOS

ANEXO 1

Critérios de avaliação de Educação Visual



CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO - SABER FAZER

SABER FAZER – 80%	CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	COGNITIVO	PSICOMOTOR
COMPETÊNCIAS TÉCNICAS	Suportes	☺	☺
	Utilização dos materiais	☺	☺
	Traçados	☺	☺
	Execução	☺	☺
	Adequação	☺	☺
	Rigor	☺	☺
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	Interpretação	☺	
	Clareza	☺	☺
	Conceitos e ideias	☺	
	Percepção e representação do real:		
	Forma		☺
	Espaço		☺
	Movimento		☺
	Método de Design / Projeto:		
	Pesquisa	☺	☺
	Experimentação	☺	☺
	Realização	☺	☺
COMPETÊNCIAS EXPRESSIVAS/ ARTÍSTICAS	Criatividade	☺	
	Sensibilidade:		
	Qualidades formais		☺
	Qualidades expressivas		☺
	Adequação	☺	☺
	Interpretação	☺	
LÍNGUA PORTUGUESA	Expressão Oral	☺	
	Expressão Escrita	☺	☺

ELEMENTOS DE AVALIAÇÃO	
SABER FAZER - 80 %	9.º Ano
Trabalhos realizados na sala de aula individualmente e/ou Testes	60%
Caderno Diário/Diário Gráfico	5%
Trabalhos realizados em casa	5%
Fichas de trabalho	5%
Trabalhos realizados na sala de aula em grupo	5%
SABER SER - 20 %	9.º Ano
Responsabilidade	5 %
Autonomia	5 %
Cooperação	5 %
Respeito por si e pelos outros	5 %

Nota: Se durante os Períodos letivos, o professor não solicitar a realização de testes, trabalhos realizados em casa, fichas de trabalho, trabalhos realizados na sala de aula em grupo e na avaliação do caderno diário ou diário gráfico a avaliação do Saber Fazer recairá apenas e só na avaliação dos trabalhos realizados na sala de aula individualmente.



CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO - SABER SER

SABER SER – 20%	CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	SÓCIO AFETIVO
RESPONSABILIDADE	Pontualidade	😊
	Assiduidade	😊
	Faltas de material	😊
	Revelar cuidado com a segurança e higiene do próprio, dos outros e do equipamento escolar	😊
	Ser cumpridor em relação às tarefas e normas da escola	😊
AUTONOMIA	Saber identificar/explicitar as suas dificuldades	😊
	Saber estabelecer uma metodologia	😊
	Ser independente no trabalho	😊
	Descobrir soluções inovadoras e criativas na forma de desenvolver, tratar e apresentar trabalhos ou outras atividades	😊
	Desenvolver a capacidade de autocrítica	😊
	Fruição das qualidades estéticas	😊
COOPERAÇÃO	Mostrar-se disponível para a interajuda	😊
	Contribuir para o esclarecimento de dúvidas	😊
	Saber compreender a individualidade de cada um	😊
	Saber aceitar a especificidade e a diversidade do grupo	😊
RESPEITO POR SI E PELO OUTRO	Saber ouvir	😊
	Saber intervir	😊
	Saber falar corretamente evitando o calão	😊
	Saber aceitar a diferença	😊
	Saber intervir na melhoria do envolvimento	😊

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO 9.º ANO		
SABER SER - 20%		SÓCIO AFETIVO
RESPONSABILIDADE	Pontualidade	1%
	Faltas de material	2%
	Revelar cuidado com a segurança e higiene do próprio, dos outros e do equipamento escolar	1%
	Ser cumpridor em relação às tarefas e normas da escola	1%
AUTONOMIA	Saber identificar/explicitar as suas dificuldades	1%
	Saber estabelecer uma metodologia	1%
	Ser independente no trabalho	1%
	Descobrir soluções inovadoras e criativas na forma de desenvolver, tratar e apresentar trabalhos ou outras atividades	1%
	Desenvolver a capacidade de autocrítica	1%
COOPERAÇÃO	Mostrar-se disponível para a interajuda	1%
	Contribuir para o esclarecimento de dúvidas	1%
	Saber compreender a individualidade de cada um	1%
	Saber aceitar a especificidade e a diversidade do grupo	2%
RESPEITO POR SI E PELOS OUTROS	Saber ouvir	1%
	Saber intervir	1%
	Saber falar corretamente evitando o calão	1%
	Saber aceitar a diferença	1%
	Saber intervir na melhoria do envolvimento	1%

ANEXO 2

Folha de registo de avaliação para os Encarregados
de Educação



**FOLHA DE REGISTO DE AVALIAÇÃO
PARA OS ENCARGADOS DE EDUCAÇÃO**

NOME: _____ ANO: ____ T: ____ N.º: ____

DATA	PROJETO/ATIVIDADE	AVALIAÇÃO	ASSINATURA PROFESSORA	DATA	ASSINATURA E. EDUCAÇÃO
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	
__/__/__				__/__/__	

ANEXO 3

Normas operativas da sala de aula de Educação
Visual



NORMAS OPERATIVAS DA SALA DE AULA DE EDUCAÇÃO VISUAL

1. Trazer sempre o material pedido para a sala de aula.
2. O material deve estar em bom estado de conservação.
3. Material danificado, dado que não pode ser usado, é como se não existisse.
4. Material de Educação Visual, que seja utilizado noutra disciplina, deve ser arrumado tal como foi encontrado.
5. Todo o material deve estar identificado.
6. Não é permitida, a partilha de material, sem autorização prévia da professora.
7. É expressamente proibido o uso de x-ato na sala de aula.
8. Escrever sempre em letra maiúscula (legenda).
9. Em cima da mesa, durante a aula, apenas se deve encontrar o material estritamente necessário ao trabalho que se realiza.
10. As mesas e cadeiras devem estar sempre limpas, arrumadas e organizadas.
11. Os corredores entre as filas devem permanecer livres de obstáculos (mochilas, pastas, etc...).
12. A professora dará cinco minutos para a entrega e recolha das capas, organização e limpeza da sala de aula.
13. A recolha e entrega das capas será feita apenas e só, pelos alunos indicados pela professora.
14. As pastas serão colocadas nas últimas três prateleiras do armário e no local específico de cada fila.
15. O armário deve permanecer arrumado.
16. No final da aula, o delegado de higiene de Educação Visual, passa com o caixote do lixo pela sala.
17. A sala deve permanecer limpa e arrumada.
18. O espaço dos *placards*, a utilizar na disciplina de Educação Visual, deve estar sempre organizado.
19. Sempre que seja necessário ir à casa de banho lavar material, esta deve ficar limpa tal qual a encontraram.
20. O aluno só se levanta do lugar, mediante prévia autorização da professora.
21. Os trabalhos realizados ao longo do ano devem permanecer em boas condições até ao final do ano letivo.

ANEXO 4

Planificação de Educação Visual – 9.º ano de escolaridade

UD01: PERSPETIVA CÓNICA



EDUCAÇÃO VISUAL 3.º Ciclo do Ensino Básico

Metas Curriculares | 9.º Ano

OBJETIVOS GERAIS

1. Compreender diferentes tipos de projeção.
2. Dominar técnicas de representação em perspetiva cónica.
3. Dominar procedimentos sistemáticos de projeção.

CONTEÚDOS: Perspetiva cónica.

T9 Arquitetura.

AVALIAÇÃO:

- Ficha diagnóstica;
- Grelha de observação;
- Grelha de avaliação da UD;
- Teste de avaliação.

UD01

EXERCÍCIOS	MATERIAL	TEMPO
Investigar a história da representação em perspetiva. Sistemas de representação – esquema no quadro branco. 1. Registrar e colar no caderno diário.	Documentos, livros, internet, imagens, cola e caderno diário.	1x90 min. 1x45 min.
2. Representar através do desenho à mão levantada, sobre malha, objetos e espaços em perspetiva aplicando os princípios básicos da perspetiva cónica. 3. Realizar a planta do quarto. 4. Representar através do desenho à mão levantada, sobre malha, o quarto aplicando os princípios básicos da perspetiva cónica.	Malhas (p. 7 e 8 – perspetiva cónica), papel vegetal esquisso, grafite H e lápis de cor.	1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min.
TESTE DE AVALIAÇÃO		90 min.
EXERCÍCIO FINAL: <u>“X Objetos 1 Espaço.”</u> 1. Representar rigorosamente e à escala a planta do quarto (linhas cota). 2. Realizar maquete do quarto.	Papel de desenho A3, K-line, cartolina Duplex, cartolina, régua, esquadros, tesoura e cola.	1x45 min. 1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min.

UD02: PERCEÇÃO VISUAL E CONSTRUÇÃO DA IMAGEM



EDUCAÇÃO VISUAL 3.º Ciclo do Ensino Básico

Metas Curriculares | 9.º Ano

OBJETIVOS GERAIS

4. Conhecer processos de construção da imagem no âmbito dos mecanismos da visão.
5. Relacionar processos de construção da imagem no âmbito da perceção visual.
6. Dominar a aquisição de informação intuitiva e de informação estruturada.

CONTEÚDOS: Perceção visual e construção da imagem.
R9

AVALIAÇÃO:

- Ficha diagnóstica;
- Grelha de observação;
- Grelha de avaliação da UD.

UD02

EXERCÍCIOS	MATERIAL	TEMPO
Investigar os processos relacionados com o mecanismo da visão e construção da imagem. 1. Colar e registar no caderno diário.	Livros, documentos, internet, imagens, cola e esferográfica.	1x90 min. 1x45 min.
EXERCÍCIO FINAL: <u>"Figuras Improváveis."</u> 1. Criar uma composição plástica, explorando figuras impossíveis e imagens ambíguas.	Máquina fotográfica digital, vários materiais dependendo da escolha/criatividade dos alunos.	1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min.

UD03: ARTE E PATRIMÓNIO



EDUCAÇÃO VISUAL 3.º Ciclo do Ensino Básico

Metas Curriculares | 9.º Ano

OBJETIVOS GERAIS

7. Reconhecer o âmbito da arte contemporânea.
8. Refletir sobre o papel das manifestações culturais e do património.
9. Compreender o conceito de museu e a sua relação com o conceito de coleção.
10. Reconhecer o papel das trajetórias históricas no âmbito das manifestações culturais.

CONTEÚDOS: Arte e património.
D9

AVALIAÇÃO:

- Grelha de observação;
- Grelha de avaliação da UD;
- Teste de avaliação.

UD03

EXERCÍCIOS	MATERIAL	TEMPO
1. Explorar através do desenho à mão levantada a figura humana, movimento implícito e explícito; Figura/fundo. Antropometria. 2. Construir o esquema corporal do adulto visto de frente e de lado. Sobrepor o esquema corporal do aluno (p. 43 e 47 – visualmente – Areal Editores). 3. Desenhar a estrutura do rosto.	Papel de desenho A3, grafite B, régua e caderno diário.	1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min.
TESTE DE AVALIAÇÃO		90 min.
4. Observar/recolher obras de arte figurativas. Conhecimento diacrónico (através da história/tempo) e sincrónico (variações num mesmo período de tempo). 5. Colar a seleção das obras de arte no caderno diário. 6. Analisar uma obra de arte através de um guião. 7. Registar no caderno diário.	Livros, documentos, internet, imagens, cola, esferográfica e caderno diário.	1x45 min. 1x90 min. 1x45 min. 1x90 min.
EXERCÍCIO FINAL: <u>“3 Figuras, Rostos 1 Obra de Arte.”</u> 1. Ampliar a imagem da obra de arte selecionada no formato adequado. 2. Representar 3 figuras ou 3 rostos (formato adequado à ampliação). Explorar o positivo/negativo ou pintura com material e técnicas adequadas (todos diferentes). 3. Colar as representações na imagem (obra de arte selecionada) alterando/transformando o sentido. 4. Reanálise da obra reinventada – guião de análise.	Imagem de uma obra de arte, papel de desenho A3, grafites B e vários materiais (tinta da china, lápis de cor, guache, aguarela, café, pastel, etc.) dependendo da escolha/criatividade dos alunos.	1x45 min. 1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min. 1x90 min. 1x45 min. 1x90 min.

UD04: ENGENHARIA



EDUCAÇÃO VISUAL 3.º Ciclo do Ensino Básico

Metas Curriculares | 9.º Ano

OBJETIVOS GERAIS

11. Explorar princípios básicos da Engenharia e da sua metodologia.
12. Aplicar princípios básicos da Engenharia na resolução de problemas.
13. Reconhecer o papel da investigação e da ação no desenvolvimento do projeto.

CONTEÚDOS: Engenharia
P9

AVALIAÇÃO:

- Grelha de observação;
- Grelha de avaliação da UD.

UD04

EXERCÍCIOS	MATERIAL	TEMPO
Investigar a história da engenharia, metodologia, disciplinas que a integram e as suas diversas áreas. Conhecimento diacrónico (através da história/tempo) e sincrónico (variações num mesmo período de tempo). 1. Registar/colar no caderno diário imagens que exemplificam essa história.	Livros, imagens, internet, cola, esferográfica, e caderno diário.	1x90 min. 1x45 min.
Selecionar um objeto de engenharia e analisá-lo relativamente aos materiais no contexto da sua construção. 1. Guião de análise do objeto de engenharia. Registar no caderno diário.	Livros, documentos, imagens, internet, cola, esferográfica e caderno diário.	1x90 min. 1x45 min. 1x90 min.
EXERCÍCIO FINAL: <u>“Objeto velho objeto sustentável.”</u> 1. Desenvolver soluções criativas no objeto selecionado tendo em consideração os novos materiais e as necessidades da vida moderna – sustentabilidade (desenho à mão levantada). 2. Realizar uma maquete valorizando materiais sustentáveis.	Papel de desenho A3, grafites e outros materiais à escolha do aluno.	1x45 min. 1x90 min. 1x45 min.

ANEXO 5

Planificação de aula a curto prazo I – II – III

PLANIFICAÇÃO I – UD03									
9.º Ano 2012/2013		Educação Visual "O Eu O Espelho"							
Conteúdos	Objetivos	Resultados pretendidos	Tempo	Estratégias		Recursos (físico, humano e material)	Atividades	Interdisciplinaridade	Contexto ambiental
				Professor	Aluno				
Arte e Património. Desenho Expressivo.	- Reconhecer o âmbito da arte contemporânea. - Refletir sobre o papel das manifestações culturais e do património.		5 min	Realiza a chamada dos alunos.	Distribui as capas e os materiais específicos de Educação Visual.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Materiais específicos de Educação Visual.		História. Geografia.	Sala de Educação Visual.
			5 min	Regista o sumário, as folhas de presença, de atraso e de material no livro de ponto. Ex põe o plano de aula.	Regista o sumário no caderno diário. Verifica e organiza o material necessário para a aula.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Livro de ponto. Caderno diário. Quadro branco. Esferográfica. Materiais específicos de Educação Visual.			
			15 min	Apresenta o enunciado com a proposta de trabalho.	Acompanha a exposição. Interfere nas informações.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Dietá show. Computador.			
			20 min	Diálogo com os alunos sobre a proposta de trabalho. Propõe o trabalho. Utiliza o quadro branco.	Acompanha a exposição. Analisa e emite opiniões. Recorda técnicas e processos aprendidos.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Quadro branco. Ficha de consolidação de conteúdos e lançamento da proposta de trabalho.			
			25 min	Apresenta e explica a estrutura do rosto humano (cânion), a anatomia da cabeça humana e as proporções do rosto. Orienta e acompanha tecnicamente o desenvolvimento do trabalho.	Aplica os conhecimentos adquiridos. Observa o seu rosto. Inicia a realização da estrutura do rosto - cânion. Cola a estrutura no caderno diário.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Dietá show. Computador. Espelho, folha de papel quadrícula, cola, lápis de grafite, borracha, esferográfica, régua e caderno diário.	Realização da estrutura do rosto		
			10 min	Análise e reflexão sobre a aula.	Acompanha a exposição. Interioriza os conteúdos lecionados. Emite opiniões.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Materiais específicos de Educação Visual.			
			10 min	Indicações para a próxima aula.	Recolhe as capas e os materiais específicos de Educação Visual. Limpa a sala de aula.				

9.º Ano	Educação Visual	"O Eu O Espelho"
2012/2013		

Conteúdos	Objetivos	Resultados pretendidos	Tempo	Estratégias		Recursos (humanos, físicos e materiais)	Atividades	Interdisciplinaridade	Contexto ambiental	Disseminação	Avaliação
Desenho Expressivo. Expressão e decomposição da forma. Comunicação visual.			5 min	Professor	Aluno	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Materiais específicos de Educação Visual.	Realização do retrato.	História.	Sala de Educação Visual.	---	Avaliação formativa.
			10 min	Regista o sumário, as folhas de presença, de atraso e de material no livro de ponto. Síntese da aula anterior. Expõe o plano da aula.	Regista o sumário no caderno diário. Verifica e organiza o material necessário para a aula.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Livro de ponto. Caderno diário. Quadro branco. Esferográficas. Materiais específicos de Educação Visual.					
			5 min	Ponto de situação dos trabalhos a desenvolver.	Acompanha a exposição.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos.					
			60 min	Orienta e acompanha tecnicamente o desenvolvimento do trabalho.	Realiza o trabalho proposto. Aplica os conhecimentos adquiridos.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Espelho, materiais específicos de Educação Visual.					
			10 min	Análise e reflexão sobre a aula.	Acompanha a exposição.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Materiais específicos de Educação Visual.					
				Indicações para a próxima aula.	Interioriza os conteúdos lecionados. Emite opiniões. Recolhe as capas e os materiais específicos de Educação Visual. Limpa a sala de aula.						

PLANIFICAÇÃO III – UD03

9.º Ano 2012/2013	Educação Visual	"O Eu O Espelho"
----------------------	-----------------	--------------------

Conteúdos	Objetivos	Resultados pretendidos	Tempo	Estratégias		Recursos (humano, físico e material)	Atividades	Interdisciplinaridade	Contexto ambiental	Disseminação	Avaliação
				Professor	Aluno						
			5 min	Realiza a chamada dos alunos.	Distribui as capas e os materiais específicos para a sala de Educação Visual.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Materiais específicos de Educação Visual.		Português.	Sala de Educação Visual.	—	Avaliação sumativa. Heteroavaliação dos alunos. Autoavaliação dos alunos. Avaliação do desempenho da professora.
			5 min	Regista o sumário, as folhas de presença, de atraso e de material no livro de ponto. Exibe o plano de aula.	Regista o sumário no caderno diário. Verifica e organiza o material necessário para a aula. Recolhe as capas e os materiais específicos de Educação Visual.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Livro de ponto. Caderno diário. Quadro branco. Etiérogáfica. Materiais específicos de Educação Visual.					
			45 min	Exibe oralmente. Entrega a folha/grelha de heteroavaliação dos alunos. Orienta e acompanha a exposição oral dos trabalhos (memória descritiva).	Acompanha a exposição oral dos colegas. Regista a heteroavaliação. Exibe oralmente a memória descritiva do seu trabalho.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Folha/grelha de heteroavaliação dos alunos. Memória descritiva do trabalho.	Preenchimento da folha/grelha de heteroavaliação. Memória descritiva do trabalho.				
			10 min	Exibe oralmente. Entrega a folha/grelha de autoavaliação dos alunos.	Acompanha a exposição. Regista a sua autoavaliação. Propõe nota final de período.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Folha/grelha de autoavaliação dos alunos.	Preenchimento da folha/grelha de autoavaliação.				
			10 min	Exibe oralmente. Entrega a folha/grelha de avaliação do desempenho da professora.	Acompanha a exposição. Regista a avaliação.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Folha/grelha de avaliação do desempenho da professora.	Preenchimento da folha/grelha de avaliação do desempenho da professora.				
			5 min	Recolhe as folhas/grelhas de heteroavaliação, autoavaliação e avaliação do desempenho da professora.	Entrega as folhas/grelhas de heteroavaliação, autoavaliação e avaliação do desempenho da professora.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos. Folha/grelha de heteroavaliação, autoavaliação e avaliação do desempenho da professora.					
			10 min	Análise e reflexão sobre a aula. Indicações para a próxima aula.	Acompanha a exposição. Interrota as informações. Emite opiniões.	Sala de Educação Visual. Professora/Alunos.					

ANEXO 6

Powerpoint “O rosto humano”

UD:03

O ROSTO HUMANO

Educação Visual_9.º ano
Prof. Vanda Apolinário



Conhecimento das formas e proporções
próprias do rosto humano.

Análise do rosto:

- Estrutura do rosto;
- Forma do rosto;
- Eixo de simetria do rosto;
- Proporções das partes do rosto;
- Expressões do rosto.

Vista anterior do crânio



Conhecimento do crânio e do rosto humano.
Anatomia da cabeça humana.

Ossos do crânio:

1. Osso frontal
2. Osso nasal
3. Arco ou osso cigomático
4. Maxilar superior
5. Maxilar inferior ou mandíbula

Vista lateral do crânio e
inserção na coluna



Conhecimento do crânio e do rosto humano.
Anatomia da cabeça humana.

Ossos do crânio:

1. Osso parietal
2. Osso temporal
3. Conduto auditivo externo
4. Linha superior da nuca
5. Osso occipital
6. Apófises mastóides
7. Maxilar inferior ou mandíbula
8. Osso frontal
9. Órbita
10. Maxilar superior

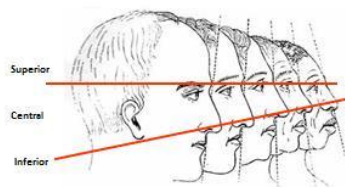
Os músculos do rosto



Conhecimento do crânio e do rosto humano.
Anatomia da cabeça humana.

Músculos do rosto:

1. Músculo frontal
2. Músculo temporal
3. Músculo orbicular do olho
4. Músculo prócero
5. Músculo nasal
6. Músculo masséter
7. Músculo depressor do ângulo da boca
8. Músculo depressor do lábio inferior
9. Músculo do mento



ESTRUTURA BASE DO ROSTO

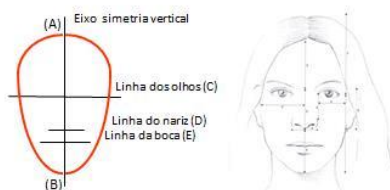
A estrutura do rosto divide-se em três partes:

- Superior, a testa e o cabelo;
- Central, a zona ocular, o nariz e os ouvidos;
- Inferior, a boca e o queixo.



FORMAS BASE DO ROSTO

Quando se analisa a forma do rosto, verifica-se que este enquadra-se, frequentemente, numa oval ou num óvulo quase perfeitos. Estas são as formas base para o desenho de qualquer rosto.



PROPORÇÕES DO ROSTO HUMANO

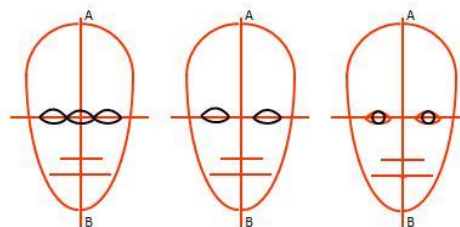
O rosto humano:

- Topo do crânio e o queixo delimitam a altura do rosto (AB);
- Os olhos encontram-se a meio da altura do eixo de simetria vertical (C);
- O nariz a 1/4 da altura do eixo de simetria (D);
- As orelhas encontram-se entre a linha dos olhos e do nariz (CD);
- A boca situa-se a 2/3 da distância entre o queixo e o nariz (E).

UD:03

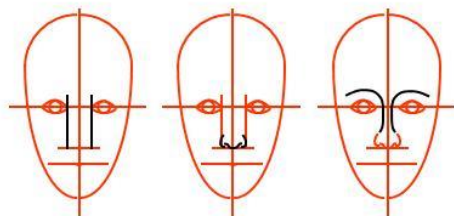
CONSTRUÇÃO DO ROSTO HUMANO

Material:
folha de papel quadriculada A5, lápis de grafite,
borracha, apara-lápis, régua pequena e compasso.



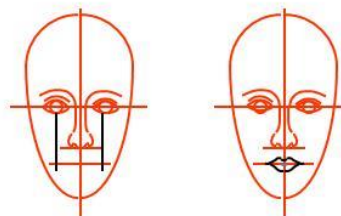
OS OLHOS

- A linha dos olhos situa-se a meio do segmento de reta AB (óvulo);
- Os olhos ficam separados por um terceiro olho invisível.



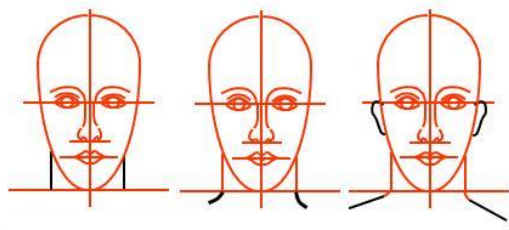
O NARIZ

- Entre a altura dos olhos e do queixo encontra-se a linha do nariz;
- O comprimento do nariz é dado pelo canto interior dos olhos.



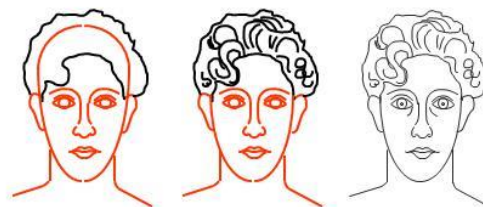
A BOCA

- Entre a altura do nariz e a altura do queixo encontra-se a linha da boca;
- Terás de dividir o segmento de reta em três partes iguais (a 1/3 encontra-se a linha da boca);
- O comprimento da boca é dado pelo centro dos olhos (pupila do olho).



O PESCOÇO E ORELHAS

- As orelhas encontram-se entre a linha dos olhos e do nariz;
- As linhas verticais do pescoço iniciam-se a partir da linha da boca e terminam na linha do queixo;
- De seguida, deves de realizar uma pequena linha curva prolongando-a até à linha dos ombros.



O CABELO

- Por último, realiza-se o cabelo;
- Deves de traçar a linha interior e exterior de contorno do cabelo;
- Depois desenha o movimento/caraterísticas do teu cabelo.



Autorretrato
Claude Buck, 1919
Óleo sobre madeira (34,5 x 35,7 cm.)
Smithsonian American Art Museum

O ROSTO FINAL

ANEXO 7

Powerpoint “História da arte – Retrato |
Autorretrato”

HISTÓRIA DA ARTE

Retrato
Autorretrato

PRIMEIROS AUTORRETRATOS



PRIMEIROS AUTORRETRATOS



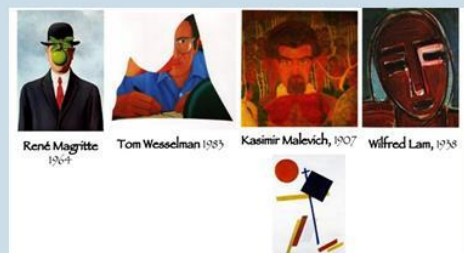
AUTORRETRATOS DA PINTURA MODERNA



AUTORRETRATOS DA PINTURA MODERNA



AUTORRETRATOS DA PINTURA MODERNA



AUTORRETRATOS DA PINTURA MODERNA



AUTORRETRATOS DA PINTURA MODERNA



AUTORRETRATOS DA PINTURA MODERNA



ARTISTAS PORTUGUEAS



ARTISTAS PORTUGUESES



O ROSTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA ARTE



O ROSTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA ARTE



O ROSTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA ARTE



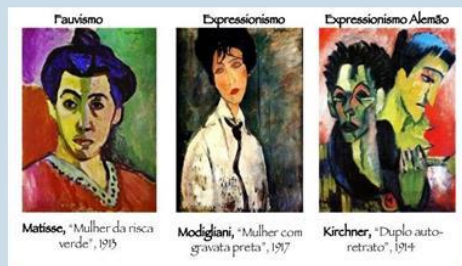
O ROSTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA ARTE



O ROSTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA ARTE



O ROSTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA ARTE



O ROSTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA ARTE



O ROSTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA ARTE



O ROSTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA ARTE



O ROSTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA ARTE



REINTERPRETAÇÕES DA MONA LISA/ A GIOCONDA



REINTERPRETAÇÕES DA MONA LISA/ A GIOCONDA



ANEXO 8

Guião de análise de uma obra de arte pictórica –
Pop Art



ESM

DEPARTAMENTO DE EXPRESSÕES

Educação Visual

Nome:

Ano:

N.º

Turma:

Avaliação: ---

Professora:

Data: ____/____/____

GUIÃO DE ANÁLISE DE UMA OBRA DE ARTE PITÓRICA – POP ART

1. Imagem



2. Forma de expressão

(☒) Figurativa

(☐) Abstrata

(☐) Geométrica

3. Descrição da obra

Título

Autor

Data

Dimensões

Suporte e técnicas utilizadas

Localização

4. Assunto/tema da obra

5. Elementos visuais empregues

Ponto

Linha

Cor

Formas

Perspetiva

Tipo de composição

6. Estado de espírito causado pela obra (emoções, sentimentos, ideias, ...)

Bom trabalho.

ANEXO 9

Powerpoint “Composição gráfica”

“Em composição, beleza é o ajustamento de todas as partes, proporcionalmente, de forma a que nada se possa juntar ou subtrair ou mudar sem estragar a harmonia do todo.”

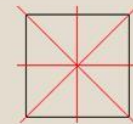
Alberti in Areal, 2006, p.122

EDUCAÇÃO VISUAL UD:03

Composição gráfica

Paula Rego, Noite (1954)

- Nos suportes de intervenção, sempre planos mas de formatos retangulares ou quadrangulares, existem sempre linhas invisíveis, as quais denominamos *linhas de força*.
- Estas linhas não são mais do que direções que conduzem o nosso olhar, mas podem ser muito úteis na criação do equilíbrio de uma composição.



Linhas de força.

(Fonte: Areal 2006, p.122)

- As figuras principais posicionam-se sobre as linhas diagonais e medianas (esqueleto estrutural invisível).
- O ponto de fuga das linhas das cabeças encontra-se acima do centro do retângulo.
- É o centro ótico e não o centro geométrico.



Peso visual – dimensão.

(Fonte: Areal 2006, p.125)

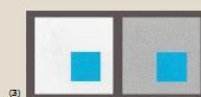
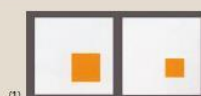
Numa composição, as formas têm peso visual, ou seja, existem determinados atributos que lhe proporcionam mais ou menos importância.

Exemplo:

(1) **Dimensão**, uma forma grande “pesa mais” do que uma forma pequena;

(2) **Luminosidade**, uma cor escura pesa mais do que uma cor clara (a mais luminosa tem mais peso visual);

(3) **Contraste**, tem mais peso visual a forma que contrastar mais com o fundo.



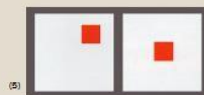
Peso visual – dimensão.

(Fonte: Areal 2006, p.125)

(4) **Textura**, uma textura marcada pesa mais que uma textura lisa. “Pesa mais” a forma que apresentar a textura mais destacável;



(5) **Posição espacial**, tem mais peso visual a forma que estiver mais afastada do centro, no campo visual;



(6) **Movimento**, tem mais peso visual a forma que expressar mais movimento.



ANEXO 10

Autorretrato escrito: físico e psicológico



Onde nasci? Quando nasci? Idade? Como sou fisicamente? Gosto de? Não gosto de? Sonho com? Odeio? Amo? Vivo com? Sou Homem? Sou Mulher? Uma qualidade? Um defeito? Experiências marcantes? Cor/cores preferidas? Música/artista especial? Sabores preferidos? Aptidões? Sensações? É no Silêncio que? Aquele que ninguém conhece? Aquele que eu desconheço? Tenho medo de? Ódio de? Segredos? Particularidades? Poesias/poemas preferidos? Livros especiais? O que eu sei? Tenho certeza que? O que eu não sei? O que eu jamais saberei? O que é ser português? O que eu mudaria em mim? O que eu mudaria na minha vida? O que eu mudaria na minha escola? O que eu mudaria no mundo? Etc...

[illegible]

ANEXO 11

Grelha de avaliação da Memória Descritiva



Avaliação da Memória Descritiva

MEMÓRIA DESCRITIVA 5%					
N.º ALUNOS	POSTURA	TERMINOLOGIA	DESCRIÇÃO	LÍNGUA PORTUGUESA	AVALIAÇÃO FINAL
	1%	1%	2%	1%	
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					
15					
16					
17					
18					
19					
20					
21					
TOTAL					

ANEXO 12

Powerpoint “Enunciado UD03 – O Eu | O Espelho”



Autor: Amadeu Escórcio
Título: "Rapaz ao espelho"
Descrição: 100 x 80 cm, acrílico sobre madeira, 1979.

Enunciado

O Eu | O Espelho

ARTE CONTEMPORÂNEA

- Período artístico que surgiu na segunda metade do **século XX**.
- Características mais importantes da Arte Contemporânea:
 - Tentativa de criar pinturas e esculturas voltadas para si mesmas e, assim, distinguir-se das formas de arte anteriores, que transmitiam ideias de instituições políticas ou religiosas poderosas;
 - Fascínio pela tecnologia moderna e a utilização de métodos mecânicos de reprodução (fotografia e a impressão tipográfica);
 - Criar um diálogo com a cultura popular.
- Evidencia-se fulminantemente na **década de 60**, com o aviso de uma **viagem ao espaço**.

9.º Ano
2012|2013

ENUNCIADO UD03
O EU | O ESPELHO

EDUCAÇÃO VISUAL

Enunciado

O Eu | O Espelho

ARTE CONTEMPORÂNEA

- As formas dos objetos tornam-se, quase subitamente, aerodinâmicas, com forte recorrência ao brilho do **vinil**.
- Baseada nos **ícones** da época, no mundo festivo dos setentas, uma **arte comercial**, que mais tarde setornaria uma arte erudita.
- Entre os movimentos mais célebres estão: a **Op Art**, a **Happening**, a **Pop Art**, o **Expressionismo Abstrato**, a **Arte conceptual**, o **Minimalismo**, a **Body Art**, e a **Street Art** (baseada na cultura do **graffiti**)
- Principais artistas: **Andy Warhol** e **Roy Liechtenstein**.
- Artistas portugueses: **Ânello de Sousa**, **Bottelho**, **Joana Vasconcelos**, **Júlio Pomar**, **Nadir Afonso**, **Paula Rego** e **Vieira da Silva**.

Enunciado UD03

O Eu | O Espelho

“A arte não é produto de génios, mas de cidadãos comuns”

André Breton

Enunciado

O Eu | O Espelho

UD03
PROPOSTA DE TRABALHO

Metas Curriculares - DISCURSO D9

- **OBJETIVOS GERAIS:**
 - (7) Reconhecer o âmbito da arte contemporânea;
 - (8) Refletir sobre o papel das manifestações culturais e do património;
 - (9) Compreender o conceito de museu e a sua relação com o conceito de coleção;
 - (10) Reconhecer o papel das trajetórias históricas no âmbito das manifestações culturais.
- **CONTEÚDOS:**
 - Desenho Expressivo;
 - Expressão e decomposição da forma;
 - Comunicação visual;
 - Arte e Património.

Enunciado

O Eu | O Espelho

UD03
PROPOSTA DE TRABALHO

- **I FASE**
Realização da visita de estudo ao Museu de Electricidade, Exposição: “RISO”.
- **II FASE**
Realização de trabalhos em contexto sala de aula
I - Forma/fundo
- Realização do rosto através de uma fotografia (linha) traço como elemento delimitador e cor em mancha).

II - Retrato na Pop Art
- Realização do retrato (caraterísticas do movimento artístico Pop Art).
- III - Autorretrato
- Realização do autorretrato físico e psicológico (escrito);
- Realização do autorretrato 2D e | ou 3D.

Enunciado

O Eu | O Espelho

UD03
PROPOSTA DE TRABALHO

- **ESTRATÉGIAS/METODOLOGIAS**
Visita de estudo, exposição oral, mostras audiovisuais, enunciado da proposta de trabalho, quadro branco, investigação bibliográfica, pesquisa de Obras de Arte, guião de análise de uma Obra de Arte, demonstrações práticas, mapa organizador de conceitos e palavras-chave, diálogo|debate, questionários: avaliação da Unidade Didática, desempenho da docente, autoavaliação e heteroavaliação dos alunos.
- **INTERDISCIPLINARIDADE**
Áreas curriculares: Português, Geografia, História, Físico-química e TIC.

Enunciado

O Eu | O Espelho

UD03
PROPOSTA DE TRABALHO

- **RECURSOS HUMANOS, FÍSICOS E MATERIAIS**
Humanos: monitor da exposição, professora de Educação Visual, professora acompanhante e alunos.

Físicos: espaço museológico, sala de Educação Visual e local da Exposição.

Materiais: data show, computador, quadro branco, livros, documentos, dossier da unidade, guião de análise da obra de arte, imagem da obra de arte, imagem do rosto (fotografia), espelho, caderno diário, retrato psicológico e físico (escrito), materiais e instrumentos dependentes da escolha|criatividade dos alunos.

Enunciado

O Eu | O Espelho

UD03

PROPOSTA
DE
TRABALHO

□ TÉCNICAS E MATERIAIS

Ficará ao critério do aluno a escolha de suportes, materiais e técnicas de exploração.

□ AVALIAÇÃO

- Formativa durante a realização dos trabalhos;
- Sumativa no final dos trabalhos;
- Autoavaliação e heteroavaliação dos alunos;
- Avaliação do desempenho da professora.

□ GESTÃO DO TEMPO

Total – 33 blocos de 45 minutos.

Realização dos 3 trabalhos – 28 blocos de 45 minutos.

ANEXO 13

Questionário aplicado aos alunos sobre a autoavaliação da UD03 (Q1)



AVALIAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA – O EU | O ESPELHO

Questionário – Alunos

Objetivo: Avaliar a unidade didática.

O questionário é de natureza anónima e confidencial. Uma resposta participativa, direta e sincera permitirá incorporar, numa próxima proposta de trabalho, os aspetos mais relevantes transmitidos pelos alunos.

Agradecemos a sua colaboração.

Assinale com um **(X)** a opção que melhor traduz a sua opinião.

Sendo um **(1)** o valor mínimo e cinco **(5)** o valor máximo

1 - Não Satisfaz **2** - Satisfaz Pouco **3** - Satisfaz **4** - Bom **5** - Muito Bom

Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

	1	2	3	4	5
1 - Unidade didática					
2 - Conteúdos da unidade didática					
3 - Objetivos da unidade didática					
4 - Estratégias metodologias utilizadas na unidade didática					
5 - Recursos utilizados na unidade didática					
6 - Técnicas e materiais utilizados na unidade didática					
7 - Meios de avaliação utilizados na unidade didática					
8 - Contribuição para o desenvolvimento de técnicas anteriormente aplicadas na disciplina					
9 - Contribuição para a aquisição de conhecimentos					
10 - Contribuição para o desenvolvimento da interpretação, da criatividade e da imaginação					
11 - Contribuição para o interesse pela leitura e descodificação de obras de arte					
12 - Qualidade estética da unidade didática					
13 - Rigor na concretização da unidade didática					
14 - Autonomia na realização da unidade didática					
15 - Número de horas disponibilizadas na unidade didática					
16 - Atitudes e valores na realização da unidade didática					
17 - Avaliação geral da unidade didática					

18 Observações | sugestões: _____

ANEXO 14

Questionário aplicado aos alunos sobre a avaliação do desempenho da professora face à UD03 (Q2)



AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DA PROFESSORA

UNIDADE DIDÁTICA – O EU | O ESPELHO

Questionário – Alunos

Objetivo: Avaliar o desempenho docente ao longo da unidade didática.

O questionário é de natureza anónima e confidencial.

Agradecemos a sua colaboração.

Assinale com um **(X)** a opção que melhor traduz a sua opinião.

Sendo um **(1)** o valor mínimo e cinco **(5)** o valor máximo

1 - Não Satisfaz 2 - Satisfaz Pouco 3 - Satisfaz 4 - Bom 5 - Muito Bom

Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

	1	2	3	4	5
1 - Introdução da unidade didática					
2 - Exposição de conteúdos da unidade didática					
3 - Exposição dos objetivos da unidade didática					
4 - Exposição de estratégias metodologias a utilizar na unidade didática					
5 - Exposição de recursos a utilizar na unidade didática					
6 - Exposição de técnicas e materiais a utilizar na unidade didática					
7 - Facultação de documentação complementar às aulas sobre a unidade didática					
8 - Facultação de exemplos sobre a unidade didática					
9 - Disponibilização para o esclarecimento de dúvidas/questões da unidade didática					
10 - Acompanhamento no desenvolvimento da unidade didática					
11 - Motivação na realização da unidade didática					
12 - Criação de um ambiente agradável na realização da unidade didática					
13 - Consideração sobre as opiniões sugestões dos alunos na unidade didática					
14 - Avaliação geral do desempenho da professora na unidade didática					

15 – Observações| sugestões:

ANEXO 15

Grelha de avaliação da UD03

 9.º ANO TURMA I	I - TRABALHO 20% (Forma/Fundo)			Autoavaliação Final			Avaliação Final - I			II - TRABALHO 25% (Retrato Pop Art)			Autoavaliação Final			Avaliação Final - II			III - TRABALHO - 30% (Autorretrato)			Autoavaliação Final			Avaliação Final - III			MEMÓRIA DESCRITIVA 5%					Autoavaliação Final UD	Avaliação Saber Fazer - 80%	Avaliação Saber Ser - 20%	Avaliação Final UD	Quantitativa 1 a 5																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																														
	Qualidades			Criativas			Técnicas/Formais			Expressivas			Criativas			Técnicas/Formais			Expressivas			Qualidades			Autoavaliação Final			Avaliação Final - I			Avaliação Final - II			Avaliação Final - III			Postura			Tecnologia			Descrição			Língua Portuguesa			Avaliação Final																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		

ANEXO 16

Cartaz “Exposição - O Eu | O Espelho”

4 | 15
junho



ANEXO 17

Questionário aplicado aos alunos sobre a avaliação da visita de estudo (Q3)



VISITA DE ESTUDO
MUSEU DE ELECTRICIDADE | EXPOSIÇÃO: “RISO”

Questionário – Alunos

Objetivo: Avaliar a visita de estudo efetuada.

O questionário é de natureza anónima e confidencial. Uma resposta participativa, direta e sincera permitirá incorporar, numa próxima visita de estudo, os aspetos mais relevantes transmitidos pelos alunos.

Agradecemos a sua colaboração.

Assinale com um (X) a opção que melhor traduz a sua opinião.

1 - Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

2 - Tem por hábito visitar Museus|exposições?

Sim ☐ Não (passar à p. 4) ☐

3 - Com que frequência costuma visitar Museus|exposições?

- ☐ Mais de cinco vezes no último ano
- ☐ Entre duas a cinco vezes no último ano
- ☐ Uma vez no último ano

Em relação à visita de estudo...

4 - Considera que a informação prestada antes da realização da visita de estudo foi:

- ☐ Excessiva
- ☐ Suficiente
- ☐ Insuficiente

5 - Considera que o proposto e|ou realizado durante a visita de estudo foi:

- ☐ Muito interessante
- ☐ Interessante
- ☐ Pouco interessante

6 - Durante as explicações que foram sendo dadas pelo monitor do Museu esteve:

- ☐ Muito atento(a)
- ☐ Atento(a)
- ☐ Pouco atento(a)

7 - Interagiu|dialogou com o monitor do Museu durante a visita de estudo?

- ☐ Sim, pedi ajuda
- ☐ Sim, fui abordado(a)
- ☐ Não

8 - A visita de estudo ajudou-o a consolidar|ampliar os seus conhecimentos?

- ☐ Bastante
- ☐ Suficiente
- ☐ Não

9 - Considera que o seu comportamento durante a visita de estudo foi:

- ☐ Bom
- ☐ Satisfatório
- ☐ Pouco Satisfatório

10 - Considera que o comportamento geral da turma durante a visita de estudo foi:

- ☐ Bom
- ☐ Satisfatório
- ☐ Pouco Satisfatório

11 - Considera que o tempo dispensado para a visita de estudo foi:

- ☐ Excessivo/exagerado
- ☐ Adequado
- ☐ Reduzido/curto

12 - Considera que a organização da visita de estudo foi:

- ☐ Bom
- ☐ Satisfatório
- ☐ Pouco Satisfatório

13 - Como avalia a visita de estudo ao Museu de Electricidade?

- ☐ Bom
- ☐ Satisfatório
- ☐ Pouco Satisfatório

14 - Observações| sugestões:

ANEXO 18

Tabela de recolha de dados sobre a avaliação da visita de estudo (Q3)



VISITA DE ESTUDO
MUSEU DE ELECTRICIDADE | EXPOSIÇÃO: “RISO”

1 - Sexo	Feminino 10	Masculino 10
----------	----------------	-----------------

PS: Faltou 1 aluno

2 - Tem por hábito visitar museus exposições?	Sim	Não
	3	17

3 - Com que frequência costuma visitar Museus exposições?	
Mais de cinco vezes no último ano	1
Entre duas a cinco vezes no último ano	2
Uma vez no último ano	0

4 – Considera que a informação prestada antes da realização da visita de estudo foi:	
Excessiva	5
Suficiente	15
Insuficiente	0

5 - Considera que o proposto e ou realizado durante a visita de estudo foi:	
Muito interessante	11
Interessante	9
Pouco interessante	0

6 - Durante as explicações que foram sendo dadas pelo monitor do Museu esteve:	
Muito atento(a)	7
Atento(a)	13
Pouco atento(a)	0

7 – Interagiu dialogou com o monitor do Museu durante a visita de estudo?	
Sim, pedi ajuda	5
Sim, fui abordado(a)	7
Não	8

8 - A visita de estudo ajudou-o a consolidar ampliar os seus conhecimentos?	
Bastante	13
Suficiente	7
Não	0

9 - Considera que o seu comportamento durante a visita de estudo foi:	
Bom	18
Satisfatório	2
Pouco Satisfatório	0

10 - Considera que o comportamento geral da turma durante a visita de estudo foi:	
Bom	16
Satisfatório	4
Pouco Satisfatório	0

11 - Considera que o tempo dispensado para a visita de estudo foi:	
Excessivo/exagerado	1
Adequado	10
Reduzido/curto	9

12 - Considera que a organização da visita de estudo foi:	
Bom	16
Satisfatório	4
Pouco Satisfatório	0

13 – Como avalia a visita de estudo ao Museu de Electricidade?	
Bom	15
Satisfatório	5
Pouco Satisfatório	0

14 - Observações | sugestões:

- “Gostaria de ter tido mais tempo para passear no exterior do museu”;
- “Adorava ter tido mais tempo para aproveitar a ida ao CCB, quem sabe até almoçar por Belém.”;
- “Queria ter realizado todas as experiências. Não deu tempo. Pena.”;
- “Para a próxima vez temos de ficar o dia todo para aproveitar tudo.”;
- “Gostaria de ter tido mais tempo para fazer novamente a visita, mas sozinho.”;
- “Foi pena não ter tido tempo para fazer registos (desenhos).”.

ANEXO 19

Pedido de transporte



Pedido de Transporte

Modalidade	Educação Visual	
Dia/Mês/Ano	23/01/2013	
Horas previstas	Partida 09:00	Chegada 13:30
Número de alunos a transportar	24 + 20 = 44 Alunos 4 Professores	
Local onde a atividade se realiza	Belém – Museu de Electricidade	
Professor/Responsável pela atividade	Vanda Apolinário	
Percurso	> Escola (09:00) > Belém (10:00 às 13:00) > Escola (13:30)	
Custo por aluno	3 Euros	
Observações: Autocarro da empresa “Barraqueiro Transportes S.A.”		

ANEXO 20

Pedido de autorização aos Encarregados de Educação



Assunto: **Visita de Estudo – Museu de Electricidade e Exposição “Riso”**

Ex. mos/as Senhores/as Encarregados/as de Educação

No âmbito da disciplina de Educação Visual irá realizar-se uma visita de estudo não só ao Museu de Electricidade, mas também à exposição multidisciplinar “Riso”, que conta com pintura, desenho, instalações, vídeo, fotografia, escultura e performances, cinema, BD, programas de televisão, espetáculos, literatura, obras de artistas nacionais e internacionais, oriundas de alguns dos mais importantes museus e coleções particulares.

A pertinência da realização desta visita de estudo tem como principal objetivo, a ligação teórico-prática dos conteúdos previstos no currículo da disciplina, a motivação e inspiração dos alunos para a realização dos seus trabalhos.

As visitas são gratuitas sendo apenas necessário pagar o valor do transporte, correspondente a 3 euros.

A visita irá realizar-se nos seguintes dias:

- 10 janeiro – 5^ªf - **9^ºG e 9^ºH** – 9:00 - 13:30
- 16 janeiro – 4^ªf - **9^ºB e 9^ºD** – 9:00 - 13:30
- 22 janeiro – 3^ªf - **9^ºC e 9^ºE** – 9:00 - 13:30
- 23 janeiro – 4^ªf - **9^ºI e 9^ºJ** – 9:00 - 13:30
- 24 janeiro – 5^ªf - **9^ºA e 9^ºF** – 9:00 - 13:30

M^a Teresa Guimarães/Vanda Apolinário
(Professoras de Educação Visual)

Prof. Augusto Salvador
(Diretor Pedagógico)

(Preencher, recortar e entregar juntamente com a quantia acima referida à Professora de Educação Visual)

EDUCAÇÃO VISUAL

Visita de Estudo - MUSEU DE ELETRICIDADE e EXPOSIÇÃO “RISO”

Eu, Encarregado(a) de Educação do Aluno(a) _____ N^º _____
da Turma _____, do 9^º Ano, **autorizo / não autorizo** (*riscar o que não interessa*) o meu educando
a realizar a visita de estudo ao Museu de Electricidade, para visitar o Museu de Electricidade e a
Exposição “RISO”.

(O/A Encarregado(a) de Educação)

ANEXO 21

Análise de dados sobre a avaliação da visita de estudo (Q3)



ANÁLISE DE DADOS SOBRE A AVALIAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO AO MUSEU DE ELECTRICIDADE (Q3)

1.1. NÚMERO TOTAL DE ALUNOS DA TURMA

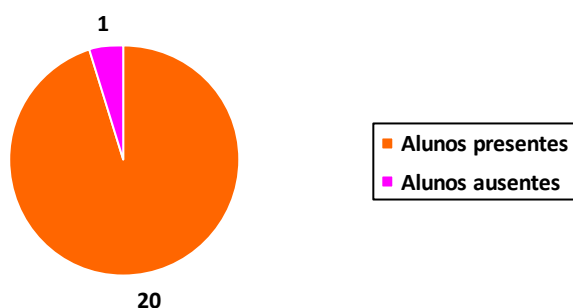


Gráfico 1. Número de alunos da turma que responderam a Q3

1.2. NÚMERO DE ALUNOS QUANTO AO GÊNERO

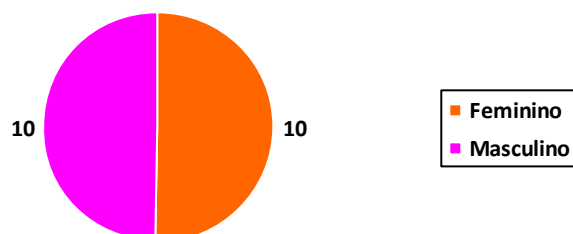


Gráfico 2. Número de alunos da turma que responderam à questão 1 de Q3.

1.3. HÁBITO VISITAR MUSEUS | EXPOSIÇÕES

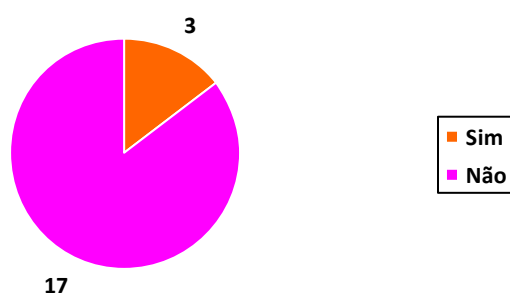


Gráfico 3. Número de alunos da turma que responderam à questão 2 de Q3.

1.4. FREQUÊNCIA DE VISITAS A MUSEUS|EXPOSIÇÕES

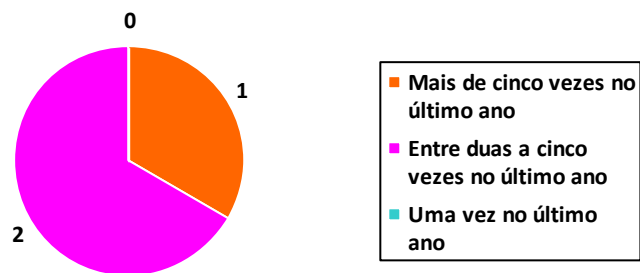


Gráfico 4. Número de alunos da turma que responderam à questão 3 de Q3.

1.5. INFORMAÇÃO PRESTADA ANTES DA REALIZAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO

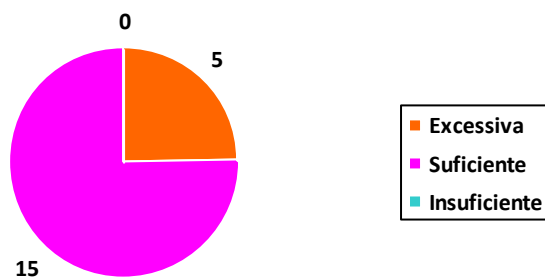


Gráfico 5. Número de alunos da turma que responderam à questão 4 de Q3.

1.6. PROPOSTO E|OU REALIZADO DURANTE A VISITA DE ESTUDO

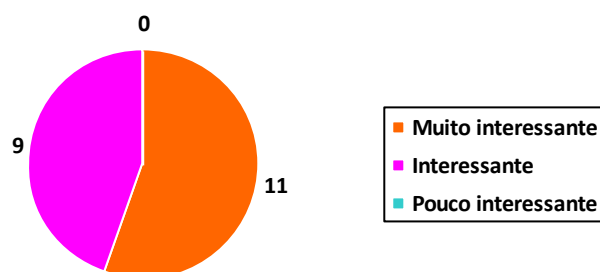


Gráfico 6. Número de alunos da turma que responderam à questão 5 de Q3.

1.7. POSTURA DURANTE AS EXPLICAÇÕES DO MONITOR DO MUSEU

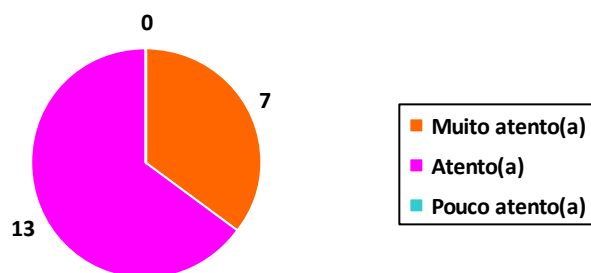


Gráfico 7. Número de alunos da turma que responderam à questão 6 de Q3.

1.8. INTERAÇÃO COM O MONITOR DO MUSEU DURANTE A VISITA DE ESTUDO

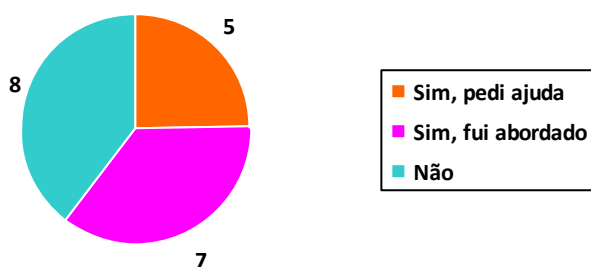


Gráfico 8. Número de alunos da turma que responderam à questão 7 de Q3.

1.9. CONSOLIDAÇÃO | AMPLIAÇÃO CONHECIMENTOS DURANTE A VISITA DE ESTUDO

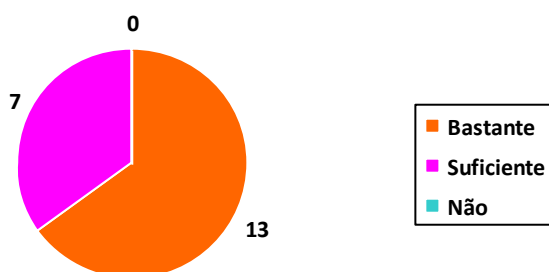


Gráfico 9. Número de alunos da turma que responderam à questão 8 de Q3.

1.10. COMPORTAMENTO INDIVIDUAL DURANTE A VISITA DE ESTUDO

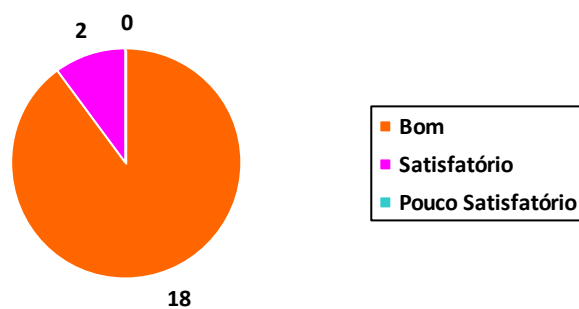


Gráfico 10. Número de alunos da turma que responderam à questão 9 de Q3.

1.11. COMPORTAMENTO GERAL DA TURMA DURANTE A VISITA DE ESTUDO

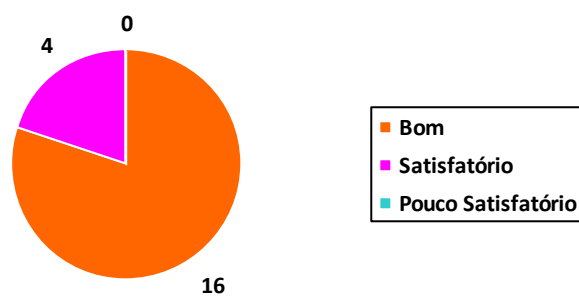


Gráfico 11. Número de alunos da turma que responderam à questão 10 de Q3.

1.12. TEMPO DISPENSADO PARA A VISITA DE ESTUDO

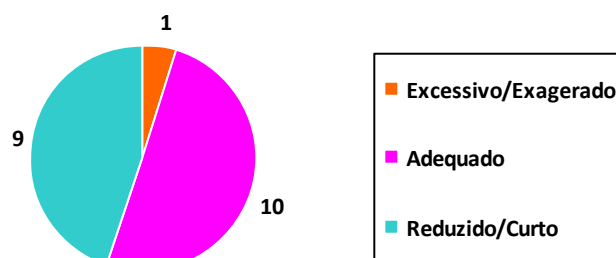


Gráfico 12. Número de alunos da turma que responderam à questão 11 de Q3.

1.13. ORGANIZAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO

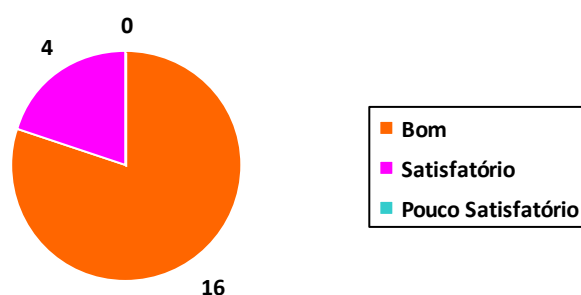


Gráfico 13. Número de alunos da turma que responderam à questão 12 de Q3.

1.14. AVALIAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO

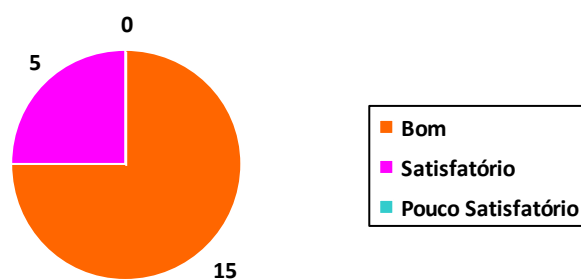


Gráfico 14. Número de alunos da turma que responderam à questão 13 de Q3.

1.15. OBSERVAÇÕES|SUGESTÕES

Seis dos vinte alunos que responderam ao questionário realizaram as seguintes observações|sugestões (passo a transcrever):

- “Gostaria de ter tido mais tempo para passear no exterior do museu”;
- “Adorava ter tido mais tempo para aproveitar a ida ao CCB, quem sabe até almoçar por Belém.”;
- “Queria ter realizado todas as experiências. Não deu tempo. Pena.”;
- “Para a próxima vez temos de ficar o dia todo para aproveitar tudo.”;
- “Gostaria de ter tido mais tempo para fazer novamente a visita, mas sozinho.”;
- “Foi pena não ter tido tempo para fazer registos (desenhos).”.

ANEXO 22

Tabela de recolha de dados sobre a avaliação final da
UD03 (Q1)



AVALIAÇÃO DA UNIDADE DIDÁTICA – O EU | O ESPELHO

Sexo	Feminino 10	Masculino 10
------	----------------	-----------------

PS: Faltou 1 aluno

	1	2	3	4	5
1 - Unidade didática			2	6	12
2 - Conteúdos da unidade didática				3	17
3 - Objetivos da unidade didática			2	3	15
4 - Estratégias metodologias utilizadas na unidade didática			2	2	16
5 - Recursos utilizados na unidade didática				2	18
6 - Técnicas e materiais utilizados na unidade didática					20
7 - Meios de avaliação utilizados na unidade didática				2	18
8 - Contribuição para o desenvolvimento de técnicas anteriormente aplicadas na disciplina			5	10	5
9 - Contribuição para a aquisição de conhecimentos			4	5	11
10 - Contribuição para o desenvolvimento da interpretação, da criatividade e da imaginação			2	4	14
11 - Contribuição para o interesse pela leitura e decodificação de obras de arte			5	5	10
12 - Qualidade estética da unidade didática			5	7	8
13 - Rigor na concretização da unidade didática			5	8	7
14 - Autonomia na realização da unidade didática			5	10	5
15 - Número de horas disponibilizadas na unidade didática			2	7	11
16 - Atitudes e valores na realização da unidade didática		1	6	8	5
17 - Avaliação geral da unidade didática				6	14

18 - Observações | sugestões:

- “Gostaria de ter realizado o meu retrato a computador.”;
- “Julgo que poderíamos fazer uma parte do trabalho na disciplina de TIC.”;
- “Podíamos ter levado o portátil e fazer também o trabalho com um programa informático, como o Photoshop.”;
- “O trabalho podia ter sido desenvolvido mais cedo para ficar exposto mais tempo”;
- “Observar exemplos de obras e trabalhos dos meus colegas ajudou-me a desenvolver ideias, técnicas e a ter mais criatividade/originalidade”.

ANEXO 23

Tabela de recolha de dados sobre a avaliação do desempenho da professora face à UD03 (Q2)



AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DA PROFESSORA

UNIDADE DIDÁTICA – O EU | O ESPELHO

Sexo	Feminino 10	Masculino 10
------	----------------	-----------------

PS: Faltou 1 aluno

	1	2	3	4	5
1 - Introdução da unidade didática				2	18
2 - Exposição de conteúdos da unidade didática				3	17
3 - Exposição dos objetivos da unidade didática				4	16
4 - Exposição de estratégias metodologias da unidade didática			1	6	13
5 - Exposição de recursos da unidade didática			1	4	15
6 - Exposição de técnicas e materiais da unidade didática				2	18
7 - Facultação de documentação complementar na unidade didática			1	5	14
8 - Facultação de meios exemplos na unidade didática			2	5	13
9 - Disponibilização para o esclarecimento de dúvidas questões na unidade didática			1	4	15
10 - Acompanhamento no desenvolvimento do processo na unidade didática				4	16
11 - Motivação na realização da unidade didática			1	4	15
12 - Criação de um ambiente agradável na realização da unidade didática				3	17
13 - Consideração sobre as opiniões sugestões dos alunos na unidade didática			2	3	15
14 - Avaliação geral do desempenho da professora na unidade didática				3	17

15 – Observações | sugestões:

-“A professora podia levar-nos à biblioteca da escola para realizar a pesquisa de obras de arte.”;

-“ Seria interessante realizar a recolha de imagens na aula de TIC, se a professora tivesse pedido.”;

-“Podia ter substituído o 1.º trabalho, por um feito a computador.”.